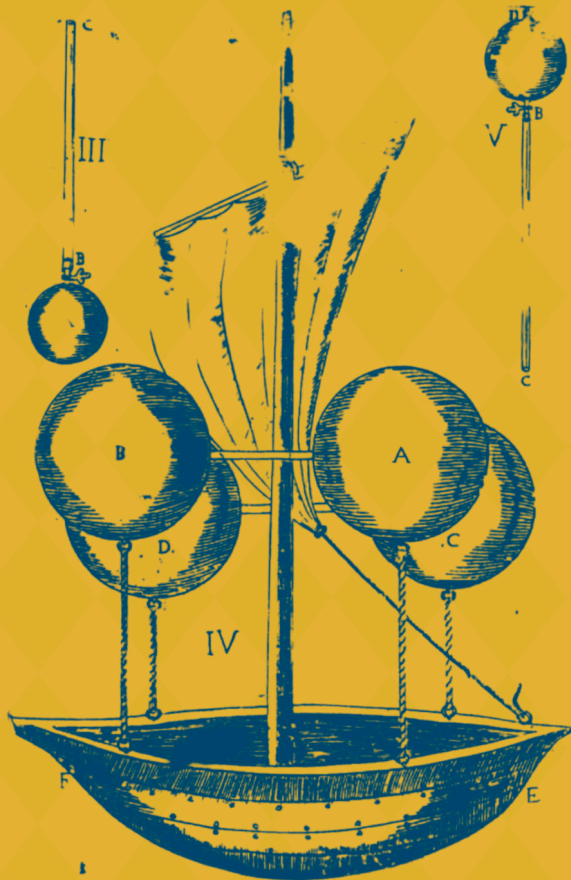




DA FILOSOFIA À TÉCNICA

ENSAIOS SOBRE ÁLVARO VIEIRA PINTO



LUIZ CARLOS MONTANS BRAGA

DA FILOSOFIA À TÉCNICA

Comitê Editorial da



Dante Ramaglia (UNCUYO - Argentina)

Yamandú Acosta (UDELAR - Uruguai)

Fernando Vergara Henríquez (Universidad Católica

Silva Henríquez – Chile)

Gilberto Mendonça Teles (PUC-RJ)

Márcio José Silveira Lima (UFSB)

Marcos Carvalho Lopes (UNILAB)

Rafael Hadock-Lobo (UFRJ)

Renato Noguera (UFRRJ)

Ronie Alexandro Teles da Silveira (UFSB)

Susana de Castro (UFRJ)

Charles Feitosa (UNIRIO)

Wanderson Flor Nascimento (UNB)

Ivan Melo (UNILAB)

Sérgio Schaefer (UNISC)

DA FILOSOFIA À TÉCNICA

ENSAIOS SOBRE ÁLVARO VIEIRA PINTO

Luiz Carlos Montans Braga



Diagramação: Marcelo Alves

Capa: Gabrielle do Carmo

Fotografia / Imagem de Capa: Francesco Lana Terzi. Projeto de barca voadora, 1670, extraído de sua obra Prodomo.



A Editora Fi segue orientação da política de distribuição e compartilhamento da Creative Commons Atribuição-Compartilhual 4.0 Internacional https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F488f

Braga, Luiz Carlos Montans

Da filosofia à técnica: ensaios sobre Álvaro Vieira Pinto [recurso eletrônico] / Luiz Carlos Montans Braga. – Cachoeirinha : Fi, 2025.

142p.

ISBN 978-65-5272-130-3

DOI 10.22350/9786552721303

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Filosofia – Álvaro Vieira Pinto. I. Título.

CDU 141

Catalogação na publicação: Mônica Ballejo Canto – CRB 10/1023

SUMÁRIO

Apresentação	7
Um filósofo do Brasil?.....	7
Galeria de fotos	9
1	15
Prometeu tropical: Álvaro Vieira Pinto, ciência e existência	
1. Duas ou três palavras.....	15
2. Ciência, filosofia, cancelamentos.....	17
Referências.....	23
2	25
Álvaro Vieira Pinto e a filosofia política da técnica	
1. Introdução.....	25
2. Notas sobre a filosofia do desenvolvimento.....	29
3. Amanualidade, trabalho e o viés ético-político da técnica.....	38
4. Notas finais.....	46
Referências.....	50
3	55
Lógica dialética e lógica formal: Álvaro Vieira Pinto e a natureza da luz	
1. Mapa e bússola.....	55
2. As duas lógicas.....	58
3. Onda ou partícula?.....	74
Referências.....	83
4	87
A sofisticação do trabalho: o nó geopolítico desatado por Álvaro Vieira Pinto	
1. O velho, o novo e o desenvolvimento.....	87
2. O nó geopolítico.....	94
Referências.....	96
5	97
Filosofia, alienação, dominação: Álvaro Vieira Pinto e o conceito de tecnologia	
1. O ponto de vista do infinito e o tabelião de ideias.....	97
2. Os fora-de-si e a epistemologia da técnica.....	101
3. Tecnologia e dominação.....	109
4. Conclusão em forma de excursão: o congelamento do poder mundial.....	114
Referências.....	117

6

121

Metamorfoses da filosofia *mainstream*: o curso regular de filosofia de Álvaro Vieira Pinto

1. Breve contexto.....	121
2. O <i>Curso Regular de Filosofia</i> : retrato do engatinhar da metamorfose	123
3. Notas finais	136
Referências.....	138

Sobre o autor

141

APRESENTAÇÃO

Um filósofo do Brasil?

Os capítulos a seguir, forjados como ensaios – tal qual definiu Montaigne o gênero, ou seja, tentativas de abarcar o objeto, sem pretensão de totalidade –, são o resultado de pesquisas que se iniciaram em meados de 2019.

Depois de passar anos na academia pesquisando autores do cânone filosófico, tais como Espinosa, Maquiavel, Hobbes, voltei à velha, porém sempre nova, porque clássica, questão da filosofia do Brasil. E ela me levou a Álvaro Vieira Pinto. Que há filosofia no Brasil, é consenso. O problema é a existência de uma filosofia do Brasil. A questão gira em torno do “do” que extrapola o “no”. Não que seja uma filosofia brasileira. Não se trata disso. A filosofia abarca questões universais, é um saber universal. Portanto, pode tratar, também, eventualmente, de coisas do Brasil, mas de uma perspectiva do infinito, como sintetiza Vieira Pinto em *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*. Isto é, as questões da filosofia são questões universais, que tratam de temas não geograficamente localizáveis – conhecimento e seus limites, ética, moral, política, o belo, a justiça, a vida, a morte e um etc. bem amplo. Restaria saber se algum filósofo brasileiro foi capaz desse salto ao infinito, típico da filosofia, tal qual o foram os autores considerados canônicos na história das ideias.

Após ler e ouvir Paulo Margutti, entre outros defensores da tese da existência de uma filosofia “do” Brasil, bem como Ivan Domingues e colegas que gravitam em torno de suas ideias, defensores da posição do “no”, a questão me pareceu resolvida quando da leitura das primeiras páginas de *O Conceito de Tecnologia*. Trata-se de obra póstuma de Álvaro

Vieira Pinto acerca do tema, publicada em dois volumes, em 2005, pela *Contraponto*, a primeira do autor que me caiu em mãos.

Vieira Pinto, sem motivo a qualquer dúvida, é um filósofo do Brasil – e universal, como demanda o conceito de filosofia. Espero que os ensaios a seguir possam ser suficientes como resposta à questão da existência, ou não, de uma filosofia do Brasil. Os ensaios não tratam diretamente da questão. Mas, ao analisar o pensamento de Vieira Pinto, suas teses sofisticadas e originais, trazem como corolário a resposta.

Um último aviso aos sete leitores deste livro. Optei por não fazer modificações e cortes significativos nos capítulos – originalmente, artigos publicados em revistas acadêmicas –, para melhorar a fluidez da leitura e não truncar a argumentação. Assim, alguns temas e ideias se repetem, aqui e ali, para privilégio da economia argumentativa interna dos capítulos. Essa escolha traz a consequência de que os capítulos podem ser lidos fora da ordem em que aparecem no livro.

GALERIA DE FOTOS



Fig. 1 – Álvaro Vieira Pinto quando jovem adulto (fonte: <https://alvarovieirapinto.org/recursos/fotos/>)



Fig. 2 e 3 – Álvaro Vieira Pinto (fonte: <https://alvarovieirapinto.org/recursos/fotos/>)



Fig. 4 – Com a sobrinha, Mariza Siqueira Vieira Pinto, depois Marisa Urban (fonte: <https://alvarovieirapinto.org/recursos/fotos/>)



Fig. 5 – No ISEB, aula inaugural, 1956 (fonte: <https://alvarovieirapinto.org/recursos/fotos/>)



Fig. 6 – Sede do ISEB, na Rua das Palmeiras, Bairro de Botafogo, Rio de Janeiro-RJ, 1955 (fonte: <https://alvarovieirapinto.org/recursos/fotos/>)



Fig. 7 – Com Roland Corbier (fonte: <https://alvarovieirapinto.org/recursos/fotos/>)



Fig. 8 – Encontro com Sartre (fonte: <https://alvarovieirapinto.org/recursos/fotos/>)

1910
Ao Sr. Jorge Roux
a amizade e a
admiração de
Alvaro Pinto




Fig. 9 – Assinatura de AVP a Jorge Roux em exemplar de Ideologia e Desenvolvimento Nacional (fonte: <https://alvarovieirapinto.org/recursos/assinaturas/>)

1

PROMETEU TROPICAL: ÁLVARO VIEIRA PINTO, CIÊNCIA E EXISTÊNCIA ¹

A teoria não está ausente na obra dos pesquisadores, que aparentemente se despreocupam destas discussões chamadas “especulativas”; o que está ausente é a consciência dela. Álvaro Vieira Pinto. *Ciência e existência*².

1. Duas ou três palavras

Álvaro Vieira Pinto³ nasceu póstumo, tal como Espinosa e Nietzsche. Sofreu, eis uma hipótese, um injusto “assassinato de reputação” intelectual. Admirado por pensadores da estatura de Gérard Lebrun, da USP, que dele muito divergiu (LEBRUN, 2005, pp. 165–200)⁴, não obstante foi defenestrado por boa parte da academia. Ou, como dizem alguns estudiosos da obra, foi enterrado vivo em seu próprio país.

Mesmo com este apagamento, sua obra, reeditada e reestudada nos últimos anos, revela um pensador originalíssimo. Talvez mais: fundamental. Especialmente a nós, situados na periferia do capitalismo, em um país subdesenvolvido.

Soma-se à fortuna crítica parcial (no duplo sentido do termo) acerca das obras publicadas aquela que existe em quantidade ainda

¹ Publicado originalmente em: MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. PROMETEU TROPICAL: ÁLVARO VIEIRA PINTO, CIÊNCIA E EXISTÊNCIA. *Revista Ideação*, v. 1, n. 44, p. 313–319, 2021. Uma versão mais enxuta foi publicada no Jornal *Gazeta do Povo*, com o título *Álvaro Vieira Pinto: entre cancelamentos e problemas filosóficos da pesquisa científica*. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniaao/artigos/alvaro-vieira-pinto-cancelamentos-problemas-filosoficos-pesquisa-cientifica>. Acesso em: 08 ABR 2025.

² VIEIRA PINTO, 2020, p. 20.

³ Para um panorama muito bem construído sobre a vida e a obra de Álvaro Vieira Pinto, consultar: GONZATTO e MERKLE, 2016, pp. 286-310.

⁴ Neste ensaio Lebrun critica, respeitosamente, as teses de Vieira Pinto presentes em *Consciência e realidade nacional*.

tímida sobre o seu – talvez – mais original livro, a saber, *O Conceito de Tecnologia* (VIEIRA PINTO, 2005). Fortuna crítica aquém do esperado dado o fôlego da obra⁵, neste caso também porque o livro veio à luz apenas em 2005, já muitos anos depois do falecimento do filósofo, ocorrido em 1987. Graças a um manuscrito datilografado pela esposa de Vieira Pinto, revisado pelo autor, que passou de mão em mão e chegou ao editor da *Contraponto*, César Benjamin, tivemos acesso a esse ensaio de um dos mais sofisticados autores do pensamento nacional e universal. Tese original, pensada a partir dos problemas dos países subdesenvolvidos, costura argumentos ousados e muito lúcidos. E, não podemos deixar de dizer, corajosos. Por exemplo, destrona Heidegger de seu pedestal hermenêutico e o acusa de obscurantismo conceitual. Esses excertos do livro já valeriam a leitura não pelo fato de Vieira Pinto simplesmente discordar das teses de Heidegger, mas por o fazer com finíssima argumentação e lucidez irretocáveis (VIEIRA PINTO, 2005, pp. 150-154).

Ao sugerir a nossa saída do senso comum filosófico, de uma prática colonizada de análise de textos, Álvaro Vieira Pinto, que dominava várias línguas (SAVIANI, 1993, pp. 09-27)⁶ e linhagens filosóficas, desponta por ter ousado usar seu vasto repertório a favor de teses muito originais, feitas a partir e para os países subdesenvolvidos, articulando conceitos como consciência crítica, nacionalismo, desenvolvimentismo

⁵ Nos últimos anos esta obra de Vieira Pinto tem sido mais estudada pelos comentadores, o que se verifica pela publicação de ensaios de qualidade. Algo muito aquém em quantidade, entretanto, do que se esperaria de uma obra desta envergadura, especialmente na área de origem de Vieira Pinto, a filosofia. Ver, como exemplos de ensaios sobre a obra na área da filosofia, os seguintes textos: CARVALHO, 2017, pp. 21-30. Igualmente, articulando esta obra a outras de Vieira Pinto, ver: CARVALHO, 2020, pp. 303-322.

⁶ De acordo com entrevista feita em julho de 1981. Vieira Pinto, infere-se da entrevista [pp. 14-15], dominava grego, latim, inglês, francês, alemão, russo, espanhol, italiano, além de conhecer um pouco de sérvio-croata, que aprendeu em razão do exílio na Iugoslávia para ler os jornais do país. Somadas ao português, são 10 línguas. Segundo Merkle e Gonzatto, tendo como fonte livro de José Ernesto de Fávéri, seriam 12 línguas (GONZATTO e MERKLE, 2016, p. 309, nota 135).

e tecnologia, tudo isso a partir de um olhar filosófico, o que é absolutamente novo em estudos dessa área realizados no Brasil.

Por outro lado, em viés estritamente acadêmico, seguindo o figurino francês, sua tese de doutorado sobre Platão, defendida na Sorbonne, foi bem recebida e elogiada. Tempos depois da defesa de cátedra no Brasil, na Universidade do Brasil, futura UFRJ, assume o ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) e, com o golpe civil-militar de 64, sofre perseguição e assassinato de reputação. Aprisionaram o pensador em seu próprio país, como um Prometeu dos trópicos, logo após sua volta do exílio em 1968 – inicialmente cumprido na Iugoslávia, por um ano, e posteriormente no Chile. Fato lamentável do ponto de vista intelectual e político, pois se tratava de uma das mentes mais brilhantes e originais do Brasil, em área a nós algo exótica, flor no deserto, a filosofia.

Mal compreendido por figuras da altura intelectual do Padre Lima Vaz (VAZ, 1962, pp. 92-109), tem sido redescoberto no interior mesmo de sua vasta e densa obra, principalmente depois das publicações de 2005, acima referidas, e uma de 2008, que será indicada a seguir, o que é um alento ao campo das ideias em terras brasileiras.

2. Ciência, filosofia, cancelamentos

A editora Contraponto, surfando a ainda tímida onda de redescoberta de Vieira Pinto, reeditou *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*, escrito originalmente no Chile, nos tempos do exílio do autor, em 1967 (VIEIRA PINTO, 2020, p. 09), e depois publicado no Brasil pela editora Paz e Terra, em 1969, e por esta mesma editora reeditado em 1979 e em 1985.

A mesma *Contraponto* publicou, em 2008 – graças ao árduo trabalho de investigação e pesquisa do professor José Ernesto de Fáveri –, os

manuscritos de *A sociologia dos países subdesenvolvidos* (VIEIRA PINTO, 2008). Livro igualmente inescapável do filósofo brasileiro, o qual densifica e desdobra argumentos presentes em artigo publicado em 1963, *Indicações metodológicas para a definição do subdesenvolvimento* (VIEIRA PINTO, 1963).

O livro *Ciência e existência* apresenta as teses de Vieira Pinto sobre os problemas filosóficos da pesquisa científica. Analisa, igualmente, seus fundamentos necessariamente ético-políticos e históricos. Tudo isso, sempre, sob o foco da luz ultra branca da filosofia. Mais uma vez o autor nos surpreende com sua formação múltipla, que passou pela medicina, física, matemática e veio a se fixar na filosofia.

Do ponto de vista da estrutura, *Ciência e existência* é longo – 528 páginas – e dividido em 22 capítulos. Não tratarei do tema de cada capítulo, mas chamarei a atenção para alguns pontos-chave presentes nesta divisão. O capítulo I é um desses pontos, na medida em que estabelece as principais intenções e teses do livro. O título já indica a tese do fundamento filosófico e da importância das teorias filosóficas para o estabelecimento da natureza da pesquisa científica e de seus problemas. Com efeito, este capítulo se intitula *A necessidade da compreensão filosófica da pesquisa científica*. Nos excertos citados abaixo, essas questões referidas no título do capítulo I são apresentadas com mais pormenores. Deve chamar a atenção do leitor a tese presente no título do capítulo V, a saber, *A historicidade da razão e a origem do conhecimento metódico*. A seguir, no capítulo VI, Vieira Pinto propõe uma *Teoria da cultura*. Todos estes temas presentes em um livro sobre pesquisa científica, eis o ponto importante. No capítulo XII, após tratar de questões de lógica formal e lógica dialética, entre outras, Vieira Pinto propõe discutir *Os condicionamentos materiais, culturais e sociais do*

trabalho científico. Assim, a tese da ciência neutra e desvinculada do terreno de onde surgiu é novamente posta em xeque.

Para arrematar o caráter social, ético, histórico e político da prática científica, Álvaro Vieira Pinto ainda dedica alguns capítulos a estas questões de fundo tão determinantes da pesquisa científica. No capítulo XVI, por exemplo, trata do tema *A consciência, a alienação do trabalho e o método científico*. No capítulo XXI, tematiza os *Fundamentos sociais da consciência do pesquisador* para, ao final do livro, no capítulo XXII, tratar *A ciência como processo histórico de domínio da natureza pelo homem*. Aqui Vieira Pinto aborda, por meio de seus refinados argumentos filosóficos, a tese já presente em Descartes, a saber, dos homens como “senhores e possuidores da natureza” (DESCARTES, 1996, p. 116). Porém, dado o materialismo de Vieira Pinto e os fundamentos histórico-sociais de seu sistema filosófico, as conclusões serão diversas das cartesianas.

Algumas passagens da obra dão o quilate da filosofia de Vieira Pinto:

Uma filosofia da pesquisa científica, que incorporará naturalmente toda a reflexão sobre a metodologia da investigação, a lógica do raciocínio científico e a sociologia da ciência, é o pressuposto indispensável à formação da consciência do trabalhador neste campo da cultura, tão indispensável quanto os conhecimentos particulares técnicos de que deve estar munido para empreender sua atividade. A reivindicação desta exigência de formação teórica do pesquisador é a primeira, e talvez a mais importante tese que desejamos defender nestas páginas. A satisfação dessa exigência, claro está, só pode ser atendida por uma séria, cuidadosa e profunda, embora condensada, preparação filosófica daqueles que se dedicam à carreira da pesquisa, especialmente os contingentes jovens que mal estão despertando para a verdade do trabalho a que pretendem generosamente dedicar sua existência. (VIEIRA PINTO, 2020, p. 16)

No mesmo sentido: “A teoria não está ausente na obra dos pesquisadores, que aparentemente se despreocupam destas discussões

chamadas ‘especulativas’; o que está ausente é a consciência dela.”
(VIEIRA PINTO, 2020, p. 20)

E para assinalar, de maneira ainda mais enfática, o fundamento histórico do conhecimento, incontornável até mesmo ao *cogito*, afirma o autor:

O fato do conhecimento, que tomamos por ponto de partida para a nossa reflexão teórica, é o fato histórico do conhecimento, na sua máxima amplitude, como manifestação concomitante ao desenvolvimento da escala da evolução biológica. O conhecimento existe desde que a organização da matéria começa a tomar o caráter que a diferenciara, enquanto sistema vivo, do restante da natureza, que permanecerá inerte. É um dado indisputável da ciência que a matéria existe e sempre existiu em estado de transformação permanente, que uma parte dela se diferencia num processo particular, que constitui a evolução biológica, geradora de todos os seres vivos. [...]

Somente uma concepção metafísica, que isola o indivíduo do processo histórico, e o faz contemplar-se introspectivamente, pode propor o problema do conhecimento em termos da procura de um ponto de partida indubitável, que deva estar necessariamente situado no interior do espírito individual. [...] A inserção do “*cogito*”, na sua base histórica, desmascara a ingenuidade essencial que o afeta. Como filósofo, posso ignorar o processo histórico, e imaginar-me uma consciência original, primordial, que se propõe “fundar” o conhecimento, segundo desejaram Descartes ou Husserl; mas o processo histórico não me ignora; tanto assim é que a ele devo a formação cultural que me induz, nesse sentido a título de instrumento do processo objetivo, a propor a mim mesmo questões desta espécie, por motivos que me parecem absolutos, originais, decorrentes espontânea e incondicionalmente da minha subjetividade, mas que têm na verdade explicação nas circunstâncias momentâneas e locais pelas quais está passando o processo da realidade social a que pertença. (VIEIRA PINTO, 2020, pp. 25-27)

E arremata o filósofo:

A consciência tem, desde o seu aparecimento, e por necessidade do seu processo constitutivo, a dimensão social.

O indivíduo cria a própria consciência no âmbito de uma consciência social que o envolve, o antecede, o condiciona. [...] Em todas as etapas superiores,

o animal apreende o mundo em que se encontra segundo formas e modos que se vão desenvolvendo progressivamente, sempre no sentido do aparecimento e aperfeiçoamento de mecanismos de colaboração entre os membros da espécie para o fim de conquistar melhor percepção da realidade que lhes é acessível conhecer, dado o grau de organização biológica, e particularmente do sistema nervoso, que possuem. [...] Em todas as espécies, e na acepção mais lata em que o podemos enquadrar, o conhecimento é o reflexo da realidade adquirido pela capacidade perceptiva que o ser vivo, segundo sua possibilidade de organização vital, está habilitado a fazer dessa realidade. (VIEIRA PINTO, 2020, pp. 28-29)

Não é preciso muito esforço cognitivo, nem muitas citações mais, para perceber tanto a altura intelectual de Vieira Pinto, quanto a capacidade do autor de se fazer claro sem perder qualquer grau de densidade filosófica que a matéria sobre a qual se debruça demanda.

Por fim, uma passagem da vida do autor que diz muito sobre dois pontos diversos. Primeiro, por um lado, o enorme respeito de ao menos um intelectual uspiano por Vieira Pinto, não obstante as discordâncias explicitadas em resenha publicada – refiro-me a Gérard Lebrun (2005, pp. 165-200)⁷. Segundo, por outro lado, o incômodo que a autonomia intelectual e a originalidade filosófica de Vieira Pinto provocavam em alguns intelectuais da mesma USP. O fato é narrado em livro de José Ernesto de Fáveri, *O legado de Álvaro Vieira Pinto na voz de seus contemporâneos*, no momento em que entrevista Jorge Roux, que estudou filosofia na USP, foi professor desta disciplina em diversas escolas e universidades e que frequentou o apartamento de Vieira Pinto no período em que este último estava exilado no próprio país.

Afirma Jorge Roux a Fáveri, na entrevista:

Fáveri: Contra quais ideias, posições políticas, a postura do autor se manteve mais forte?

⁷ Como já indicado no início deste capítulo, trata-se do ensaio em que Lebrun critica, respeitosamente, as teses de Vieira Pinto presentes em *Consciência e realidade nacional*.

Roux: A dominação externa pelo imperialismo. Todos os autores que tivessem dimensão filosófica, ele acolhia, estudava, debatia. Não dava importância ao jornalismo filosófico, isto é, escrever filosofia nos jornais, a não ser que fosse um autor de envergadura, por bem ou por mal, como era o pessoal do ISEB e o pessoal da USP. O professor José Arthur Giannotti, professor de Filosofia e Lógica na USP, ficou com Vieira Pinto e seu nacionalismo "engasgados". Na época, como eu conhecia os membros do diretório acadêmico daquela universidade, logo após a palestra de Vieira Pinto, o professor José Artur Giannotti se aproximou e me falou: "Olha! Fale com o pessoal do diretório que eu também quero fazer uma palestra!". Claro que ele era um professor de prestígio na época e o diretório arrumou uma data para que ele pudesse, também, dar a sua palestra. Naturalmente um pouco ressentido com a audiência que teve Vieira Pinto, e como ele era um professor prestigiado dentro da USP, inclusive pelo professor Gérard Lebrun. Enfim, Giannotti proferiu sua palestra e foi também muito prestigiado. Era um intelectual respeitado e suas divergências com Álvaro eram por conta da sua obscuridade na forma de pensar, ou seja, para dizer as coisas não era transparente. Seu pensamento não chegava ao público, e quando chegava era um público restrito.

Fáveri: Porque o professor Giannotti tinha ressalvas ao pensamento do Vieira Pinto? Roux: Porque Vieira Pinto propunha uma ortodoxia nacionalista em termos de solução dos problemas nacionais e a grande parte dos professores da USP eram formados na França, de uma dimensão universal, que não se prendia demais às fronteiras do nacionalismo. Aí não era só Giannotti, mas fazia parte, também, João Cruz Costa, Bento Prado Junior, Michel Debrun, Gérard Lebrun, Denis Luz e Marcelo Dascau (aluno de Giannotti), eles eram considerados instrumentos para nos defender no sentido de não sermos vítima da xenofobia do nacionalismo tradicionalista. Claro que Vieira Pinto, ao fazer a palestra na USP, e foi brilhante, não no sentido demagógico e discursivo, mas porque sabia muito, Gérard Lebrun, que nunca interrompia uma aula por nada desse mundo, naquele dia em que Vieira Pinto proferiu a palestra, o ilustre professor Gérard, que escreveu um artigo contra o livro *Consciência e realidade nacional*, criticando e fazendo ressalvas a Vieira Pinto, interrompe a sua aula e pede para que os alunos assistam à palestra de Vieira Pinto. Esta atitude de Lebrun afetou Giannotti, sentiu-se desprestigiado, porque também tinha grande admiração pelo professor Gérard Lebrun e, também, pediu para o departamento proferir uma palestra, o que veio a acontecer semanas depois. (FÁVERI, 2015, posição aproximada 2393-2415)

A resposta de Roux dá a dimensão da importância de Vieira Pinto para o pensamento filosófico nacional. Aponta, por outro lado, para razões de disputa de poder no campo intelectual, as quais impediram uma justa e mais ampla recepção, pela academia, do pensamento de Vieira Pinto.

É desejável, assim, que venham mais edições como esta, muito bem cuidada, dos livros do nosso talvez mais ousado, erudito, importante e sofisticado filósofo. E, igualmente, podemos agir, no campo acadêmico, para que Álvaro Vieira Pinto tenha, ainda que tardiamente, a recepção crítica que sua obra filosófica de fôlego merece.

Referências

- CARVALHO, J.D. Tecnologia, política e filosofia em Álvaro Vieira Pinto. *Pensando – Revista de Filosofia*. Vol. 8, n.15, 2017, pp. 21-30. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/issue/view/249>. Acesso em 27 JUL 2020 [2017].
- CARVALHO, J.D. O Brasil como problema. Parte um: a filosofia da técnica. In: OLIVEIRA, J. **Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas**. Caxias do Sul: Educs, 2020, pp. 303-322 [2020].
- DESCARTES. **Discurso do Método** [Sexta Parte]. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior (Coleção *Os Pensadores*). São Paulo: ed. Nova Cultural, 1996.
- FÁVERI, J. E. de (org.). **O legado de Álvaro Vieira Pinto na voz de seus contemporâneos**. São Paulo: ed. LiberArs, 2015.
- GONZATTO, R. F.; MERKLE, L. E. Vida e obra de Álvaro Vieira Pinto: um levantamento bibliográfico. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas: n.69, Set-2016, pp. 286-310 [2016].
- LEBRUN, G. A “Realidade Nacional” e seus equívocos. In: NAVARRO DE TOLEDO, C. **Intelectuais e política no Brasil**. *A experiência do ISEB*. Rio de Janeiro: Revan, 2005, pp. 165-200 [2005].

- SAVIANI, D. Introdução e Entrevista concedida por Álvaro Vieira Pinto. In: VIEIRA PINTO, A. **Sete lições sobre educação de adultos**. 8ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1993, pp. 09-27 [1993].
- VAZ, H. C. de L. Consciência e realidade nacional. **Síntese - Revista de Filosofia**. Belo Horizonte: Vol. 4, n. 14, 1962, pp. 92-109. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/3186>. Acesso em 03 OUT 2020 [1962].
- VIEIRA PINTO, A. Indicações metodológicas para a definição do subdesenvolvimento. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Belo Horizonte: Vol. III, n. 2, jul-1963, pp. 252-279 [1963].
- VIEIRA PINTO, A. **O Conceito de Tecnologia (Vols. I e II)**. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2005.
- VIEIRA PINTO, A. **A sociologia dos países subdesenvolvidos: introdução metodológica ou prática metodicamente desenvolvida da ocultação dos fundamentos sociais do “vale de lágrimas”**. Org.: FÁVERI, J. E. de. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2008.
- VIEIRA PINTO, A. **Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2020.

2

ÁLVARO VIEIRA PINTO E A FILOSOFIA POLÍTICA DA TÉCNICA ¹

[...] a instauração do processo de desenvolvimento nacional está intimamente ligada à possibilidade de enveredar o país pelo rumo da revolução tecnológica. [...] É preciso que se esforcem por apoderar-se o mais depressa possível das técnicas fecundas, tendo a consciência de que assim deverão proceder porque a aquisição desse saber é o instrumento mais eficaz do seu desenvolvimento. Tais países não poderão vencer o atraso econômico senão pela ação política lúcida e decidida, que determine a comunidade a realizar enorme esforço de acumulação de capital para financiar o progresso técnico. Álvaro Vieira Pinto. *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*².

[...] o homem que possui uma ideia é ao mesmo tempo um homem possuído por essa ideia. Álvaro Vieira Pinto. *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*³.

1. Introdução

1956. Ano da publicação da primeira edição de *Ideologia e Desenvolvimento Nacional* (VIEIRA PINTO, 1960, p. 09). O texto pode ser considerado um ensaio-mapa e um divisor de águas na obra de Álvaro Vieira Pinto. Isso porque apresenta não mais o Vieira Pinto leitor de filosofias e filósofos estrangeiros, como o que defendeu a tese sobre Platão na Sorbonne (VIEIRA PINTO, 1949; SAVIANI, 1993, p. 14), mas um filósofo que propõe as linhas gerais de uma filosofia própria, intitulada em alguns momentos de filosofia do desenvolvimento ou, termo sinônimo, ideologia nacional (VIEIRA PINTO, 1960, p. 45). Não se trata,

¹ Publicado pela primeira vez em: MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. Álvaro Vieira Pinto e a filosofia política da técnica. *Revista Tecnologia e Sociedade*, v. 19, n. 57, p. 488–488, 13 set. 2023.

² VIEIRA PINTO, 1960, p. 84-85.

³ VIEIRA PINTO, 1960, p. 18.

ressalta o autor, de elaborar algo que se poderia chamar de filosofia brasileira, “[...] propósito cujo ridículo nos parece desnecessário salientar” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 45), mas de traçar as linhas mestras de uma filosofia do desenvolvimento, com subtemas filosóficos a este intrinsecamente ligados, tais como subdesenvolvimento, método, ciência, consciência autêntica, técnica etc. Afirma Vieira Pinto, sobre o projeto esboçado no ensaio: “Trata-se tão-somente de analisar, por meio de disciplinas científicas, os dados do processo histórico de nosso país neste momento e de forjar a teoria explicativa da sua realidade, para do conjunto extrair regras práticas que permitam a intensificação útil do processo.” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 45). Projeto simultaneamente de esclarecimento e com vistas à ação, portanto. Neste ensaio, passa, com grande ousadia, à filosofia autoral, cuja intenção é expressa no breve ensaio, o qual é fruto e tarefa, igualmente, dos debates entre os autores constituintes do ISEB⁴ (VIEIRA PINTO, 1960, p. 45).

Esta obra, não obstante consistir em uma aula inaugural do Instituto, e apresentar apenas as linhas gerais de um projeto, pode ser um bom mapa de conceitos e teses de Vieira Pinto, os quais o autor aprofunda em obras posteriores. Por esta razão o ensaio pode dar ao leitor um direcionamento, régua e compasso, para se aventurar com alguma segurança na vasta e densa obra de Vieira Pinto. Em outras palavras, alguns conceitos apenas apontados ou esboçados em *Ideologia e Desenvolvimento Nacional* ganham corpo e desdobramento em obras posteriores, tais como *Consciência e Realidade Nacional I e II* (VIEIRA

⁴ ISEB: Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Vieira Pinto foi diretor do Departamento de Filosofia do Instituto (1955-1961) e diretor geral na última fase da instituição (1961-1964). O ISEB teve pretensões de ser uma espécie de *Think Tank* brasileiro. Para a história e importância do ISEB, ver: ABREU, 2005. Para estudos acerca do ISEB, ver: TOLEDO, 2005. Para excelente análise da vida de Vieira Pinto em meio à trama histórica, ver: FREITAS, 1998. Para uma biobibliografia muito bem construída, ver: GONZATTO & MERKLE, 2016.

PINTO, 2020a, 2020b)⁵, *Indicações metodológicas para a definição do subdesenvolvimento* (1963), *Ciência e existência* (2020)⁶, bem como nos póstumos *O Conceito de Tecnologia I e II* (2005a, 2005b) e *A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos* (2008)⁷.

O presente capítulo pretende extrair da referida obra alguns conceitos vieirianos e os ligar a outro ensaio do autor, a saber, *Consciência e Realidade Nacional I*, fazendo a costura entre temas aparentemente dispersos, mas que são intrinsecamente conectados na obra de Vieira Pinto. As questões sobre as quais o capítulo se debruçará, já presentes, ainda que de maneira incipiente, em *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*, obviamente não esgotam o pensamento de Vieira Pinto. São antes um recorte sobre temas fundamentais e intrinsecamente conectados no pensamento do autor.

No que se refere aos temas, mais precisamente, o capítulo procurará tratar das relações entre filosofia do desenvolvimento (e sua outra face, o subdesenvolvimento) e o conceito vieiriano de técnica.

O leitor poderá notar, nesse movimento de encaixe de conceitos, que há unidade na obra de Vieira, o que faz que se possa ligar sem grandes problemas a obra de 1956 à publicada em 1960-1961, *Consciência e Realidade Nacional I e II* (2020a, 2020b), bem como à manuscrita nos anos 73/74 (CÔRTEZ, 2020, p. 03), *O Conceito de Tecnologia*, publicada

⁵ Originalmente publicada em dois volumes, lançados em 1960 e 1961, pelo ISEB. Ver: <http://www.alvarovieirapinto.org/obras/consciencia-e-realidade-nacional/>. Acesso em 13 JUL 2022. A edição do volume 1, de 1960, grifa o título com as iniciais em maiúscula, ao passo que a reedição da ed. Contraponto grifa apenas a primeira palavra do título com maiúscula. Em respeito à edição original, mesmo ao se usar a edição de 2020, grafar-se-á o nome da obra com maiúsculas em cada inicial – *Consciência e Realidade Nacional* em vez de *Consciência e realidade nacional*.

⁶ Escrito em 1967, quando do exílio do autor no Chile e publicado no Brasil pela editora Paz e Terra em 1969 (em primeira edição). Houve, posteriormente, outras – 1979, 1985. A mais recente, pela editora Contraponto, é de 2020. Ver: <http://www.alvarovieirapinto.org/obras/ciencia-e-existencia/>. Acesso em 13 JUL 2022.

⁷ Edição feita a partir do manuscrito encontrado por José Ernesto de Fávéri, após árdua pesquisa. Ver FÁVERI, 2015, posição aproximada 1731.

postumamente, em 2005. Sobre esta última, o capítulo não tratará, exceto pontualmente. Ela é um minucioso desdobramento de partes da obra anterior de Vieira Pinto, e versa especialmente sobre os temas da técnica, da tecnologia e da cibernética. Por seu tamanho e densidade, não poderá ser objeto de análise no correr do presente capítulo.

Outro ponto que deverá chamar a atenção do leitor é o seguinte: por reformular uma série de conceitos até então tratados pelo senso comum de diversas disciplinas – sociologia, economia e mesmo filosofia –, tais como o par desenvolvimento/subdesenvolvimento e os conceitos de técnica e tecnologia, Vieira Pinto alcança resultados muito originais em suas investigações. Por exemplo, um ponto de fundamental importância é a constatação de que o subdesenvolvimento não é um estado ou um conceito sem qualquer ligação com a relação entre, de um lado, países soberanos imperialistas metropolitanos e, de outro, países colonizados e subjugados. Ao invés. Para Vieira Pinto, são duas faces de uma mesma moeda. Há grande interesse dos países desenvolvidos, especialmente os imperialistas, para que os países subdesenvolvidos se mantenham neste estado.

Em chave diversa, outro exemplo de originalidade é a constatação de que não se viveria, à época, como em nenhuma outra, em período de explosão dos usos da tecnologia, em uma era tecnológica, em contraposição a outras, sem tecnologia. Em vez disso, o autor propõe a tese de que o surgimento do homem, o processo de hominização, é coetâneo ao processo de surgimento da técnica (VIEIRA PINTO, 2005, p. 246). Dessas teses originais nasce uma consequência de suma importância, a de que a técnica tem necessariamente e de modo imanente, em sua constituição, as ações humanas. Portanto, não se pode desvincular a técnica da ética – como campo das ações e do produzir

existencial do homem –, bem como não se pode desvincular a técnica da política (VIEIRA PINTO, 2020a, pp. 84-85).

Assim, um dos corolários das teses vieirianas é o de que há uma filosofia política da técnica. Isso faz que um dos conceitos de tecnologia propostos pelo autor (VIEIRA PINTO, 2005, pp. 219-355), a saber, um *logos* da técnica, uma epistemologia da técnica ou uma teoria do conhecimento acerca da técnica, tenha sempre um viés ético-político constitutivo. Não apenas. A técnica nasce quando nasce o homem. Ela é o manuseio que o homem faz do e no mundo, conceito que o autor intitulará amaneiridade, o qual tem estreita vinculação ao conceito de trabalho e de existência. Isso traz consequências consideráveis às teses de Vieira Pinto sobre desenvolvimento, técnica e tecnologia. Conceitos como política, história, desenvolvimento/subdesenvolvimento, teoria da técnica e ideologia (como falseamento) da técnica se constituem como temas e problemas necessariamente interligados. O capítulo pretende desdobrar esses pontos, fazendo a costura entre teses presentes em *Ideologia e Desenvolvimento Nacional* (1960) e no volume I de *Consciência e Realidade Nacional* (2020a). O ensaio *O Conceito de Tecnologia* é um desdobramento minucioso de teses trabalhadas em *Consciência e Realidade Nacional*. A análise do ensaio sobre tecnologia, em seus dois volumes, ainda que de modo resumido, não será, por ora, objeto de análise.

2. Notas sobre a filosofia do desenvolvimento

Vieira Pinto afirma que “[...] faltou em nosso passado intelectual a presença da filosofia.” (VIEIRA PINTO, 1960, pp. 12-13). As razões estariam ligadas às circunstâncias de dependência externa na nossa formação social. Com efeito, não teriam se instituído as condições de

infraestrutura material e “[...] suficiente aspiração autóctone para que houvesse o surto do pensamento filosófico em nosso meio” (1960, p. 12). Ora, a falta de uma concepção tendente ao universal, segundo Vieira, teria por consequência a falsa consciência, a opacidade, quando o assunto fosse o “nós-mesmos”. Uma manifestação da consciência ingênua, tema que foi posteriormente desdobrado e minuciosamente analisado no volume I de *Consciência e Realidade Nacional* (VIEIRA PINTO, 2020a). Isso impossibilitou o salto crítico, a consciência verdadeira acerca do “nós-mesmos”. Por essa razão, o fenômeno do desenvolvimento não foi compreendido pelos brasileiros em função da opacidade da consciência dos membros da nação, bem como os estímulos corretos ao processo de desenvolvimento não foram realizados (1960, p. 12). Teria faltado aos brasileiros o ponto de vista do infinito (1960, p. 13). A falta da filosofia trouxe como consequência a falta da consciência adequada, a qual demanda não a visão da parte, ainda que com ricas teses, mas aspira à visão totalizadora, universal. Vieira Pinto escreve: “Faltou-lhe [ao Brasil] o instrumento conceitual indispensável, que só a compreensão filosófica poderia ter proporcionado, permitindo transcender o plano em que se situava e ultrapassar o finitismo de sua visão” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 13). Um estudioso de Vieira Pinto levanta a hipótese, que ilumina a questão a partir de outro ângulo, segundo a qual a filosofia da tecnologia e da técnica do autor seria exatamente a tentativa de compor este instrumento conceitual indispensável (CARVALHO, 2020, p. 304).

A tese inicial de Vieira Pinto pode parecer superficial ao primeiro olhar. Mas ele a sofisticou no correr do opúsculo, concebendo alguns conceitos filosóficos fundamentais e os amarrando entre si. A consciência passaria de opaca a adequada ou autêntica por meio da inserção das massas. Vieira Pinto constata na ocasião da redação do

ensaio o crescimento da população brasileira. E isso poderia levar ou ao desenvolvimento, sempre visto como um processo (1960, p. 21), ou à pauperização (p. 15). Como o crescimento das massas, em quantidade, levaria ao salto de qualidade, à passagem da consciência opaca ou ingênua à consciência lúcida ou autêntica? A aposta de Vieira passa pelo “ingresso de um número cada vez maior de indivíduos no que se poderia chamar de ‘área culturalmente iluminada’ da sociedade.” (1960, p. 16). Ora, o alargamento quantitativo de indivíduos da massa inseridos na cultura produziria o efeito inevitável do alargamento qualitativo da consciência, ou seja, a possibilidade do salto de transformação da consciência (1960, p. 16). Caso se atente à diferença entre uma criança bem formada na escola e a que não teve acesso aos estudos, quanto a seus futuros possíveis como adultos, tem-se uma noção próxima do que o autor mostra como ponto fulcral de sua argumentação. Analisando os conceitos, Vieira Pinto sofisticava a tese ao afirmar que a revolta, por exemplo, antes apenas um sentimento, ganha qualidade de ideia como representação quando o indivíduo compreende historicamente a sua situação e o conjunto de causas que o levaram àquele ponto. A representação da situação é qualitativamente mais rica que o mero sentimento indistinto da revolta. Diz: “Antes, sofria. Agora sabe porque sofre” (1960, p. 18). E aperfeiçoa o argumento ao afirmar que “[...] o homem que possui uma ideia é ao mesmo tempo um homem possuído por essa ideia.” (1960, p. 18). Do psiquismo (a ideia no indivíduo) ao social (a ideia que leva à ação) basta um passo. Isso ocorre porque as ações do indivíduo não serão mais ações a esmo, mas ações orientadas pela ideia. Passa o indivíduo a agir em função da representação que tem da sua situação histórica, de seus determinantes. A ideia, nessa perspectiva, deixa de ser algo abstrato e passa a ser realidade social (1960, p. 19). Quando o indivíduo possui a ideia, tem-se o aspecto psicológico. Quando

a ideia possui o indivíduo, isto é, quando suas ações se dão por impulso de suas ideias, tem-se o aspecto sociológico – que decorre do efeito das ideias (ações) em um grande número de indivíduos (1960, 0. 19).

O desenvolvimento histórico, como processo que é, decorre dessa dialética⁸, dessa inter-relação (1960, p. 20). Por isso Vieira Pinto pode concluir que “desenvolvimento nacional é um processo”, ou seja, nada tem de aleatório, de casual, de improvisado, mas é “transiência inteligível” (1960, p. 21). É elemento central, igualmente, lembra Vieira, de tal processo, a “finalidade a que se dirige” (1960, p. 22). O planejamento e a definição da finalidade são tarefas da grande política, do poder público. Porém, como as ações se dão no plano do individual, é preciso que haja a ideia clara desse projeto como representação em cada indivíduo, formando grupos. Assim se dá em uma democracia política, visto que os cidadãos não serão obrigados a fazer o que define o poder público, mas terão consciência clara do todo e agirão nesse sentido (1960, p. 24). Portanto, essas ações em conjunto dependem da “[...] presença das ideias e do grau de clareza das consciências” (p. 24). Para que a finalidade seja atingida, em uma democracia política, afirma Vieira, é necessário que as ideias quanto ao projeto coletivo estejam muito bem claras a cada consciência, sem opacidades, pois do contrário haverá intermináveis focos de resistência à finalidade. Daí que seja necessário “que aquilo que em cada consciência privada é ideia, seja socialmente ideologia.” (1960, p. 25). O termo ideologia, em Vieira Pinto, possui um deslize semântico. Quando trata da tecnologia como ideologia, por exemplo, traz o sentido de falseamento da realidade ao termo (VIEIRA PINTO, 2005, p. 220). Uma ideologia da tecnologia é um tratamento falseado quanto ao que é o conceito verdadeiro de tecnologia. Dizer que

⁸ Sobre a dialética em Vieira Pinto, ver: MONTANS BRAGA, 2021.

se está em uma era tecnológica, em contraposição às demais, que seriam não tecnológicas, para o autor, é um típico exemplo de falseamento do conceito, pois o surgimento do homem, a hominização, é coetâneo ao surgimento da técnica (VIEIRA PINTO, 2005, p. 246; CARVALHO, 2017, p. 22). Entretanto, aqui o termo ideologia significa algo positivo, um conjunto de ideias, presentes nas mentes de cada indivíduo, portanto representação, conjunto este que devém algo que transcende o plano da psique, que passa a ter relevância e influência na sociedade, ou seja, uma ideologia ou filosofia do desenvolvimento (1960, p. 45).

Um dos lados mais estritamente políticos do desenvolvimento se dá nessa passagem de uma consciência opaca a uma consciência autêntica. Como visto, há uma inter-relação entre ideia enquanto algo do plano psíquico e as ações impulsionadas por essas ideias. As ações, realizadas por grandes grupos de indivíduos, são o aspecto social e histórico do fenômeno. O individual se transmuta, por esta razão, em coletivo. A ação coletiva, por sua vez, decorre da união de cada ação individual clarificada pela ideia correta da situação histórica do indivíduo e da nação. Se realizada de acordo com o planejado pelo poder público com vistas às finalidades definidas, a ação coletiva estará no caminho do desenvolvimento nacional. Não se trata de qualquer poder público, mas daquele eleito pelo voto das massas portadoras de consciência autêntica (1960, p.40). A passagem da consciência semicolonialista a uma nova estrutura de ideias é o salto qualitativo da consciência, que passa a ser uma reinterpretação do Brasil. O desenvolvimento nacional é, em uma de suas facetas, este processo (1960, p. 28). O modo como as massas passam de meros coadjuvantes com ações descoordenadas a atores centrais do processo, de acordo com Viera Pinto, tem uma única condição, que é um dos problemas centrais da filosofia do desenvolvimento: a educação das massas.

Vieira Pinto chega então a teses centrais do pequeno ensaio sobre a filosofia do desenvolvimento: “[...] *sem ideologia do desenvolvimento não há desenvolvimento nacional.*” (1960, p. 29 – grifos no original). Outra, decorrente da relação entre consciência opaca e autêntica, ou seja, a transmutação de uma em outra por meio da educação das massas: “*a ideologia do desenvolvimento tem necessariamente de ser fenômeno de massa.*” (1960, p. 30 – grifos no original). Como decorrência lógica, afirma Vieira, tem-se que “[...] *o processo de desenvolvimento é função da consciência das massas.*” (p. 31, grifos no original). Na mesma chave, indica: “*a ideologia do desenvolvimento tem de proceder da consciência das massas.*” (p. 34, grifos no original). As quatro posições se entrelaçam num todo coerente. Com efeito, deve-se atentar, primeiro, para o sentido de ideologia aqui empregado. Trata-se do sentido equivalente a filosofia do desenvolvimento (p. 45). Em segundo lugar, não quer Vieira Pinto empregar o conceito como falseamento. É na verdade a decorrência do processo histórico de clareamento das consciências, o que se faz pela educação das massas, as quais, dado o desenvolvimento material, ingressam nas áreas de cultura e ampliam o saber sobre sua real situação. Vieira aposta na metamorfose da consciência de inautêntica em autêntica como a razão de ser da ideologia (do conjunto de ideias), condição *sine qua non* para o desenvolvimento nacional. Sem as ideias claras e distintas, bem assentadas em cada indivíduo, é dizer, sem a transmutação da consciência opaca e alienada em consciência autêntica, não devém qualquer ideologia ou conjunto de representações corretas da realidade individual e histórica e, portanto, não decorre qualquer ação social com vistas a qualquer finalidade. O que há, neste caso, ao invés, é um rol de ações em conflito, sem finalidade, e a pauperização da nação como corolário. Por isso mesmo, sem esses requisitos, especialmente a dialética psique-sociedade, o fenômeno de

massa e a conscientização adequada das massas pela educação – um problema que Vieira não desdobra no opúsculo (1960, p. 42)⁹ –, não há desenvolvimento nacional.

Em seus últimos movimentos argumentativos, o autor estabelece uma definição de educação das massas que reúne os conceitos acima abordados. Afirma Vieira: “[...] a ideologia do desenvolvimento não é doação feita às classes populares, para que cada um a absorva na medida da sua capacidade” (1960, pp. 42-43). De fato, Vieira Pinto já alertara o leitor sobre a necessidade de as ideias e representações em cada indivíduo serem resultado da compreensão da realidade, da situação, não algo imposto de fora. E continua, nesse sentido:

[...] ao contrário, é transmutação que se opera na intimidade do homem ‘em situação’, e de que resulta a clarificação conceitual da representação que faz do seu *status* social e da evolução histórica. É processo imanente, mas admite aceleração por influência exterior. Isto é que constitui a noção social de educação (VIEIRA PINTO, 1960, p. 43).

Arremata a argumentação, em passagem que interessa sobremaneira ao presente capítulo, afirmando que a educação deve abandonar a preocupação de formar “doutores e exegetas de coisas mortas” (1960, p. 44) para se constituir como um “humanismo do nosso tempo” (p. 44). Tal humanismo terá como foco o conhecimento das ciências da cultura e da natureza, bem como “[...] a posse das técnicas de exploração fecunda da realidade material e as artes que expressem o sentido original do homem brasileiro” (p. 44). A educação, assim definida, de acordo com Vieira, não apenas é fundamental para a teoria do desenvolvimento, como, no caso do Brasil, é a “[...] difusão dessa ideologia” (p. 44).

⁹ Sobre o conceito de educação no autor, ver: VIEIRA PINTO, 1993.

Vieira Pinto afirma, como sublinhado acima, que o “humanismo do nosso tempo” (p. 44) prezará fundamentalmente “[...] a posse das técnicas de exploração fecunda da realidade material e as artes que exprimam o sentido original do homem brasileiro” (1960, p. 44). Esta passagem sintetiza temas que o autor trabalhará em ensaios posteriores. O tema da técnica – assim como o da tecnologia – expresso na passagem “posse das técnicas de exploração fecunda da realidade material”, foi exaustivamente estudado e esmiuçado pelo autor em *O Conceito de Tecnologia*, volumes I e II. Além disso, no que tange à técnica e à tecnologia, após o opúsculo de 1956 e antes de *O Conceito de Tecnologia*, Vieira dedicara páginas de *Consciência e Realidade Nacional I* ao tema da técnica (2020a, pp. 72-85). Igualmente, a relação desse tema com “as artes que exprimam o sentido original do homem brasileiro” aparece no mesmo ensaio (VIEIRA PINTO, 2005, pp. 45-46, entre outras), bem como já aparecera em *Consciência e Realidade Nacional I* (2020a, pp. 87-405) e *II* (2020b).

Os temas da técnica e da tecnologia, na verdade, aparecem muito obliquamente no ensaio-projeto de 1956. Em um primeiro momento, afirma o autor que os rumos do desenvolvimento se darão na medida da capacidade de utilizar os dados da ciência e os instrumentos da técnica a serviço de uma ideologia do progresso (1960, p. 15). Tal ideologia tem o sentido acima explicado, trata-se da ideologia nacional, sinônimo de filosofia do desenvolvimento (p. 45). Depois, liga o tema ao “humanismo do nosso tempo” (p. 44), que prezará, como acima indicado, pela “[...] posse das técnicas de exploração fecunda da realidade material” (p. 44). O termo *tecnologia* sequer aparece neste momento da obra.

Porém, o leitor atento ao conjunto da obra e ao caráter de projeto do ensaio de 1956 constatará que o tema da técnica e da tecnologia seria

aprofundado tanto em *Consciência e Realidade Nacional*, quanto, de modo muito detalhado, na obra manuscrita em 73/74. É preciso notar que todo o rol de conceitos trabalhados no opúsculo – filosofia do desenvolvimento, ideia, representação verdadeira, homem em situação histórica, consciência opaca, alienação, consciência autêntica, educação das massas, autonomia, regime democrático, voto do povo, projeto nacional advindo de governo eleito pelo voto popular, inter-relação psique/ideia/representação verdadeira com as ações na sociedade, ideologia como conjunto de ideias claras e distintas advindas das massas, pela via da boa educação (esta, por sua vez, decorrente do “humanismo do nosso tempo” (p. 44)), inserção quantitativa das massas na cultura, mudanças de qualidade da consciência das massas, projeto nacional como filosofia do desenvolvimento ou ideologia nacional – apresenta ligação com estes dois momentos em que o termo *técnica* aparece na obra. Em outros termos, a técnica não aparece no ensaio como elemento solto, mas circundado por conceitos que o balizam.

O aprofundamento do tema da técnica, porém, virá, como indicado, apenas com a obra *Consciência e Realidade Nacional* e com a manuscrita em 73/74 e publicada em 2005: *O Conceito de Tecnologia*.

Qual a possível relação entre o conceito de filosofia do desenvolvimento ou seu correlato, ideologia nacional (VIEIRA PINTO, 1960, p. 45), e a técnica, termo que já aparecera duas vezes no breve ensaio *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*? Uma análise minuciosa de partes de *Consciência e Realidade Nacional I*, dedicado ao tema da amaterialidade, do trabalho e da técnica, talvez ajude na tarefa de fazer a ponte entre um conceito e o outro. O capítulo tratará, em seguida, de mostrar como Vieira Pinto concebeu conceitos que preenchem este “espaço vazio” do opúsculo de 1956.

3. Amanualidade, trabalho e o viés ético-político da técnica¹⁰

Ao iniciar o subitem em que trata do conceito de amanualidade, o autor parte da definição seguinte:

As ponderações anteriores tiveram apenas por finalidade mostrar a necessidade de construir, como instrumento de emancipação econômica dos países subdesenvolvidos, uma filosofia cuja tese central seja esta afirmação: é o trabalho que revela a realidade, à medida que a vai modificando (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 72).

Veja-se que Vieira Pinto inicia o item 6 (ou “f” na edição original do ISEB – 1960a, p. 67) fazendo referência às ponderações anteriores. Ao se considerar o capítulo 3, “Consciência ocupada e desenvolvimento”, tratou de temas como a consciência e a práxis do desenvolvimento, a prática no país subdesenvolvido, o trabalho e a prática, trabalho e filosofia no país subdesenvolvido e filosofia existencial como filosofia do centro dominante. Vieira Pinto coloca, portanto, a filosofia no centro do debate. Não se trata, entretanto, de filosofia abstraída da realidade, mas com pés fincados na existência. Entretanto, os existencialistas e suas teses sofrem, na pena de Vieira Pinto, uma antropofagia (ANDRADE, 1970), a qual faz que os conceitos estrangeiros venham à filosofia vieiriana totalmente ressignificados, adaptados ao que ele chamou em *Ideologia e Desenvolvimento Nacional* de “humanismo do nosso tempo” (1960, p. 44), o qual prezará “[...] fundamentalmente o conhecimento das ciências da cultura e da natureza, a posse das técnicas de exploração fecunda da realidade material e as artes que expressem o sentido original do homem brasileiro” (1960, p. 44). Ciências da cultura

¹⁰ Esta seção 3 foi utilizada, com alguns cortes e mudanças, no artigo *A sofisticação do trabalho: o nó geopolítico desatado por Álvaro Vieira Pinto*, também publicado no presente livro, constituindo um de seus capítulos. O papel da argumentação presente nesta seção, aqui e lá, é bastante diverso, entretanto. Os temas, objetivos e conclusões de ambos os capítulos são bastante diferentes entre si.

e ciências da natureza, eis dois dos tópicos a serem explorados pelo humanismo vieiriano. O conhecimento científico, aqui, é o primeiro passo, de mãos dadas com a técnica. Assim, tal humanismo deverá se apoderar das técnicas que explorem a realidade material. Em outro ponto, a ser prezado, por fim, pelo humanismo vieiriano, estão as artes. Não as artes como folclore, mas as que clareiem o sentido radical, de origem, do povo brasileiro. Da arte como caricatura à arte como saber originário, eis o salto.

Após definir, assim, a tese central da filosofia que está em jogo, isto é, a do trabalho como revelador da realidade na medida em que a vai modificando (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 72), trata, em seguida, do conceito de amaturalidade, retirado da filosofia da existência¹¹ (2020a, p. 73), porém, redefinido pelo autor. O conceito de amaturalidade vem da ideia de algo “estar à mão”. E o que está à mão? O mundo se apresenta ao homem como espaço de ações possíveis em relação aos objetos dispostos ao seu redor. Tais objetos podem ser tomados como utensílios (2020a, p. 73). Escreve o autor:

[...] a objetividade se faz acessível ao homem mediante a amaturalidade com que se apresentam a nós os entes circundantes preexistentes à ação. Com estes, graças à propriedade de serem o que está ao alcance da mão, [...] ao alcance da nossa percepção sensível, é que se constitui na consciência a representação do mundo, cujo primeiro círculo [...] é este, tendo por fundo o horizonte da objetividade indeterminada, que [...] se vai configurando, à medida que progride nossa faculdade de apreensão – ou melhor, de ‘preensão’, de ‘agarrar com a mão’ – dos entes que lá se encontram (2020a, p. 73).

¹¹ Um dos existencialistas objeto da verve de Vieira Pinto é Heidegger, cuja filosofia é desmontada em algumas passagens memoráveis de *O Conceito de Tecnologia I* (2005, pp. 366-368). O filósofo brasileiro chama a obra de Heidegger de “enorme verbimontagem” (p. 368) e afirma sobre o pensador: “[...] exemplar patognômico [diz-se de sinal ou sintoma característico de dada doença] da fauna filosófica dos tradicionais centros metropolitanos presentemente em indisfarçável declínio [...]” (2005, p. 367).

Em seguida, após fazer uso da definição abstrata e metafísica do conceito (2020a, p. 73), aspecto que critica nos fenomenólogos existenciais, afirma que os objetos que estão ao redor do homem e que se revelam como coisas, são, em realidade, artefatos, objetos fabricados (2020a, p. 73). Antes de se darem ao manuseio do homem, já foram produzidos por outros homens. Há, portanto, camadas de manuseio que se sobrepõem. Primeiro, há o manuseio das substâncias brutas. Depois, o manuseio dos artefatos criados a partir das substâncias brutas. E assim sucessivamente. Esse um primeiro aspecto do conceito de amannualidade usado por Vieira Pinto. Há gradação das coisas que estão à mão, há gradação nos tipos de manuseio. O que se oculta por detrás da gradação do amannual é um conceito caro à filosofia de Vieira, a saber, o trabalho (2020a, p. 73).

O exemplo que Vieira Pinto usa para ilustrar a tese é o do barro/vasilha/arte cerâmica. O ato de mexer em um pouco de barro é uma coisa. Segurar uma vasilha de barro para beber é outra. E uma terceira é tomar a vasilha nas mãos para apreciar a beleza dos desenhos e as cores dadas pela arte cerâmica nela feita. Nos três casos, o que mudou o mundo ao redor – barro, vasilha, arte cerâmica – foi o trabalho, cujos graus significam a elevação da realidade objetiva da coisa a momentos superiores de manuseio, de amannualidade. Na medida em que se sofisticava o trabalho impresso na coisa, e no artefato derivado desta coisa, e assim sucessivamente, surgem novas características do objeto (2020a, p. 74).

Muito do que foi feito no mundo que cerca o homem é fruto dessa impressão de amannualidade, em graus variados, nas coisas e nos artefatos, que por sua vez são objeto de intervenção de novos artefatos. Isso tudo custa trabalho, afirma o autor (2020a, p. 74). O conceito de amannualidade passa de conceito abstrato a conceito fincado na

realidade, de acordo com a reformulação nele introjetada por Vieira Pinto. Assim, o aspecto do trabalho, e o fato de que há diferentes trabalhos, a depender do período de que se fala, inclui no conceito um novo aspecto, a história. Tem-se, desse modo, na amannualidade vieiriana, tanto a prática, o trabalho impresso nas coisas e artefatos, o esforço humano, quanto a acumulação de trabalho ao longo do tempo e, portanto, a dinâmica da história (2020a, p. 75).

Em função desse salto conceitual, dessa sofisticação do conceito, Vieira Pinto pode concluir:

Cada indivíduo encontra o mundo povoado pelos objetos que a época na qual nasceu pode produzir, na fase em que se acha o processo econômico e cultural da sua comunidade. A revelação do mundo, pelo amannual das coisas, se faz, portanto, trazendo sempre o caráter histórico da manufatura e se refere às forças de produção, às relações de produção e ao grau de avanço intelectual existentes (2020a, p. 76).

Por fim, como corolário da redefinição proposta por Vieira Pinto do conceito e de seu alargamento epistemológico, tem-se que o trabalho do homem individual em seu meio histórico, em determinada posição no espaço social, é igualmente o resultado do trabalho das gerações anteriores. É, com efeito, como se a lente dos fenomenólogos, tomada de empréstimo com a opacidade da abstração metafísica, passasse pelo polimento vieiriano e finalmente se prestasse a ajudar aquele que a usa a enxergar com exatidão a natureza das coisas. Há, então, no conceito de amannualidade proposto por Vieira Pinto, trabalho individual e trabalho histórico acumulado, esforço humano dos que precederam aquele homem individualmente considerado (2020a, p. 77). Onde entra, nessa equação, o conceito de nação?

Um aspecto relativo à historicidade da natureza amannual das coisas, segundo Vieira, é o que segue: “Saber que a amannualidade

reveladora do mundo material é função do momento histórico [como visto acima] leva imediatamente a compreender que está na dependência do estado de desenvolvimento de cada *comunidade nacional*” (2020a, p. 77 – grifo nosso). Vieira então afirma que os países não se nivelam no mesmo grau de progresso (p. 77). Ora, progresso, para Vieira Pinto, não é uma filosofia da história a informar um rumo certo e inexorável dos povos e nações. É uma sofisticação amaneirada no domínio da natureza das coisas. Assim, fica claro que a historicidade do conceito permite que se enxergue amaneiradas diferentes em diferentes países (nações). Este pode ser, em função de seu domínio sobre as coisas, desenvolvido ou subdesenvolvido (2020a, p. 77).

Neste ponto da argumentação vão se tornando claros os contornos da filosofia do desenvolvimento vieiriana. É instância que amarra a filosofia da técnica à filosofia política, ao mesmo tempo em que preenche aquilo que fora apenas apontado, mas não desenvolvido, no opúsculo de 1956, *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*. De fato, uma nação cuja amaneirada é pouco sofisticada possui, por parte de seus membros constituintes, uma relação com o mundo que se caracteriza pela pobreza científica e técnica. Em síntese, a relação dos membros de uma nação subdesenvolvida com o entorno é de uma amaneirada menos sofisticada em relação à dos países desenvolvidos, industrializados. Segundo ao autor, isso já era claro empiricamente, mas ninguém havia ainda compreendido a “fundamentação filosófica” (2020a, p. 78) que explica a raiz das situações distintas: de um lado, desenvolvimento como mais amaneirada, no sentido de sofisticação e relação com um entorno já resultante de trabalho acumulado, e trabalho este de qualidade, não apenas referente à quantidade. De outro lado, o subdesenvolvimento como uma relação com o entorno não com produtos fabricados pela indústria, mas com entes em muitos casos

sequer objeto de um primeiro grau de amaturalidade, ou seja, quando o amatural é em grande monta a circunstância “puramente física” (2020a, p. 78). Esta distinção entre fase primária do desenvolvimento e fase mais sofisticada traz consequências não apenas ao modo de vida dos membros da nação, mas às suas consciências acerca do entorno (2020a, p. 78).

Se a consciência gerada nos indivíduos da nação subdesenvolvida é diversa em qualidade em face daquela gerada nos membros da nação desenvolvida, há uma característica que pode ser encontrada nos membros da nação subdesenvolvida que poderá ser a catapulta para a mudança de qualidade. Uma vez constatado o aspecto histórico da amaturalidade e a diferença entre as nações com mais e menos sofisticação na relação com o mundo, pode surgir a procura dos meios de eliminar tal discrepância (2020a, p. 78). A busca do esclarecimento da questão, sob o ponto de vista da história, levará à constatação de que o desenvolvimento “[...] é resultado do processo de acumulação de trabalho” (2020a, p. 79). É preciso, pois, afirma Vieira Pinto, que os países subdesenvolvidos “desencadeiem no seu interior um movimento de acumulação de trabalho. Há, entretanto, uma sutileza aqui. Trata-se de qualquer trabalho? De modo algum. Não se trata de acumulação quantitativa de trabalho, mas de acumulação qualitativa. Apenas esta é uma modalidade útil de acumulação de trabalho, sendo a quantitativa inócua para o desenvolvimento (2020a, p. 79). É preciso sair da situação de produzir “um mais” para a de produzir “um novo”. Nesse momento, se estabelece entre as duas formas de trabalho uma “relação dialética de meio e fim” (2020a, p. 79), que torna a sucessão do trabalho “[...] não apenas cronológica, mas histórica” (p. 79). Ou seja, o trabalho normal, sem inovação, passa a ser meio para o trabalho novo, o que é capaz de refundar, momento a momento, a história de dada nação. O maior

desenvolvimento de uma nação em face da outra está exatamente na capacidade de produzir, o quanto mais, trabalho novo acumulado. O salto qualitativo é, neste caso, o desenvolvimento da nação que é capaz de praticar tal tipo de trabalho. Não se trata, portanto, de simples intensificação do trabalho e aumento de produtividade, pois é precisamente o “novo` do trabalho” (2020a, p. 80) que produz o desenvolvimento. O salto histórico da nação se faz apenas e tão somente com este tipo de trabalho acumulado, não com a intensificação do trabalho “velho” e sua acumulação. As camadas de amaturalidade sofisticada que se acumulam é que possibilitam à nação seus saltos históricos, seu desenvolvimento. Outra face da mesma moeda, a acumulação da intensificação da amaturalidade simplória faz que a nação, ao invés, se mantenha subdesenvolvida. O autor conclui: “[...] o que define em qualidade um modo de fazer é o que se chama a técnica. Eis-nos assim em face da questão filosófica da técnica” (2020a, p. 80). Por sua vez, Vieira Pinto define a essência da técnica com as seguintes palavras: “[...] a essência da técnica, o que lhe confere a natureza de processo, é a acumulação qualitativa do trabalho” (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 80). Ela tem dois aspectos. De um lado, é conhecimento acumulado do melhor meio para se atingir determinado fim útil – é um fazer bem. Este o aspecto conservador da técnica (2020a, p. 79). Porém, ressalta Vieira Pinto, a essência da técnica “[...] não está no `fazer bem`, e sim no `fazer novo` [...] é por natureza invenção” (2020a, p. 81). Procura realizar algo melhor por meio melhor, sendo o “meio melhor” o que, segundo Vieira, “[...] desvenda o íntimo da técnica” (2020a, p. 81). O que aparece como velho é o modo estabilizado de trabalho, ou seja, o que a sociedade em determinado momento conhece de melhor para se chegar a um resultado desejado (2020a, p. 82). A técnica como essência entra exatamente aí, ou seja, “[...] vai afetar o modo de trabalho

existente e sobre ele depositar o modo novo e mais perfeito” (2020a, p. 82). Trata-se de acumulação de trabalho, porém não como repetição do velho, mas invenção de procedimentos originais. O processo de desenvolvimento técnico é esta sobreposição de camadas de maneiras de trabalho distintas qualitativamente (2020a, p. 82).

As reflexões acima apontam para uma conclusão rica em efeitos. De fato, o autor traz como corolário dos argumentos acima dispostos que a técnica não pode ser concebida como algo abstrato, como a técnica em geral. Em vez disso, ele constata que, por ser processo de acumulação qualitativa de trabalho, feito em dada nação e em dado momento, nunca pode prescindir de seu aspecto histórico: “A técnica é fundamentalmente um processo histórico” (2020a, p. 83). Ela demanda um contexto histórico e um dado regime de produção. Não se apresenta ou se modifica no vazio.

Por fim, a passagem-chave que liga as iniciais reflexões de Vieira Pinto sobre a técnica, realizadas na obra de 1960, ligam este conceito ao de desenvolvimento e, portanto, ao ensaio-projeto de 1956, *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*. Se a técnica é a criação do novo a partir do antigo, a saber, desenvolvimento (2020a, p. 84), conclui: “Constatamos, assim, este fato, pelo qual nos é dada, em síntese, a teoria do desenvolvimento, e que exprimimos nesta proposição: o processo histórico do desenvolvimento nacional consiste no desenvolvimento dos processos técnicos de produção” (2020a, p. 84). E arremata em seguida: “Eis a razão pela qual o desenvolvimento nacional está forçosamente na dependência do avanço técnico” (2020a, p. 84).

Vieira Pinto transmuta o conceito abstrato de amaneirado em conceito útil ao incorporar em seu bojo a história. Não a história em geral, mas a de cada nação em específico. De nada adianta falar do caráter amaneirado do mundo, “mas não dizer de que mundo histórico se

trata” (2020a, p. 85). O mundo histórico de que se está a falar sempre é um país, uma nação, situado na história, com determinada conformação social e em certa etapa de desenvolvimento dos processos produtivos e da sua cultura (2020a, p. 85).

Mais uma nota acerca da questão da técnica, na qual importante tese deve ser salientada. É apenas nos ensaios *O Conceito de Tecnologia I e II* que todas essas questões, inicialmente trabalhadas em *Consciência e Realidade Nacional*, e acima analisadas em sua relação com o opúsculo de 1956, são objeto de minuciosa reflexão. De fato, são dois densos volumes que totalizam mais de mil e trezentas páginas na edição de 2005 da editora Contraponto. Nos ensaios, Vieira Pinto aprofunda as teses sobre a técnica, disserta sobre os conceitos de tecnologia e, no segundo volume, analisa a então incipiente cibernética. Eventual continuidade do presente capítulo, ligando os temas aqui indicados com a obra referida, demandaria mais pesquisas. Esta a razão de a obra magna de Vieira Pinto aparecer no presente capítulo de modo muito lateral, não obstante ter como tema o conceito de tecnologia¹².

4. Notas finais

Álvaro Vieira Pinto foi um pensador que fez uso de sua vasta erudição, especialmente na área da história da filosofia, mas não apenas, para elaborar reflexão sofisticada e original sobre temas que se inter-relacionam, tais como nação, desenvolvimento, amaterialidade, consciência, alienação, trabalho, técnica. Por outro lado, suas teses acerca da filosofia do desenvolvimento, trabalhadas no breve ensaio de 1956, *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*, somente podem ser

¹² Sobre o tema da tecnologia em Vieira Pinto, ver: CARVALHO, 2017a; CARVALHO, 2019; CARVALHO, 2020; CARVALHO, 2020a; COSTA & MARTINS, 2020; FREITAS, 2005; KLEBA, 2006. Sobre a questão da cibernética e da informação, ver: DANTAS, 2021.

compreendidas em sua completude com a análise de textos posteriores do autor, como *Consciência e Realidade Nacional*. Assim, o capítulo procurou ligar conceitos das duas obras, de modo que uma iluminasse o que na outra ficou latente ou fora apenas apontado.

O conceito de amannualidade, advindo da filosofia existencialista a princípio, e carregado de metafísica e formalismo, foi inoculado por Vieira Pinto com a o tema do trabalho e o com a história. Se o homem está em relação com as coisas do mundo, se o mundo está “à mão” do homem, para manuseá-lo, tal situação não pode ser encarada com as lentes da abstração metafísica. Não há o homem neutro e a-histórico. O homem nasce em um país, em uma nação, e é condicionado, ao mesmo tempo em que age, nesta situação e neste país. Portanto, o conceito de amannualidade que Vieira Pinto utiliza está devidamente protegido dos perigos do pensamento ingênuo. Este possui pés de barro e não finca raízes na concretude.

O desenvolvimento de uma nação, conceito trabalhado no ensaio de 1956, ganha densidade na medida em que é relacionado ao conceito de amannualidade. Por ter perdido a abstração, o “agarrar com a mão” que o homem faz do mundo se dá na história de cada nação. O manuseio do mundo é em primeiro momento manuseio de coisas do entorno, ainda não tocadas ou modificadas pela ação humana. Na medida em que o mundo vai sendo manuseado, vão surgindo os artefatos, com os quais o homem se relaciona, e assim sucessivamente. Há graus de manuseio, há graus de sofisticação no manuseio. O que está por trás dessa gradação do manual é o trabalho. Esta uma tese central de *Consciência e Realidade Nacional* (2020a, p. 73).

O trabalho é conceito que será compreendido por Vieira Pinto como dispêndio de esforço, porém tanto em âmbito individual quanto em âmbito coletivo e ao longo da história. Há, assim, trabalho

acumulado que chega aos indivíduos pelos que vieram antes dele na nação em que o indivíduo situa sua existência. O trabalho com o mundo ganha em sofisticação quando há inovação dos meios de se chegar aos fins. A essência da técnica, meio para se chegar a fins, é exatamente seu caráter de fazer de “modo novo”. Ela é, igualmente, em outro ângulo de observação, um fazer aos moldes antes feitos. Uma acumulação de saberes. Esse o lado conservador da técnica. O que ela tem de essencial é ser invenção, ou seja, meios novos de fazer algo no mundo. Uma amannualidade sofisticada que se acumula a amannualidades sofisticadas e, ao mesmo tempo, que superam as anteriores em qualidade. O que permite a Vieira Pinto sintetizar a questão do seguinte modo: “[...] a essência da técnica, o que lhe confere a natureza de processo, é a acumulação qualitativa do trabalho” (2020a, p. 80). A técnica é precisamente o conceito que permite às nações os saltos históricos que as colocam em situação de desenvolvimento ou de subdesenvolvimento. A nação que não tem sofisticação em sua amannualidade, que detém técnicas ainda rudes, que não investe em educação científica e cultural que lhe permita amannualidades mais sofisticadas, patina na história, tem uma existência cronológica em vez de histórica. Ao passo que as nações que buscam a sofisticação de sua amannualidade dão os saltos históricos necessários a novos modos de relacionamento com o entorno. Têm amannualidades mais potentes e um conjunto de indivíduos que se relaciona com o entorno de maneira diversa daqueles que apenas usam técnicas e conhecimentos científicos menos elaborados.

Pode-se concluir, eis uma hipótese que está nas entrelinhas no capítulo, que a filosofia do desenvolvimento de Vieira Pinto é o exercício de uma sofisticada antropofagia, aos moldes oswaldianos (ANDRADE, 1970), feita por uma das mentes mais potentes que o país já teve. Com efeito, Vieira Pinto ressignifica, a serviço de suas teses, todo o rol de

filosofias estrangeiras que conhecia, sem considerar sua erudição extra filosófica.

Conclui-se, em outra chave, que a filosofia do desenvolvimento, ou ideologia nacional (VIEIRA PINTO 1960, p. 45), proposta por Vieira Pinto é, eis a hipótese principal desdobrada neste capítulo, uma filosofia política da técnica.

Para finalizar, uma breve nota. Gustavo Corção foi adversário teórico e político de Vieira Pinto. Pensador de escol do catolicismo tradicional, em variadas ocasiões públicas explicitou seu profundo desentendimento com o autor de *O Conceito de Tecnologia* (CORÇÃO, 1962, 1962a, 1962b). Corção, não obstante esquecido nos tempos atuais, tal qual Vieira Pinto, porém em grau bem mais intenso, foi autor que mereceu de Manuel Bandeira imenso apreço pelo seu talento literário, a ponto de o poeta ter escrito carta afirmando que Corção seria merecedor do Nobel de literatura (BANDEIRA, 1965)¹³.

Ocorre que Gustavo Corção é também autor de um livro sobre a técnica, intitulado *As fronteiras da técnica*, cuja primeira edição é de 1954 (CORÇÃO, 2021). A comparação entre as teses de ambos: eis um debate entre titãs a ser realizado. Não apenas em função do tema, mas especialmente do resgate do original e potente pensamento filosófico feito por pensadores brasileiros. E não se trata aqui de requentar a tese objeto da crítica mordaz de Vieira Pinto, a saber, a da criação ou existência de uma filosofia brasileira. Trata-se de resgatar filosofias muito potentes, porém lateralizadas, potência cujo fundamento é a obra mesma, o que independe da nação em que foram produzidas.

¹³ Afirma o poeta: "Você escreveu em *O Desconcerto do Mundo* um dos livros mais belos e mais fortes de nossas letras. Ele precisa ser traduzido para todas as línguas, a fim de mostrar lá fora que nós também somos dignos do Prêmio Nobel."

Referências

- ABREU, Alzira Alves. A ação política dos intelectuais do ISEB. In: NAVARRO DE TOLEDO, Caio. **Intelectuais e política no Brasil. A experiência do ISEB**. Rio de Janeiro: Revan, 2005, pp. 97-117 [2005].
- ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. In: ANDRADE, Oswald. **Obras Completas** (Vol. VI). Rio de Janeiro: ed. Globo, 1970, pp. 11-19. [1970].
- BANDEIRA, Manuel. Carta a Gustavo Corção de 25/03/1965. Disponível em: <https://permanencia.org.br/drupal/node/70>. Acesso em 21 JUL 2022 [1965].
- CARVALHO, Jairo Dias. Tecnologia, política e filosofia em Álvaro Vieira Pinto. **Pensando – Revista de Filosofia**, Vol. 8, n.15, 2017, pp. 21-30. Disponível em <https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/issue/view/249>. Acesso em 27 JUL 2020 [2017].
- CARVALHO, Jairo Dias. A Filosofia da Tecnologia e o Desenvolvimento Tecnológico Nacional. **Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea**, Volume 5, nº 1-2, 2017, pp. 47-62 [2017a].
- CARVALHO, Jairo Dias. Qual tecnologia, qual sociedade, qual desenvolvimento? In: María de las Mercedes O. Lery; Lucía Federico; Yefrin Ariza. (Orgs.). **Filosofía e Historia de la Ciencia en el Cono Sur. Selección de Trabajos del XI Encuentro**. 1ed. Buenos Aires: Asociación de Filosofía e Historia de la Ciencia del Cono Sur, 2019, v. 1, p. 245-254. Disponível em: <http://www.afhic.com/wp-content/uploads/2017/11/Seleccion-AFHIC-1.pdf>. Acesso: 24 JUN 2021 [2019].
- CARVALHO, Jairo Dias. O Brasil como problema. Parte um: a filosofia da técnica. In: OLIVEIRA, Jelson. **Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas**. Caxias do Sul: Educs, 2020, pp. 303-322 [2020].
- CARVALHO, Jairo Dias. A nação como conceito da filosofia da tecnologia de Álvaro Vieira Pinto. In: Claudemir Roque Tossato; Jelson Oliveira; Jorge L. Viesenteiner; Jorge Molina; Max R. Vicentini; Tadeu Verza. (Org.). **Filosofia da Natureza, da Ciência, da Tecnologia e da Técnica**. 1ed.São Paulo: ANPOF, 2020, v. 1, p. 80-88 [2020a].
- CORÇÃO, G. A reforma universitária. In: **Diário de Notícias**. 11.03.1962. Suplemento Literário. Disponível em: https://www.zotero.org/groups/156901/alvaro_vieira_

pinto/search/gustavo%20cor%C3%A7%C3%A3o/titleCreatorYear/items/QRJ3CDRI/item-list. Acesso 08 DEZ 2021 [1962].

CORÇÃO, G. O planisfério do descalabro. In: **Diário de Notícias**. 18.03.1962. Suplemento Literário. Disponível em: https://www.zotero.org/groups/156901/alvaro_vieira_pinto/search/gustavo%20cor%C3%A7%C3%A3o/titleCreatorYear/items/EX2DTVQX/item-list. Acesso: 08 DEZ 2021 [1962a].

CORÇÃO, G. Uma aula de metafísica. In: **Diário de Notícias**. 17.06.1962. Primeira seção. p. 2. Disponível em: https://www.zotero.org/groups/156901/alvaro_vieira_pinto/search/gustavo%20cor%C3%A7%C3%A3o/titleCreatorYear/items/QRDEN48/item-list. Acesso: 08 DEZ 2021 [1962b].

CORÇÃO, Gustavo. **As fronteiras da técnica**. Campinas: Vide Editorial, 2021.

CÔRTEZ, Norma. Álvaro Vieira Pinto (1909-1987): vida & obra. In: CÔRTEZ, N. **Três comunicações reunidas sobre Álvaro Vieira Pinto**. Rio de Janeiro: Artes do Tempo, 2020, pp. 01-07. Disponível em: <https://ufrj.academia.edu/NormaCortes>. Acesso em 13 AGO 2020 [2020].

COSTA, Breno Augusto da e MARTINS, Adriano Eurípedes Medeiros. Álvaro Vieira Pinto sobre o conceito de tecnologia: uma discussão introdutória. **O que nos faz pensar**, Rio de Janeiro, v.29, n.47, p.108-123, jul-dez. 2020.

DANTAS, Marcos. Álvaro Vieira Pinto e a dialética da informação. In: **Princípios**. Dossiê: O Iseb e o desenvolvimento nacional. São Paulo, Vol. 162, jul-out 2021, pp. 41-74 [2021].

FÁVERI, José Ernesto de (org.). **O legado de Álvaro Vieira Pinto na voz de seus contemporâneos**. [E-book Kindle] São Paulo: ed. LiberArs, 2015.

FREITAS, Marcos Cezar. **Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama**. São Paulo: ed. Cortez/ed. USF-IFAN, 1998.

FREITAS, Marcos Cezar de. O conceito de tecnologia: o quarto quadrante do círculo de Álvaro Vieira Pinto. In: VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2005, pp. 01-25 [2005].

GONZATTO, R.F.; MERKLE, L.E. Vida e obra de Álvaro Vieira Pinto: um levantamento bibliográfico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.69, SET, 2016, pp. 286-310 [2016].

KLEBA, John Bernhardt. Tecnologia, ideologia e periferia: um debate com a filosofia da técnica de Álvaro Vieira Pinto. **Convergencia - Revista de Ciências Sociais**, UAEM, Mexico, n. 42, set-dez 2006, pp. 73-93 [2006].

MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. Lógica dialética e lógica formal: Álvaro Vieira Pinto e a natureza da luz. **Revista Iniciação & Formação Docente**, Vol. 8, N. 3, 2021, pp. 643-667 [2021].

REDE ÁLVARO VIEIRA PINTO. Obras de Álvaro Vieira Pinto. Publicado em 13 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://www.alvarovieirapinto.org/obras/%E2%80%A8setelicoes-sobre-educacao-de-adultos/>. Acesso em: 29 ABR 2021.

REDE ÁLVARO VIEIRA PINTO. Disponível em: <http://www.alvarovieirapinto.org>. Acesso em 20 JUL 2020.

SAVIANI, Dermeval. Introdução e Entrevista concedida por Álvaro Vieira Pinto. In: PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos**. 8ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1993, pp. 09-27. [Entrevista de julho de 1981]. [1993].

TOLEDO, Caio Navarro de (org.). **Intelectuais e política no Brasil. A experiência do ISEB**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ensaio Sobre a Dinâmica na Cosmologia de Platão**. Rio de Janeiro, 1949. Disponível em: <http://library.lol/main/734454D6F23427C906C93D7982626B7A>. Acesso em 13 JUL 2022 [1949].

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ideologia e Desenvolvimento Nacional**. 4ª edição. Rio de Janeiro: ed. do ISEB, 1960.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional (Vol. I - A consciência ingênua)**. Rio de Janeiro: ed. do ISEB, 1960a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre educação de adultos**. 8ª Edição. São Paulo: Cortez, 1993.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia** (Vol. I). Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia** (Vol. II). Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos: introdução metodológica ou prática metodicamente desenvolvida da ocultação dos fundamentos sociais do “vale de lágrimas”**. José Ernesto de Fáveri (org.). Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2008.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2020.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional (Vol. I - A consciência ingênua)**. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2020a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional (Vol. II- A consciência crítica)**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2020b.

VIEIRA PINTO, Álvaro Vieira. Indicações metodológicas para a definição do subdesenvolvimento. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol. III, n. 2, jul-1963, pp. 252-279 [1963].

3

LÓGICA DIALÉTICA E LÓGICA FORMAL: ÁLVARO VIEIRA PINTO E A NATUREZA DA LUZ ¹

Ao entrarem nos mesmos rios, outras e ainda outras águas fluem sobre eles.
Heráclito, fragmento L.

Permanece mudando. Heráclito, fragmento LII.

Eles não compreendem como uma coisa concorda discordando consigo mesma; é uma afinação [harmonia] voltando-se em si mesma, como a do arco e da lira. Heráclito, fragmento LXXVIII.

Apreensões: todos e não todos, convergente divergente, consoante dissonante, de todas as coisas um e de um todas as coisas. Heráclito, fragmento CXXIV².

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o. Oswald de Andrade. *Manifesto Antropófago*³.

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. Oswald de Andrade. *Manifesto Antropófago*⁴.

1. Mapa e bússola

Álvaro Vieira Pinto (1909–1987) foi um filósofo brasileiro. Sofisticado, original, autor de vasta obra, passou pela leitura tradicional de história da filosofia, não se limitando, entretanto, em fase posterior da carreira, ao comentário de texto. São, por exemplo, frutos muito

¹ Publicado originalmente em: MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. Lógica dialética e lógica formal: Álvaro Vieira Pinto e a natureza da luz. **Iniciação & Formação Docente**, v. 8, n. 3, p. 642 a 667-642 a 667, 2021.

² KAHN, 2009, p. 70 [fragmentos L e LII], p. 89 [fragmento LXXVIII], p. 106 [fragmento CXXIV].

³ ANDRADE, 1970, p. 16. Galimatias: 1. Discurso ou fala confusa, obscura, ininteligível. 2. Babel de palavras cujo sentido mal se pode entender (GALIMATIAS, 2021).

⁴ Ibid. p. 13.

potentes da fase de produção de uma filosofia original as teses inovadoras do seu póstumo, volumoso e ousado *O Conceito de Tecnologia* (2005)⁵. Tem sido relido de maneira mais intensa, paradoxalmente, fora dos muros de sua área de origem, a saber, a filosofia. Com efeito, seu livro *Sete lições sobre a educação de adultos* (VIEIRA PINTO, 1993) teve várias edições⁶. Por outro lado, seus livros exclusivamente filosóficos não tiveram o mesmo sucesso editorial, exceto, talvez, *Ciência e existência*, objeto de algumas reedições⁷. Sua obra, muitas vezes, foi alvo de ácida crítica, para não dizer incompreensão das teses expostas, mesmo por intelectuais respeitáveis. Isso ocorreu especialmente com o ensaio *Consciência e Realidade Nacional*, que não foi bem recebido por filósofos tais como Cláudio Henrique de Lima Vaz, Paulo Eduardo Arantes (COSTA e MARTINS, 2019, pp. 02-08) e Gérard Lebrun, ainda que este tenha discordado das teses de Vieira Pinto de modo bem mais respeitoso, declarando-se grande admirador do pensador (FÁVERI, 2015, posição 1339; 2393-2415)⁸.

Algum tempo depois de se dedicar com mais ênfase à análise da história da filosofia, cujo ponto alto foi a tese sobre Platão (VIEIRA PINTO, 1949), propôs, já no ISEB⁹, uma filosofia do desenvolvimento,

⁵ Para análises filosóficas sobre o conceito de tecnologia em Vieira Pinto, em sua relação com temas políticos, tais como soberania e desenvolvimento, consultar: CARVALHO, 2017; 2020.

⁶ Segundo a Rede de Estudos Álvaro Vieira Pinto, o livro teve 16 edições, sendo a 16ª de 2010. Ver: <http://www.alvarovieirapinto.org/obras/%E2%80%A8sete-licoes-sobre-educacao-de-adultos/>. Acesso em 27 ABR 2021.

⁷ Escrito em 1967 no Chile, foi publicado em 1969, 1979, 1985 (ed. Paz e Terra) e recentemente, em 2020, pela ed. Contraponto.

⁸ Para a crítica de Paulo Arantes, ver: ARANTES, 2005, pp. 05-24, especialmente p. 12 e 13. Para a análise demolidora do Padre Vaz, texto que praticamente substituiu a leitura da obra de Vieira Pinto na constituição da fortuna crítica (COSTA e MARTINS, 2019), ver: LIMA VAZ, 1962, pp. 92-109. Para a posição de Gérard Lebrun, consultar: LEBRUN, 2005, pp. 165-200.

⁹ ISEB: Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Vieira Pinto foi diretor do Departamento de Filosofia do Instituto (1955-1961) e diretor geral na última fase da instituição (1961-1964). O ISEB teve pretensões de ser uma espécie de *Think Tank* brasileiro. Para a história e importância do ISEB, ver: ABREU, 2005.

com posições inovadoras, de sua lavra (VIEIRA PINTO, 1960, 2020a, 2020b). Em outra chave, estudou a natureza da pesquisa científica em obra seminal, na qual lança um olhar filosófico e amplo sobre questões relacionadas aos problemas inerentes à prática da ciência, indicando seu caráter histórico e social (VIEIRA PINTO, 2020). Isso para citar apenas algumas significativas obras do autor, deixando várias outras de lado. As obras de Vieira Pinto, volumosas em geral, são abrangentes nos temas e ousadas nas teses propostas¹⁰.

O objetivo deste capítulo, em forma de ensaio – no sentido dado por Montaigne, significando tentativa, sem pretensões de esgotar o assunto –, é fazer um recorte temático na vasta obra vieiriana e tratar, em específico, de alguns aspectos de conceitos que se entrelaçam. São conceitos fundamentais e capilarizados na obra, perpassando, como ideias-força, suas reflexões. Trata-se dos conceitos de lógica dialética e lógica formal e seu emprego em *Ciência e existência*. Em seu último movimento, o ensaio tratará do tema da natureza da luz em três clássicos da história da filosofia para, feito este contraponto, mostrar a proposta de Vieira Pinto para o deslinde da questão. Para o autor, a lógica dialética é capaz de fazer que o homem possa compreender, em sua completude, o movimento real da natureza. E, no caso sob análise, retirar as dúvidas que pairam sobre a natureza deste fenômeno, descrito, segundo uma vertente, como onda (HUYGENS, 1986), e, de acordo com outra, como partícula (NEWTON, 2017). A resposta vieiriana dá desfecho ao problema por meio do uso da lógica adequada à sua compreensão.

O tema da lógica dialética já foi frequentado por ao menos dois comentadores da obra do autor, em artigo escrito a quatro mãos (COSTA

¹⁰ Ver, para uma biobibliografia do autor: GONZATTO e MERKLE, 2016. Sobre as ideias do autor, com ênfase na análise de *Consciência e Realidade Nacional*, ver o sofisticado e pioneiro – no resgate da importância filosófica e histórica de Vieira Pinto – ensaio de Norma Côrtes (2003).

e MARTINS, 2019a). O objetivo, entretanto, no presente texto, não é o de enfocar a *educação* a partir da análise dos referidos conceitos, como fizeram os autores citados, mas tratar de aspectos da lógica dialética de Vieira Pinto, suas características e potências, em contraposição à lógica formal. Ademais, mostrar seu uso no deslinde da questão da natureza da luz, explicitando as limitações, de acordo com o autor, das respostas daqueles que a trataram com o uso exclusivo da lógica formal. No interior desse tema, focar-se-á o ensaio *Ciência e existência* (VIEIRA PINTO, 2020).

O capítulo objetiva, igualmente, mostrar, ao final, como o autor inova a compreensão do fenômeno por meio não de uma descoberta de algo na coisa objeto de ciência (a luz), mas com um perspicaz giro copernicano, que consiste na mudança de enfoque cujo resultado é a mudança da lógica utilizada para sua análise. Com efeito, ao mudar a lente, desvenda algo não penetrável às epistemologias idealistas, metafísicas e formais – termos de Vieira Pinto –, as quais se revelam inadequadas à compreensão completa dos fenômenos físicos (bem como aos sociais e históricos, tema que não será desenvolvido neste capítulo). O giro operado por Vieira Pinto descortina um novo mundo. Não porque o mundo tenha se transmutado, mas porque a lente correta passou a ser utilizada para sua intelecção.

2. As duas lógicas

Vários comentadores apontam a importância da dialética, e da lógica correlata, no pensamento de Álvaro Vieira Pinto. Segundo Jorge Roux em entrevista a Fáveri, Vieira Pinto usou esta lógica em vasta parte de sua obra. Com efeito,

[...] ele estudava muito os pensadores dialéticos, entre eles Hegel, Fichte... Essa matriz, a dialética, é muito forte dentro do pensamento dele. Então [...] ele metaboliza todo este estudo/investigação e propõe a filosofia para a

sustentação do projeto nacionalista contido na obra *Consciência e Realidade Nacional*, de um desenvolvimento independente e autônomo para o Brasil (FÁVERI, 2015, posição 2281).

Fáveri afirma tese semelhante (FÁVERI, 2015, posição 1903), bem como o faz Kleba no âmbito estrito dos estudos vieirianos sobre tecnologia (KLEBA, 2006, pp. 74, 77). Na mesma linha estão Adriano Martins e Breno Costa, assim como Núbia Cardoso (COSTA e MARTINS, 2019a, p. 3; CARDOSO, 2017, p. 84). Este um ponto de convergência entre vários comentadores, portanto.

Em seu ensaio mais criticado, *Consciência e Realidade Nacional* (Vols. I e II), nota-se a presença da lógica dialética como ideia-força capilarizada nos raciocínios. Nesta obra Vieira Pinto desdobra em minúcia temas apontados no seu pequeno ensaio *Ideologia e Desenvolvimento Nacional* (1960)¹¹. A lógica dialética aparece em vários momentos de *Consciência e Realidade Nacional I* (2020a, pp. 41, 43, 79, 82, 97, 122, 150, 173, 174, 175 etc.). Apresenta-se ainda com mais densidade e operacionalidade em *Consciência e Realidade Nacional II* (2020b, pp. 68-116 etc.). Para mostrar um exemplo do uso vieiriano do conceito em *Consciência e Realidade Nacional I*, veja-se este excerto: “A contradição instalada na consciência ingênua é a de caráter formal e nada tem de comum com a contraditoriedade dialética inerente à realidade” (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 207 – grifo meu). Em *Consciência e Realidade Nacional II*, por sua vez, obra na qual várias páginas são permeadas pelo tema, escreve Vieira Pinto sobre este tópico fundamental, sintetizando a ideia-chave: “A racionalidade da consciência crítica exprime-se na compreensão dialética do processo da realidade” (2020b, p. 68 – grifos

¹¹ Este ensaio, publicado pela primeira vez em 1956, é a palestra inaugural do ISEB (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) proferida por Vieira Pinto em 14 de maio de 1956, por ocasião da inauguração do primeiro curso regular do instituto (FÁVERI, 2015, posição 842).

meus). Os exemplos poderiam se estender, mas neste ensaio não se objetiva abordar o tema em *Consciência e Realidade Nacional*.

A seguir, o ensaio focará os momentos de *Ciência e existência* em que o autor trata explicitamente desta forma de compreender o mundo, a saber, a lógica dialética. Ela dá ao autor régua e compasso tanto para compreender problemas relacionados à filosofia do desenvolvimento apresentada em *Consciência e Realidade Nacional*, quanto para trazer sua contribuição ao deslinde do nó epistemológico, presente ao longo da história da ciência, referente à natureza da luz.

Um primeiro ponto a ser constatado é que o conceito está espreado e desenvolvido em vários momentos do ensaio (VIEIRA PINTO, 2020, pp. 26, 30, 40, 43, 48, 51-55, 57-59, 63-64, 69-84, 119-124, 131, 140-141, 143, 151-154, 166-170 etc.), não se limitando aos capítulos em que o tema da lógica formal – e sua relação de subordinação à lógica dialética – é explicitamente tratado, ou seja, os capítulos IX e X de *Ciência e existência* (2020, pp. 177-218).

De fato, no capítulo II, afirma que acima do método, ou dos métodos, paira algo ainda mais fundamental à ciência, o que ele define como “alguma coisa mais geral e essencial do que esta análise particular [do método]” (2020, p. 50). Isso porque levanta “a questão da lógica de que se valem o filósofo e o teórico da pesquisa científica para compreender em totalidade o problema do método.” (2020, p. 50).

Este é um dos nós epistemológicos que, segundo hipótese deste ensaio, é deslindado pelo giro copernicano de Vieira Pinto. De fato, ao final do item (c) do capítulo II, o autor expõe o problema de que se está a tratar e explicita a falta de potência da lógica formal para o solucionar. A partir de então, propõe a lógica dialética como solução à questão de fundo, insolúvel à luz dos pensamentos idealistas e metafísicos, os quais fazem uso da lógica formal.

E qual a constatação inicial? A constatação do autor é a da contradição radical, presente na realidade, a qual se encontra igualmente em todas as indagações que “tocam a essência das questões filosóficas sobre a relação da atividade do pensamento com a natureza das coisas a que se refere.” (2020, p. 50). Para Vieira, a descoberta de tal contradição é a pista para a mudança de ótica que culminará no uso da lógica dialética. De fato, ele é o sistema de lógica “que devemos utilizar quando se trata de compreender e resolver em profundidade um problema da teoria da ciência.” (2020, p. 50). A lógica dialética, segundo Vieira Pinto, é capaz de dar unidade à multiplicidade de métodos da pesquisa científica. Isso que repugna à lógica formal – multiplicidade, contradição – é precisamente o elemento faltante à compreensão dos fenômenos científicos. Seu emprego é, para usar um termo não presente na obra do autor, o resultado do giro copernicano faltante.

Nessa linha argumentativa, pontua o autor que “A necessidade de aceitar o caráter lógico de um conceito ou situação objetivamente contraditórios conduz o filósofo a estabelecer e reconhecer a existência de contradições no processo de apreensão e representação da realidade.” (2020, p. 51). O processo de conhecimento – esta a principal tese sobre a questão – só vai ao degrau mais alto quanto admite a contradição. Ou seja, quando “apreende toda e qualquer manifestação da realidade sob a categoria do determinismo contraditório, e compõe o sistema da lógica que acolhe a contradição, manipula-a e aplica-a.” (2020, p. 51).

Arremata o autor, no mesmo movimento argumentativo, ao afirmar que “A lógica dialética é o sistema de pensamento racional que reflete fidedignamente o movimento real das transformações que se passam no mundo exterior, físico e social.” (2020, p. 53). Pode-se dizer, assim, que o tópico final que este capítulo se propõe analisar, o da

natureza da luz, que por sua vez é um pequeno aspecto da multiplicidade de fenômenos físicos, é apenas uma diminuta parte do que pode ser compreendido por esta forma de acesso ao real. Veja-se que o autor afirma que o mundo social também será compreendido, em sua completude e complexidade, com o uso da mesma lógica que se aplica aos fenômenos físicos. Isso explica a presença espaiada do conceito já em *Consciência e Realidade Nacional*, como apenas apontado, porém não desenvolvido no presente capítulo, por extrapolar o recorte proposto. Com efeito, neste ensaio são tratadas as relações intrincadas entre as formas de consciência e o desenvolvimento ou o subdesenvolvimento – tema que, diretamente, nada tem a ver com as ciências duras, com a pesquisa científica, embora Vieira Pinto pontue em vários momentos da obra (2005, 2005a, 2020) que qualquer pesquisa científica é produto do tempo histórico em que se dá. Portanto, os temas se tocam e até mesmo se interpenetram, no limite.

Sobre *Consciência e Realidade Nacional*, apenas para assinalar um ponto que não será expandido, trata-se de ensaio cujos temas atravessam a filosofia do desenvolvimento, o conceito de soberania, a natureza da consciência (individual, coletiva, ingênua, crítica etc.), a posição dos países subdesenvolvidos, entre muitos outros. Trata-se, por conseguinte, de ensaio interdisciplinar a amarrar temas sociológicos, econômicos, históricos, políticos e éticos sob os fios de uma filosofia que se libertou dos grilhões do colonialismo do comentário de texto. Vieira Pinto usa o repertório filosófico gigantesco que domina para colocar a filosofia a serviço de uma interpretação do Brasil e das razões do seu subdesenvolvimento, projetando trilhas de escape a esta situação histórica (VIEIRA PINTO, 2020a e 2020b). De modo talvez enviesado – pois há diferenças significativas entre as teses de Vieira e as de Oswald de Andrade (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p. 19) –, Vieira Pinto faz uso do

conceito de antropofagia ao movimentar repertório filosófico estrangeiro devidamente absorvido, transmutado e posto a serviço da realidade nacional (ANDRADE, 1970)¹².

De volta às formas lógicas. Ponto chave da relação entre ambas as formas de pensar – lógica formal e lógica dialética – é o fato de uma, mais ampla, conter a outra, mais limitada. Para compreender isso, é preciso recuar um passo para que se explicita o lugar do conhecimento na história de longa duração da matéria. Sobre este ponto, este ensaio apenas indicará um ou dois aspectos para localizar o tema das lógicas em panorama mais amplo. A seguinte passagem mostra a densidade do tema que é pano de fundo à questão das lógicas:

O conhecimento, em todos os graus, é sempre um dos modos pelo qual uma parte da matéria organizada biologicamente sofre a ação da realidade ambiente, viva ou inerte, e reage a ela. Conforme o grau de complexidade do ser vivo, podem verificar-se três modos gerais de intercorrelação entre o organismo e o mundo: o tropismo, o instinto, a ideia. Em todas essas modalidades de interconexão realiza-se a unidade dialética entre a teoria e a ação, pois em qualquer desses graus, uma parte do processo corresponde ao que se pode chamar a prática, a experiência do mundo circundante, de que decorre a formação de alguma espécie de percepção – que será o aspecto teórico do circuito – e da qual se origina uma nova capacidade do ser vivo, a de enfrentar por vezes sucessivas e sempre com maior probabilidade de êxito a mesma situação ou, originalmente, uma situação inédita. [...] O que distingue a segunda experiência da primeira é [...] que o ser vivo mudou qualitativamente no intervalo, pelo fato de se ter tornado agora capaz de

¹² O *Manifesto Antropófago*, de Oswald de Andrade, foi publicado pela primeira vez na *Revista de Antropofagia*, Ano I, n. 1, maio de 1928. O autor, após assinar o texto, escreve: "Em Piratininga/ Ano 374 da deglutição do Bispo Sardinha." Quanto às diferenças entre um pensador e outro, são muitas. O prefácio de Viveiros de Castro ao livro de Beatriz Azevedo, citado no corpo do texto, indica a preocupação de Oswald com a terra e com a Terra, com o que se chamaria hoje de ativismo ecopolítico. Como se sabe, Vieira Pinto está em chave diversa, a saber, a da proposta de uma filosofia do desenvolvimento e do nacionalismo como defesa da soberania. O que torna Vieira um representante enviesado da antropofagia é o uso que faz do repertório filosófico estrangeiro (existencialismo, marxismo etc.), colocando-o a serviço da filosofia original que elabora. Não obstante, portanto, as diferenças estruturais em face das teses de Oswald, pode-se levantar a hipótese de um Vieira Pinto praticante da antropofagia – a seu modo.

comportar-se com uma atuação sobre a realidade, que vai crescendo e se complicando com a evolução das espécies, até alcançar no homem o que se entende por trabalho consciente de construção do mundo para si. [...] Em sua realização mais perfeita, o conhecimento, sendo a expressão da unidade da teoria e da prática, manifesta-se como ideia (VIEIRA PINTO, 2020, p. 55).

Com este recuo, fica claro que o uso das formas lógicas é próprio à consciência dos homens em determinado tempo histórico – considerada a história de longa duração, a história da evolução da matéria, para usar termo de Vieira Pinto. As formas lógicas, especialmente a lógica dialética, que abarca a lógica formal, serão os meios de apreensão do real pelos indivíduos humanos. Entre o tropismo, movimento de um organismo vivo em resposta a um estímulo, o instinto, comportamento não aprendido que determina o comportamento básico de uma espécie no ambiente, e a ideia, há *gaps*, lacunas que mostram aumento da complexidade para a capacidade de apreensão do real. A ideia é um grau sofisticado de apreensão da realidade, e as lógicas são modos de operação da consciência para a realização desta apreensão. Apenas o animal humano é capaz dessa sofisticação em razão de possuir um sistema nervoso complexo e evoluído – nesse sentido biológico do termo, usado por Vieira Pinto. Portanto, na história de longa duração, a capacidade de apreensão do mundo por meio do uso das lógicas é algo relativamente recente e próprio a esta organização da matéria que culminou, biologicamente, no homem e em sua capacidade de ter consciência e formular ideias, tecer raciocínios. É nesse amplo painel que se deve compreender a lógica dialética e sua condição de instância que contém a lógica formal, mais limitada.

Nos parágrafos seguintes, este ensaio procurará traçar o quadro fundamental de funcionamento da lógica dialética, aproveitando-se em

especial do desenvolvimento deste tema nos capítulos de *Ciência e existência* explicitamente a ele dedicados, a saber, os capítulos IX e X.

O autor abre o capítulo IX com uma tese bastante geral, a saber, a da constatação da insuficiência da lógica formal tanto para o campo da filosofia quanto para o campo das ciências, sejam físicas, sejam sociais (2020, p. 179). De fato, diz o autor, “Não foi apenas o progresso da filosofia desde Fichte e Hegel que veio sugerir a necessidade de outra concepção lógica do processo da realidade. Foi também o desenvolvimento da ciência, especialmente os estudos sobre a estrutura da matéria [...]” (VIEIRA PINTO, 2020, p. 179).

A tese de Vieira Pinto é a de que a realidade, por operar dialeticamente, nunca poderá ser apreendida senão dialeticamente, isto é, por uma lógica que capte esta estrutura, lógica esta mais ampla que a lógica formal e que não se vê escrava das limitações estruturais desta última. De fato, como já afirmara no capítulo III da obra ora em análise, a lógica dialética opera com princípios mais amplos que os da lógica formal, tais como a contradição, a ação recíproca, a totalidade, a negação, a síntese e a identidade dos contrários (VIEIRA PINTO, 2020, p. 72), características que serão tratadas mais de perto em momento oportuno. Esta lógica, com estrutura que causa repúdio aos formalismos e à lógica formal, constitui “um sistema de relações entre as ideias capaz de incorporar os dados da experiência e estruturá-los em uma representação coerente.” (2020, p. 72). Impõe-se, assim, um “novo estilo de pensar, diverso do formalismo clássico.” (2020, p. 72).

São três as circunstâncias que impõem a passagem da lógica formal ao raciocínio dialético. Ao analisar tais circunstâncias, Vieira Pinto formula aspectos das duas lógicas. De certo modo, as define e as compara. A primeira circunstância, a seguir. A tese do mundo que opera por “causa e efeito” pode ser satisfeita em parte pela lógica formal, linear, a constatar

a regularidade das “leis naturais” (2020, p. 181). Tais leis aparecem invariáveis em diminutas dimensões de tempo e espaço (na comparação com a longuíssima duração) (2020, p. 181). Isso só faz sentido caso se dispense o conceito absoluto de *processo* (2020, p. 182). Com efeito, o real, em sua dimensão absoluta, para o autor, é processo. Esta lógica, a formal, para o campo do pensamento – em contraposição ao campo das coisas, da realidade não mental –, da análise das operações do pensamento, também opera bem. Em suma, diz Vieira, “Os problemas que examina, as teorias que constrói, a ciência que resulta da sua aplicação, tudo está condicionado a essa limitação da profundidade em que penetra na realidade, ao enclausuramento [...] ao qual [...] se recolhe.” (2020, p. 182). Porém, escreve o autor, na medida em que a ciência abarca maior número de fenômenos, mais densos, mais amplos, mais profundos, mais complexos, esta lógica revela-se pouco potente, claudicante. Não se trata, pois, de “`crise dos fundamentos` nas diversas ciências” (2020, p. 182). Trata-se do estiolamento do aparelho lógico até então usado, de cunho formalista. E fecha este conjunto argumentativo dizendo:

Posta nesta perspectiva, de relação entre graus de generalidade na capacidade de apreensão dos fenômenos e de área de validade, a lógica aristotélico-positivista aparece como caso particular, aplicável a certas condições restritas da realidade, da lógica generalizada, a de caráter dialético (VIEIRA PINTO, 2020, p. 183).

Segunda circunstância, a seguir. A lógica formal, afirma o autor, é feliz em explicar escalas aproximadamente fixas, e o faz com eficácia. Ou seja, objetos, transformações e velocidades em escala humana (2020, p. 183). Porém, falha quando a atuação da ciência se expande aos campos “que dizem respeito às manifestações da energia em suas formas mais complexas, ou à constituição do núcleo atômico, que já não podem ser tratadas com a mesma exatidão pelo raciocínio formalista.” (2020, p. 183).

Para essas realidades, com efeito, não valem as figurações mecânicas (2020, p. 183). Quanto mais a ciência se aproxima dos fundamentos últimos dos fenômenos da realidade, mais se impõe “a consideração do processo universal em totalidade.” (2020, p. 184). Nessas circunstâncias, diz Vieira, “esgotam-se os poderes do pensar formal.” A lógica dialética, por outro lado, é capaz de produzir a teoria que se ajusta à interpretação desses dados mais profundos (2020, p. 184). O modo de pensar dialético, diz o autor, dissipa as confusões metafísicas na medida em que parte da seguinte e simplíssima reflexão: o homem pensante, que conhece o mundo e o explica, é ele mesmo um produto desse mundo e tem de ser compreendido, “em todos os seus aspectos e funções, com as mesmas ideias gerais que explicam o processo total da realidade. A produção da ideia é dialética: a expressão da ideia é formal.” (2020, p. 188). As leis que presidem a formação da racionalidade, comuns a toda a realidade, não podem deixar de ser dialéticas. As que se referem à expressão linguística do pensamento, por seu turno, por ser esta uma criação humana, são derivadas da lógica dialética. Portanto, conclui Vieira, “as leis do raciocínio formal explicam-se mediante as do pensamento dialético, enquanto o inverso seria impossível.” (2020, p. 189).

A lógica dialética, com efeito, como já indicado em outro momento deste mesmo ensaio de Vieira Pinto (2020, p. 72), não opera com os princípios de identidade, terceiro excluído e não-contradição, estes próprios à lógica formal, metafísica – pois própria apenas ao pensamento, ou a aspectos mais ou menos fixos da realidade que se expressarão em pensamentos abstratos. A lógica dialética tem instrumental mais amplo e não prescinde “de categorias como as de relação interna, totalidade, oposição e unidade dos contrários, ação recíproca, negação da negação [...]” (2020, p. 186).

A exigência do uso desta nova lógica se impõe, por fim, de acordo com o autor, em função de um terceiro conjunto de circunstâncias, a seguir indicadas. O ponto inicial da argumentação vieiriana, nesse terceiro conjunto de raciocínios, é a ideia de que a lógica dialética pode compreender todos os acontecimentos em que o homem é “simultaneamente o investigador e um dos elementos do problema investigado.” (2020, p. 189). Com efeito, sendo o homem parte do processo universal da realidade, que é dialética, uma peculiaridade se apresenta nele em face do todo. As leis dialéticas estão presentes no íntimo dos seres da realidade. No homem, entretanto, a tomada de consciência de si e do mundo é o elemento não presente em outras instâncias. O homem se percebe como ser histórico, e isso o torna qualitativamente distinto, pois historiciza o tempo, a duração, que sem este salto qualitativo seria apenas evolução da matéria (2020, p. 189). E arremata Vieira Pinto: “Todos os processos naturais de que o homem é partícipe estão neste caso. Por conseguinte, para conhecê-los faz-se mister o emprego de uma lógica que incorpore à compreensão do fato as distinções qualitativas do tempo, as relações complexas estabelecidas entre os momentos sucessivos [...]” (2020, p. 190). A lógica dialética é capaz de compreender o surgimento do novo – e o novo não apenas está no fato de aquilo que sucede não se confundir com o passado, ser outra coisa. O novo está também, por exemplo, na descoberta de algo completamente novo, como uma substância química desconhecida (2020, p. 190). Mas o ponto fulcral, aqui, é a imprecisão da lógica formal para captar o novo que decorre do *processo* de mudança, especialmente o novo decorrente de liames antes não ocorridos – nova substância química, por exemplo –, uma vez que opera com a causalidade linear ou mecânica (2020, p. 191). O fato nascente, pela lógica dialética, é reconhecido não como anormalidade em face da sucessão, mas

compreendido pela categoria da contradição – repudiada pela lógica formal e incorporada pela lógica dialética (2020, p. 191). O ponto de vista dialético, afirma Vieira Pinto, “é precisamente o oposto [da exigência idealista e metafísica da lógica formal]: procura revelar a oposição que se encontra oculta no íntimo do que parece idêntico. [...] A contradição está no âmago de tudo que é real.” (2020, pp. 192-193).

Os objetos do real possuem conteúdo dinâmico, portadores de uma contradição imanente. A lógica capaz de captar essa verdade essencial é a lógica dialética. Assim, o conceito dialético, fruto dessa lógica, manifesta o processo da realidade, ao passo que a lógica formal exclui, para suas exigências internas de não-contradição e identidade, o sensório.

Vieira Pinto resume os argumentos desse terceiro movimento de raciocínios na seguinte passagem, que coloca o homem e o real em perspectiva de longa duração, apontando de modo claro para a insuficiência da lógica formal e para a potência da lógica dialética. Escreve:

O homem não pode compreender a realidade circunstante, sempre limitada, que o encerra e à qual tem acesso, aquela que constitui a sua ‘situação’, e ainda a sua própria realidade senão por via dialética, e por isso tem de se interpretar como um processo particular dentro de processos cada vez mais gerais, o da sua comunidade, o da espécie, o da evolução biológica, o da produção da matéria viva, e, por fim, o da existência absoluta, unitária e infinita do Universo (2020, p. 193).

Por fim, algumas notas explicativas sobre as características dos elementos constitutivos da lógica dialética – contradição, ação recíproca, totalidade, negação, síntese e identidade dos contrários (VIEIRA PINTO, 2020, p. 72).

Vieira Pinto aponta uma tese-chave, a saber, “a inesgotabilidade do conteúdo racional da realidade, que jamais chega a ser captado em forma definitiva pela inteligência.” (2020, p. 204). O que significa dizer que à medida em que a ciência se torna capaz de captar mais e mais

aspectos do real, melhor sua capacidade de “representar a procedência dos seres do processo geral da realidade” (2020, p. 204). Assim, o progresso da ciência “pelo enriquecimento interno da ideia [...] é a lei histórica que rege todo avanço cultural no campo da pesquisa.” (2020, p. 204). Essa historicidade da ciência, segundo Vieira Pinto, é explicável pela dialética (2020, p. 204).

A lógica formal não é capaz dessa proeza em razão de sua insuficiente constituição. De fato, “[...] se enclausura na fixidez das ideias, ignora as relações internas e desconhece o significado do processo natural em totalidade.” (2020, p. 205). Para ilustrar esse ponto, o autor compara a forma de captação do real a uma máquina de filmagem que apreende vários *frames* (quadros) e depois os coloca em movimento pela mobilidade artificial da sequência de um ao outro. É a técnica da cinematografia (2020, p. 205). A lógica dialética, afirma o autor, oferece outro tipo de compreensão da realidade. Não considera a ideia um quadro fixo, uma representação rígida, mas a considera móvel: “ela mesma [a ideia] é o filme.” (2020, p. 205).

O aspecto objetivo do real, em vez de se mostrar como unidade coerente, e por isso retratável de modo formal, apresenta-se contraditório: “o que era visto como ser se apresenta ao mesmo tempo como não ser, o que tinha caráter fixo e absoluto é percebido como variável e relativo” (2020, p. 206). Se a coisa se mostra habitada pela contradição, o modo de captá-lo como ideia não pode se fixar em formações que impedem o acesso a este real ele mesmo contraditório. Aqui se delineiam outros aspectos da lógica dialética relatado em outro momento da obra (2020, p. 72), a saber, a negação, a síntese e a identidade dos contrários. De fato, o que era deixa de ser o que era. O novo se apresenta como negação do que era. A síntese é o que a coisa vem a ser depois de negar o que antes era – seja pelo movimento, seja pelo

surgimento do substancialmente novo. Um novo elemento químico, por exemplo. A identidade ou unidade dos contrários decorre, por sua vez, da constatação da verdade da contradição. Se no movimento, no processo do real, o novo é o que nega o velho, seja na sucessão, seja qualitativamente, a unidade da totalidade é uma “somatória” de contrários que se sucedem e negam o anterior ao se afirmar.

Desse modo, a dialética, afirma Vieira Pinto, ensina que a natureza do processo geral da realidade é contraditória. Em consequência disso, “todas as coisas e fenômenos singulares são apenas momentos desse processo” (2020, pp. 206-207). De fato, “todo objeto particular é na verdade um ‘processo` particular, dentro do processo geral da existência objetiva.” (2020, p. 207). Essa uma constatação epistemológica básica, ponto de partida de toda reflexão filosófica sobre a ciência que se queira construtiva (2020, p. 209).

A realidade, igualmente, não tem cortes de partes em face de partes. Trata-se de um todo em processo: “O que se entende por leis das partes é o reflexo nestas das leis do todo.” (2020, p. 212). Eis aqui o aspecto da totalidade constitutivo da lógica dialética, ou seja, por ser o real um todo com leis próprias, a lógica que o capta deve compreendê-lo como totalidade. Essa constatação da interdependência das partes em face de partes mais amplas, e destas em face de outras ainda mais amplas, e assim sucessivamente, leva Vieira Pinto a constatar outra propriedade da lógica dialética, a saber, a categoria de ação recíproca. Ou seja, não existem condicionamentos causais de uma só direção, mas “sim influências em sentidos diversos e opostos entre todos os pares de seres ou fenômenos que consideramos” (2020, p. 213). Assim, segundo o autor, o conceito de causalidade linear, de natureza formal, é útil apenas em descrições superficiais do real, não resistindo a aspectos mais profundos da realidade, isto é, não os explicando.

Tal categoria, a da ação recíproca, diz Vieira Pinto, só é compreendida quando se capta a realidade como totalidade em processo de permanente transformação (2020, p. 213). As leis da totalidade preexistem dialeticamente às leis das partes. O proceder à compreensão dos fenômenos pela lógica dialética não consiste em “pensar a contradição, mas em pensar por contradição” (2020, p. 214). Isso diferencia o cientista que opera por consciência ingênua daquele que o faz por consciência crítica, isto é, daquele que procede à compreensão da realidade com o uso da lógica adequada a esta compreensão (2020, p. 214). Este tema, das diferenças entre as consciências, que aqui aparece de modo lateral, é profundamente analisado em outra obra, anterior, cuja primeira edição é de 1960, a saber, *Consciência e Realidade Nacional* (VIEIRA PINTO, 2020a e 2020b). O uso da lógica dialética, entretanto, não significa que sua expressão, pela linguagem, não tenha que obedecer a formalizações. O autor resume a questão ao dizer: “[...] é preciso pensar dialeticamente os processos investigados, para alcançar a verdade essencial que possuem; mas de outro lado, não se pode deixar de exprimir formalmente, na lógica dos conceitos formais, aquilo que foi pensado dialeticamente” (VIEIRA PINTO, 2020, p. 215). Isso significa que o real é dialético, a lógica que o apreende igualmente o é, porém, a expressão do que se capta dialeticamente, a expressão do pensamento em linguagem, obedece à lógica dos conceitos formais.

Desse modo, pode-se concluir que o conceito dialético, a ideia de um real dialético, é dinâmico, pois capta um real que é *processo*, é ser-em-movimento. O conceito formal, por seu turno, abstrai essas qualidades e manifesta o conteúdo da experiência causalmente, transcrevendo em palavras ou outros símbolos aquilo que é essencialmente contraditório (2020, p. 216). Vieira Pinto não vê problema nesta dualidade entre as lógicas, desde que tal dualidade seja

vista à luz de uma consciência crítica, capaz de ver a diferença entre um instrumento e o outro.

Em outra chave, ponto fundamental da argumentação do autor sobre este tema é a tese de que a dialética constitui o modo superior de pensar a realidade ao mesmo tempo em que é um modo de “pensar o homem concreto, de alguém que está obrigatoriamente em comunicação com seus semelhantes, que vivem em sociedade, em determinado regime político e econômico, e se exprime pela linguagem usual” (2020, p. 215). O pensamento dialético é o pensamento do homem em situação histórica definida. Portanto, não é ciência fria, impessoal, metafísica (2020, p. 216).

Corolário dos argumentos de Vieira Pinto é a relação entre as lógicas, sob a perspectiva de unificação, de um lado, e o conceito de trabalho, de outro. Com efeito, a logicidade do pensamento, diz, seja o formal, seja o dialético, “consiste na capacidade de refletir corretamente as propriedades das coisas, o curso dos fenômenos, as leis que os regulam, a fim de permitir ao homem intervir nesse processo [...]” (2020, p. 218). Interferir no processo para que as finalidades que tem em vista quando se dispõe à ação se concretizem. Conclui Vieira que “o critério de toda racionalidade” é “a prática da ação humana que atinge os fins que subjetivamente a motivam” (2020, p. 218). A dialética, assim, proclama a prática como critério de verdade – nesse sentido existencial de atingir finalidades subjetivamente postas como fins, algo próprio do homem. Diz Vieira Pinto, por fim, que a atribuição de funções à prática, bem como o assinalar de condições e limites a ela, torna tal conceito o mais significativo da epistemologia crítica (2020, p. 218). Desse modo, todo o constructo teórico em torno do conceito de lógica dialética e suas caracterizações, de lógica formal e seus limites e funções, apontam ao final para a condição existencial e histórica do homem. Trata-se de um

conceito de prática que relaciona o homem ao seu meio como ser que está sempre em condição (histórica), ser que compreende o mundo para nele intervir segundo finalidades subjetivamente postas de início. A teoria do conhecimento crítica, proposta por Vieira Pinto, faz um liame entre as lógicas, especialmente a dialética, capaz de profunda apreensão da realidade, e a prática em sentido existencial.

3. Onda ou partícula?

Vieira Pinto expõe o problema da natureza da luz nos seguintes termos:

Ocorreu aqui o fato de uma hipótese, sem perder a validade em relação ao conjunto de fenômenos que se destinava a explicar, ver nascer ao seu lado a hipótese oposta, que igualmente se mostrava hábil para dar a compreensão racional de outro grupo de fenômenos, que contudo se referiam ao mesmo objeto, a luz, e eram mal explicados pela hipótese alternativa (2020, p. 466).

De fato, as duas hipóteses, ao longo da história da filosofia natural, que se revezaram na explicação do fenômeno, foram a hipótese ondulatória e a da luz como partícula (como matéria). Gigantes da história da filosofia exemplificam os caminhos da esgrima argumentativa. Isaac Newton (1643-1727), defensor da hipótese da luz como partícula e Christiaan Huygens (1629-1695), defensor da hipótese ondulatória. Em outra linha, René Descartes (1596-1650), que afirma a tese da luz como *ação*, algo próximo da teoria ondulatória, ainda que seja mais preciso afirmar que Descartes tenha preferido analisar as características e propriedades da luz, não sua natureza. Como afirma um estudioso do tema, a luz, para Descartes, não seria passível de descrição metódica (RAMOS, 2010)¹³. Algumas breves palavras sobre as

¹³ Afirma José Portugal dos Santos Ramos: "Nesses dois discursos [Discursos I e II de *A Dióptrica*], Descartes relata que a natureza da luz não é passível de descrição metódica. Nessa perspectiva é que

teses dos autores indicados, a seguir. Após, a posição de Vieira Pinto no debate será analisada.

Tome-se Descartes. Não obstante ter escrito um *Tratado da Luz* (2009) e *A Dióptrica* (2010), prescindiu, nesta última, de definir a natureza da luz. Diz: “Ora, não tendo aqui outra ocasião de falar da luz a não ser para explicar como seus raios entram no olho e como eles podem ser desviados pelos diversos corpos que encontram, não é necessário que eu emprenda a tarefa de dizer na verdade qual é sua natureza [...]” (2010, p. 452). E mesmo no *Tratado da luz*, afirma, sobre a luz, que não é material, conjunto de partículas ou algo em torno deste conceito, mas uma *ação* (2009, pp. 53, 97, 98 etc.). Diz: “[...] estou seguro de que admitireis, como faço, que não é preciso imaginar nos astros nem nos céus outra qualidade além *dessa ação, à qual se dá o nome de luz.*” (2009, p. 98, grifo meu). Ou, ainda: “Eis aí as principais qualidades *que se observam na luz*, convenientes todas elas *a essa ação*, como ireis ver.” (2009, p. 98, grifos meus).

Newton trata da questão da luz nas questões 28 a 31 do Livro III da *Óptica* (NEWTON, 2017, pp. 265-293). Nelas, defende a tese da luz não como movimento ou pressão, mas como corpúsculo. Na questão 28, rejeita a ideia de que haja entre os planetas e cometas um fluido de qualquer densidade. Afirma que a existência de tal fluido (chamado de éter) não apenas não ajuda a explicar os movimentos dos grandes corpos na natureza, como planetas e cometas, como atrapalha tal explicação (NEWTON, 2017, pp. 265-271). E conclui, acoplando o tema da natureza da luz:

Descartes compreende que essa explicação se torna impertinente, na medida em que não se propõe realizar a investigação acerca da natureza mesma do objeto, mas apenas tratar do modo como é possível descrever a ação da luz mediante a explicação mecânica do movimento.” (RAMOS, 2010, p. 422).

Portanto, a fim de abrir caminho para os movimentos regulares e duradouros dos planetas e cometas, é necessário esvaziar o firmamento de toda matéria [...]. Um fluido denso pode ser incapaz de explicar os fenômenos da natureza, e sem ele se explica melhor os movimentos dos planetas e cometas. E, sendo inútil, impedindo as operações da natureza e fazendo-a definhar, não há evidência de sua existência; portanto, deve-se rejeitá-lo. E, se o rejeitarmos, as hipóteses segundo as quais a luz consiste em pressão ou movimento propagados através de tal meio serão igualmente rejeitadas (2017, p. 270).

De fato, a luz não pode, rejeitadas estas hipóteses, ser onda, pois para o ser deveria se propagar por este fluido, pelo éter. E ela parece se propagar do sol a um planeta, por exemplo, sem a necessidade deste fluido. Portanto, para isso, a luz deve ser corpúsculo em sua natureza constitutiva. Esta a conclusão de Newton.

Por outro ângulo, na questão 29, chega à mesma constatação. Pergunta: “Os raios de luz não são corpos minúsculos emitidos pelas substâncias que brilham?” (2017, p. 271). E continua:

Pois tais corpos atravessarão meios uniformes em linhas retas sem se curvar em direção à sombra, o que é da natureza dos raios de luz. Também serão capazes de possuir várias propriedades, e de conservar imutáveis suas propriedades ao atravessar vários meios, o que é outra condição dos raios de luz. As substâncias transparentes agem sobre os raios de luz a distância, refratando-os, refletindo-os e inflectindo-os, e os raios agitam reciprocamente as partes dessas substâncias a distância para aquecê-las; e essa ação e reação a distância assemelha-se muito a *uma força atrativa entre os corpos* (2017, p. 271 - grifo meu).

Afirma a mesma tese ao final desta questão: “Digo apenas que [...] é difícil conceber como os raios de luz, *a não ser que sejam corpos*, podem ter uma virtude permanente em dois de seus lados e não nos outros [...].” (2017, p. 273 - grifo meu). Argumentos de natureza diversa, os quais apontam para a mesma posição, a da luz como corpuscular, aparecem nas questões 30 e 31 (2017, pp. 273-293).

Christiaan Huygens postula, em linha diversa da newtoniana, a hipótese ondulatória para definir a natureza da luz. Em que consiste? Escreve o pensador, de início, que “Não se pode duvidar que a luz consista no movimento de certa matéria” (HUYGENS, 1986, p. 12). Isto é, não que a luz seja ela mesma matéria, mas onda que se movimenta em certo meio. Complementa, pois, no sentido desta hipótese: [...] “a luz consiste em um movimento da matéria que se encontra entre nós e os corpos luminosos.” (1986, p. 12). Conclui na linha da tese da luz como onda:

Ora, não há dúvida de que a luz também não venha do corpo luminoso até nós por algum movimento impresso à matéria que está entre os dois [...] seguir-se-á que esse movimento impresso à matéria é sucessivo e que, consequentemente, ele se espalha, assim como o som, por superfícies e por ondas esféricas. Eu as chamo “ondas” por semelhança àquelas que vemos formarem-se na água quando aí se joga uma pedra e que representam uma propagação sucessiva e circular – embora proveniente de uma outra causa e somente em uma superfície plana (HUYGENS, 1986, pp. 12-13).

Huygens sempre se refere à luz como onda no seu *Tratado sobre a luz* (1986). A matéria em que essas ondas de luz se propagariam, segundo Huygens, não é de mesma natureza que o ar, no qual o som se propaga. Huygens, assim como Descartes, não concebia espaço vazio. Descartes postulava o éter como matéria sutil que estaria em toda parte, entre os planetas e sobre a terra (HUYGENS, 1986, p. 17, nota 9). Nesta matéria a luz se propagaria. Afirma Huygens sobre este tema:

Vê-se aqui não apenas que o nosso ar, que não penetra o vidro, é a matéria através de que se propaga o som, mas também que não é esse mesmo ar, mas uma outra matéria, na qual se propaga a luz; pois tendo sido retirado o ar desse recipiente, a luz não deixa de atravessá-lo como antes (HUYGENS, 1986, p. 17).

Esta “outra matéria” para Huygens é, pois, na mesma linha de Descartes, o éter (1986, p. 17).

O giro copernicano realizado por Vieira Pinto para a questão da natureza da luz é uma proposta que explicita o equívoco da tradição quanto às lentes teóricas usadas. De fato, a lógica dialética – que opera com princípios consoantes à realidade, que é também dialética, é processo – é capaz de acessar a natureza profunda da realidade. Como o ensaio mostrará a seguir, a substituição vieiriana de lentes equívocas por lentes adequadas ao real propõe explicação muito convincente para o problema secular da natureza da luz, que tantos debates gerou na história da filosofia natural e ainda gera naquilo que veio a ser a filosofia natural, a saber, a física contemporânea.

A questão da natureza da luz aparece no capítulo XX de *Ciência e existência* (2020, pp. 466-467). Este é o momento do ensaio em que o autor trata do significado dos instrumentos científicos e da interpretação dos resultados da pesquisa. Trata-se de capítulo que demanda, claramente, todo o rol conceitual derivado da lógica dialética e de sua superioridade explicativa em face da lógica formal. Uma das teses desenvolvidas neste capítulo, corolário da dialética do real e da melhor adequação da lógica dialética para compreender o mundo como processo, é a da indissociabilidade entre instrumento, método e ideia. O aparelho científico não é apenas um artefato exterior a serviço de um método (2020, p. 460). Sendo o método um processo de raciocínio, o aparelho já é um método em ação (2020, p. 460). As ideias, por sua vez, têm papel instrumental e, portanto, se incorporam ao método na fase final da pesquisa (2020, p. 461). Desse modo, entre o método de pesquisa e a interpretação dos resultados, segundo Vieira, há unidade lógica. A interpretação, quando convertida em teoria, é o momento máximo da criação científica. Afirma:

A teoria representa em grau mais profundo a unidade, a identificação, por abstração intelectual, da consciência cognoscitiva com a realidade do mundo. Mediante a teoria, dá-se a integração de vastos setores da realidade, a incorporação da totalidade de certa ordem de fenômenos ao Universo subjetivo da representação [...] (VIEIRA PINTO, 2020, p. 462).

Vieira Pinto refuta, pois, a tese de que, conforme se lê nos manuais de lógica (em geral sobre lógica formal), a hipótese se converteria em teoria apenas depois de devidamente comprovada (2020, p. 464). Com efeito, afirma que constitui a hipótese “A exposição desta presumível ordem entre os fatos, expressa pela concatenação de proposições em que se articulam os conceitos que refletem os dados ou fatos singulares” (2020, p. 464). Não se distingue, afirma, da teoria, exceto “pelo grau de generalização que lhe é assinalado, e, portanto, pela área de aplicação que atinge” (2020, p. 464). Desse modo, um sistema explicativo que seja apresentado como hipótese pode assim permanecer por largo período na consciência científica (2020, p. 465). Vieira Pinto afirma que foi o que ocorreu com a concepção evolucionista em biologia, que começou como hipótese fraca e se converteu em teoria na medida em que foi ganhando caráter explicativo mais abrangente (2020, p. 465). Assim, conclui o autor, “Hipótese e teoria, e a verificação que ambas exigem, não têm lugares fixos no processo metodológico, nem limites imóveis a não ser nos esquemas abstratos dos manuais escolares de lógica formal” (2020, p. 465)¹⁴.

A conclusão do autor, após o movimento de raciocínios acima, é a de que a concepção dialética nunca se contentou com estas divisões, as quais sempre foram desmentidas pela história (2020, p. 465). E o exemplo pinçado na história da ciência, pelo autor, para comprovar este ponto, é o tema objeto da seção final do presente capítulo. É o momento

¹⁴ Há, hoje, em razão do avanço das pesquisas em bioquímica, novas obras que refutam o evolucionismo de Darwin com argumentos instigantes, muito sólidos e polêmicos. Por exemplo, Wolfgang Smith e Michael Behe: SMITH, 2017, p. 283-314; BEHE, 1999.

breve, porém preciso, no qual expõe sua posição acerca do problema da natureza da luz.

O raciocínio do autor é o resultado do conjunto de teses presentes no correr da argumentação de *Ciência e existência*. A conclusão é exatamente o fruto do uso dos conceitos relacionados à dialética e ao modo como Vieira a concebe como central à pesquisa científica para a penetração nos fenômenos mais profundos da realidade. Por ser a luz um desses pontos profundos da natureza da realidade, as tentativas de explicação que fizeram uso da lógica formal sempre foram insuficientes.

Houve, ao longo da história da filosofia natural e da ciência, as duas hipóteses ilustradas neste capítulo pelas teses de Newton, Descartes e Huygens, a saber, a hipótese corpuscular e a ondulatória. Descartes chega mesmo a dizer que apenas explicaria o fenômeno, sem procurar deslindar sua natureza – por não ser passível de descrição metódica (RAMOS, 2010, p. 422).

Vieira Pinto afirma, pois, que ao longo desta esgrima argumentativa houve uma hipótese que viu nascer ao seu lado hipótese oposta. Pois bem. Uma dessas hipóteses explicava uma parte dos fenômenos relativos ao objeto (a luz), ao passo que a outra hipótese explicava o outro conjunto de fenômenos que a primeira não dava conta de explicar. O conjunto dos fenômenos, explicáveis em parte por uma, em parte por outra hipótese, este um ponto fundamental, se referiam sempre ao mesmo objeto, a luz. Dito de outro modo: uma parte dos fenômenos relativos à luz, mal explicados por uma das hipóteses, eram bem explicados pela outra, e vice-versa. Ocorre que o objeto gerador desses tantos fenômenos, explicáveis em parte por uma, em parte por outra hipótese, é um só: a luz. Por exemplo, o fenômeno da refração¹⁵,

¹⁵ Mudança de direção de uma onda luminosa produzida pela modificação do meio em que se propaga.

bem como o da polarização¹⁶, são melhor explicados pela luz compreendida como onda. Já o efeito fotoelétrico¹⁷ é melhor explicado caso se compreenda a luz como partícula.

A conclusão de Vieira Pinto, possível em razão de o pensador fazer uso da lógica dialética, é límpida:

A hipótese corpuscular e a ondulatória são igualmente verídicas em relação ao mesmo objeto, embora não em relação às mesmas manifestações desse objeto. Sendo certo que cada qual detém uma parcela da verdade, torna-se evidente que a verdade completa deve residir na unidade entre elas, apesar de opostas (VIEIRA PINTO, 2020, p. 466).

Assim, a concepção vieiriana da natureza da luz é fruto do que aqui se chamou de giro copernicano, ou seja, a mudança de enfoque para a apreciação do fenômeno. Em vez de focar o fenômeno com a mesma lente formal sempre empregada ao longo da história da ciência, Vieira Pinto faz um giro epistemológico e constata que o problema estava não na coisa (luz), mas na lente desde sempre empregada (lógica formal). Sendo a luz fenômeno da natureza – que é *processo*, que se manifesta dialeticamente –, há aspectos de seu comportamento que não podem ser compreendidos sem que se recorra a traços próprios da constituição dialética da natureza.

É porque a luz é contraditória em sua constituição (partícula e onda simultaneamente) que sua natureza somente pode ser apreendida por completo ao explicitar estes dois aspectos que a constituem, ainda que opostos. A lógica dialética, por apreender o real levando em conta a natureza contraditória deste mesmo real, não se espanta com esta

¹⁶ Ocorre quando a luz natural, que antes se propagava em todos os planos, passa a se propagar em um único plano. Por exemplo, havendo mudança de meio (ar para água etc.), parte da luz muda de direção e a parte refletida pelo meio se polariza em outra direção.

¹⁷ Emissão de elétrons por certos materiais quando iluminados por ondas eletromagnéticas, ou seja, quando tocados pela luz de determinadas fontes.

contradição. Apenas se dá conta dela, a apreende. Já a lógica formal “evidencia-se claramente impotente para formular corretamente esta teoria. Não encontra outra saída para esta contrariedade de aspectos, apesar de ser um dado racional da realidade, senão formular um fictício e arbitrário ‘princípio de indeterminação` [...]” (VIEIRA PINTO, 2020, p. 466).

Desse modo, conclui Vieira, diferentemente da lógica formal, a lógica dialética, ao se deparar com duas hipóteses explicativas de um mesmo objeto, o qual se manifesta de maneira contraditória (como a luz), em vez de enxergar indeterminação na realidade, apenas acolhe a contrariedade em uma teoria mais ampla, explicativa do objeto tal qual este se apresenta. Pois, como mostrou exaustivamente Vieira Pinto, essa é a normalidade do curso da natureza. Tal teoria geral “acolhe a oposição, a dualidade e as incorpora ao esquema racional” (2020, p. 466).

Assim, o giro copernicano proposto por Vieira Pinto, a saber, a mudança de enfoque cujo corolário é o uso da lógica correta para explicar os fenômenos da natureza (assim como os sociais e os históricos) é a chave para a compreensão do secular problema da natureza da luz. Não há qualquer transmutação do objeto. Apenas se o reconhece contraditório com o uso das adequadas lentes teóricas necessárias à sua completa intelecção. O problema da natureza da luz, aos olhos de Vieira Pinto, portanto, decorre não de um mistério constitutivo de sua natureza, mas do uso da lógica formal em lugar da lógica dialética, esta sim adequada para explicar em profundidade os fenômenos naturais, intrinsecamente dialéticos.

Ao ser herdeiro longínquo da filosofia sutil de Heráclito e simultaneamente fruto enviesado¹⁸ do modo antropófago, como

¹⁸ Como afirmado na nota de rodapé 12, são muitas as diferenças entre Oswald e Vieira. O prefácio de Viveiros de Castro ao livro de Beatriz Azevedo (VIVEIROS DE CASTRO, 2016, p. 19) indica a preocupação de Oswald com a terra e com a Terra, com o que se chamaria hoje de ativismo ecopolítico. Como se

conceituado por Oswald de Andrade (1970), de filosofar, Álvaro Vieira Pinto é exemplo da potência da filosofia no Brasil. Talvez mais: da potência da filosofia do Brasil quando esta se apresenta constituída por lentes e articulações obliquamente oswaldianas. Nas palavras do Manifesto Antropófago: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago” (ANDRADE, 1970, p. 13). Lei que, no caso de Vieira Pinto, pelo trabalho da antropofagia infiltrada pela dialética, transmuta a filosofia dos autores canônicos em *para-si* e, a partir do digerir conceitual desta apropriação, projeta ensaísmo filosófico de extrema originalidade e qualidade.

Referências

- ABREU, Alzira Alves. A ação política dos intelectuais do ISEB. In: NAVARRO DE TOLEDO, Caio. **Intelectuais e política no Brasil. A experiência do ISEB**. Rio de Janeiro: Revan, 2005, pp. 97-117 [2005].
- ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. In: ANDRADE, Oswald. **Obras Completas** (Vol. VI). Rio de Janeiro: ed. Globo, 1970, pp. 11-19. [1970].
- ARANTES, Paulo Eduardo. Um depoimento sobre o Padre Vaz. **Síntese - Revista de Filosofia**. Belo Horizonte, vol. 32, n. 102, 2005, pp. 05-24. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/338>. Acesso em 13 ABR 2021 [2005].
- BEHE, Michael. **La caja negra de Darwin**. Barcelona/Santiago: editorial Andres Bello, 1999.
- CARDOSO, Núbia Luiz. **Álvaro Vieira Pinto, o filósofo do terceiro mundo: construções teóricas sobre “consciência” e “educação”**. Dissertação de mestrado. Programa de

sabe, Vieira Pinto está em chave diversa, a saber, a da proposta de uma filosofia do desenvolvimento e do nacionalismo como defesa da soberania (tema presente em *Consciência e Realidade Nacional* e não tratado no presente capítulo). O que faz de Vieira um representante enviesado da antropofagia é o uso que faz do repertório filosófico estrangeiro, de alguns autores e movimentos canônicos, colocando-os a serviço da filosofia original que elabora. Isso aponta para a hipótese de um Vieira Pinto praticante da antropofagia, ainda que à sua maneira.

Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade Católica de Brasília. Brasília: 2017.

CARVALHO, Jairo Dias. O Brasil como problema. Parte um: a filosofia da técnica. In: OLIVEIRA, Jelson. **Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas**. Caxias do Sul: Educs, 2020, pp. 303-322 [2020].

CARVALHO, Jairo Dias. Tecnologia, política e filosofia em Álvaro Vieira Pinto. **Pensando – Revista de Filosofia**, Vol. 8, n.15, 2017, pp. 21-30. Disponível em <https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/issue/view/249>. Acesso em 27 JUL 2020 [2017].

CÔRTEZ, Norma. **Esperança e Democracia: As ideias de Álvaro Vieira Pinto**. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: ed. UFMG e IUPERJ, 2003.

COSTA, Breno Augusto da e MARTINS, Adriano Eurípedes Medeiros. Notas à Recepção do Pensamento de Álvaro Vieira Pinto: o caso Vaz e a educação em Consciência e Realidade Nacional. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Vol. 44, n. 2, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/83042>. Acesso em: 07 OUT 2020 [2019].

COSTA, Breno Augusto da e MARTINS, Adriano Eurípedes Medeiros. Lógica dialética e educação: um estudo introdutório a partir do pensamento de Álvaro Vieira Pinto. **Educação e Pesquisa**, v. 45, p. 01-19, 2019a. DOI: 10.1590/s1678-4634201945188483. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/157690> . Acesso em: 04 ABR 2021 [2019a].

DESCARTES. **O mundo (ou Tratado da Luz) e o Homem**. Apresentação, apêndice, tradução e notas Marisa C. de O. F. Donatelli e César A. Battisti. Campinas: ed. Unicamp, 2009.

DESCARTES. A Dióptrica. Tradução de José Portugal dos Santos Ramos. Revisão técnica de Pablo Rubén Mariconda. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 451-486, 2010.

FÁVERI, José Ernesto de (org.) **O legado de Álvaro Vieira Pinto na voz de seus contemporâneos**. São Paulo: ed. LiberArs, 2015.

GALIMATIAS. In: **Dicionário Online Caldas Aulete**. Disponível em <https://aulete.com.br/galimatias>. Acesso em 14 MAI 2021.

- GONZATTO, R.F.; MERKLE, L.E. Vida e obra de Álvaro Vieira Pinto: um levantamento bibliográfico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.69, SET, 2016, pp. 286-310. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8644246>. Acesso em: 27 JUL 2020.
- HUYGENS, Christiaan. Tratado sobre a luz. **Cadernos de História e Filosofia da Ciência**. Série 1, Suplemento 4, 1986. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/issue/view/229>. Acesso em 06 ABR 2021. [1986].
- KAHN, Charles H. **A arte e o pensamento de Heráclito: uma edição dos fragmentos com tradução e comentário**. Tradução de Alexandre S. de Santi, Bruno Conti, Élcio de Gusmão Verçosa Filho. Revisão técnica de Rachel Gazolla. São Paulo: Paulus, 2009.
- KLEBA, John Bernhardt. Tecnologia, ideologia e periferia: um debate com a filosofia da técnica de Álvaro Vieira Pinto. **Convergencia - Revista de Ciências Sociais**, UAEM, Mexico, n. 42, set dez 2006, pp. 73-93. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1405-14352006000300005. Acesso em 14 ABR 2020.
- LEBRUN, Gérard. A “Realidade Nacional” e seus equívocos. In: NAVARRO DE TOLEDO, Caio. **Intelectuais e política no Brasil. A experiência do ISEB**. Rio de Janeiro: Revan, 2005, pp. 165-200.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. Consciência e Realidade Nacional. **Síntese Nova Fase**, Vol. 4, n. 14, 1962, pp. 92-109. Disponível em: <https://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/3186>. Acesso em 05 ABR 2021.
- NEWTON. **Óptica**. São Paulo: Edusp, 2017.
- RAMOS, José Portugal dos Santos. Demonstração do movimento da luz no ensaio de óptica de Descartes. **Scientiae Studia**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 421-50, 2010.
- REDE DE ESTUDOS SOBRE ÁLVARO VIEIRA PINTO. Obras de Álvaro Vieira Pinto. Publicado em 13 de janeiro de 2016. Disponível em: <http://www.alvarovieirapinto.org/obras/%E2%80%A8sete-licoes-sobre-educacao-de-adultos/>. Acesso em: 29 ABR 2021.
- SMITH, Wolfgang. **A sabedoria da antiga cosmologia**. Campinas: Vide editorial, 2017.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ensaio Sobre a Dinâmica na Cosmologia de Platão**. Rio de Janeiro, 1949. Disponível em: <http://libgen.li/item/index.php?md5=734454D6F23427C906C93D7982626B7A>. Acesso em 27 JUL 2020 [1949].

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ideologia e Desenvolvimento Nacional**. 4ª edição. Rio de Janeiro: ed. ISEB, 1960.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre educação de adultos**. 8ª Edição. São Paulo: Cortez, 1993.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia** (Vol. I). Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia** (Vol. II). Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2020.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional (Vol. I - A consciência ingênua)**. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2020a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional (Vol. II- A consciência crítica)**. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2020b.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Que temos nós com isso? In: AZEVEDO, Beatriz. **Antropofagia - Palimpsesto Selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2016, pp. 10-19.

4

A SOFISTICAÇÃO DO TRABALHO: O NÓ GEOPOLÍTICO DESATADO POR ÁLVARO VIEIRA PINTO ¹

1. O velho, o novo e o desenvolvimento

Ao tratar da relação entre desenvolvimento e trabalho, Vieira Pinto afirma:

As ponderações anteriores tiveram apenas por finalidade mostrar a necessidade de construir, como instrumento de emancipação econômica dos países subdesenvolvidos, uma filosofia cuja tese central seja esta afirmação: é o trabalho que revela a realidade, à medida que a vai modificando (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 72).

Ao menos dois pontos devem chamar a atenção no excerto: Vieira Pinto insere a filosofia no centro do debate sobre o desenvolvimento. Eis o primeiro. O segundo: a associa a temas aparentemente dela distantes, como desenvolvimento e seu antípoda, o subdesenvolvimento, emancipação econômica, trabalho e mudança da realidade. Não se trata, entretanto, de uma filosofia abstraída da realidade, mas fincada radicalmente na existência. Daí a aproximação de Vieira Pinto do existencialismo. Porém, os existencialistas e suas teses sofrem, no cadinho filosófico do autor, uma antropofagia aos moldes oswaldianos, a qual faz que os conceitos estrangeiros se

¹ Este capítulo é parte de um estudo maior, *Álvaro Vieira Pinto e a filosofia política da técnica*, publicado na *Revista Tecnologia e Sociedade* e igualmente publicado neste livro. O tema do presente capítulo, bem como a conclusão, entretanto, não são os mesmos do capítulo indicado, que teve outros propósitos e outro tema. Publicado originalmente em: MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. A sofisticação do trabalho: o nó geopolítico desatado por Álvaro Vieira Pinto. **Dossiê Subdesenvolvimento, tecnologia e revolução brasileira em Vieira Pinto – Boletim CTS em Foco**, Vol. 4, n. 2, Abr-Jun de 2024. Uma versão de divulgação, mais curta, foi publicada no jornal **Gazeta do Povo**: MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. *O nó geopolítico desatado por Álvaro Vieira Pinto*. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 13 out. 2024. Opinião. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/opiniao/artigos/o-no-geopolitico-desatado-por-alvaro-vieira-pinto/>. Acesso: 09 MAR 2025 [2024].

transmutem em outros-de-si (ANDRADE, 1970). Após o “moedor conceitual” vieiriano, a filosofia existencialista se apresenta totalmente ressignificada, adaptada ao que ele chamou de “humanismo do nosso tempo” (VIEIRA PINTO, 1960, p. 44). Ciências da cultura e ciências da natureza, eis dois dos tópicos a serem explorados pelo humanismo vieiriano. O conhecimento científico, aqui, é o primeiro passo, de mãos dadas com a técnica. Assim, tal humanismo deverá se apoderar das técnicas que explorem a realidade material. Em outro ponto, a ser prezado pelo humanismo vieiriano, estão as artes. Não as artes como folclore, mas as que clareiem o sentido radical do povo brasileiro. Sai de cena a arte como caricatura e sobe ao palco a arte como saber originário, radical, no sentido do que vai à raiz.

Após definir, assim, a tese central da filosofia que está em jogo, isto é, a do trabalho como revelador da realidade na medida em que a vai modificando (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 72), trata, em seguida, do conceito de amannualidade, retirado da filosofia da existência, porém, redefinido pelo autor (2020a, p. 73).

O conceito de amannualidade decorre da ideia de algo “estar à mão”. Depois de fazer uso da definição abstrata e metafísica do conceito, aspecto que critica nos fenomenólogos existenciais, afirma que os objetos que estão ao redor do homem e que se revelam como coisas, são, em realidade, artefatos, objetos fabricados (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 73). Antes de se darem ao manuseio do homem, já foram produzidos por outros homens. Existem, portanto, camadas de manuseio que se sobrepõem. Há, no início, o manuseio das substâncias brutas. Após, o manuseio dos artefatos criados a partir das substâncias brutas. E assim sucessivamente. Esse um aspecto fundante do conceito de amannualidade utilizado por Vieira Pinto. Há gradação nos tipos de

manuseio. O que está por trás da gradação do amanejo é o conceito de trabalho (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 73).

Um clássico exemplo que Vieira Pinto usa para ilustrar a tese da sofisticação da amanejo é o do barro que devém vasilha, a qual vem a ser arte cerâmica. Mexer em uma quantia de barro é uma coisa. Segurar uma vasilha de barro para beber algo é outra. Uma terceira é tomar a vasilha nas mãos para apreciar a beleza da arte cerâmica nela inscrita. Nos três casos, o que mudou o mundo ao redor foi o trabalho, cujos graus significam a elevação da realidade objetiva da coisa a momentos superiores de manuseio. Na medida em que se refina o trabalho impresso na coisa, e no artefato derivado desta coisa, e assim sucessivamente, surgem novas características do objeto (2020a, p. 74).

Muito do que foi feito no mundo que cerca o homem é fruto desse imprimir amanejo, em graus variados, nas coisas e nos artefatos, que por sua vez são objeto de intervenção de novos artefatos. Isso tudo custa trabalho (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 74). O conceito de amanejo passa de conceito abstrato a conceito com pés fincados na realidade, de acordo com a reformulação nele introjetada por Vieira Pinto. Desse modo, o aspecto do trabalho e o fato de que há diferentes trabalhos a depender do período de que se trata, inclui no conceito uma nova propriedade, a história. Tem-se, desse modo, na amanejo vieiriana, tanto a prática, o trabalho introjetado nas coisas e artefatos, o esforço humano, quanto a acumulação de trabalho ao longo do tempo e, portanto, a dinâmica da história (2020a, p. 75).

Em razão desse salto conceitual, Vieira Pinto pode concluir:

Cada indivíduo encontra o mundo povoado pelos objetos que a época na qual nasceu pode produzir, na fase em que se acha o processo econômico e cultural da sua comunidade. A revelação do mundo, pelo amanejo das coisas, se faz, portanto, trazendo sempre o caráter histórico da manufatura e se

refere às forças de produção, às relações de produção e ao grau de avanço intelectual existentes (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 76).

Por fim, como corolário da redefinição proposta por Vieira Pinto do conceito e de seu alargamento epistemológico, tem-se que o trabalho do homem individual em seu meio histórico, em determinada posição no espaço social, é igualmente o resultado do trabalho das gerações anteriores. É, com efeito, como se a lente dos fenomenólogos, tomada de empréstimo com a opacidade da abstração metafísica, passasse pelo polimento vieiriano e finalmente se prestasse a ajudar aquele que a usa a enxergar com exatidão a natureza das coisas. Há, então, no conceito de amannualidade proposto por Vieira Pinto, trabalho individual e trabalho histórico acumulado, esforço humano dos que precederam aquele homem individualmente considerado (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 77). O conceito de nação é igualmente inserido pelo autor nesta equação.

Um aspecto relativo à historicidade da natureza amannual das coisas é o que segue: “Saber que a amannualidade reveladora do mundo material é função do momento histórico leva imediatamente a compreender que está na dependência do estado de desenvolvimento de cada *comunidade nacional*” (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 77 – grifo nosso). Vieira Pinto então afirma que os países não se nivelam no mesmo grau de progresso (2020a, p. 77). Ora, progresso, para Vieira Pinto, não é uma filosofia da história a informar um rumo certo e inexorável dos povos e nações. É uma sofisticação amannual no domínio da natureza das coisas. Fica claro que a historicidade do conceito permite que se enxergue amannualidades diferentes em diferentes países (nações). A nação pode ser, em função de seu domínio sobre as coisas, desenvolvida ou subdesenvolvida (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 77).

Neste ponto da argumentação vão se tornando claros aspectos cruciais da filosofia do desenvolvimento vieiriana. É instância que

amarra a filosofia da técnica à filosofia política, ao mesmo tempo em que preenche aquilo que fora apenas apontado, mas não desenvolvido, no opúsculo de 1956, *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*.

De fato, uma nação cuja amannualidade é pouco sofisticada possui, por parte de seus membros constituintes, uma relação com o mundo que se caracteriza pela pobreza científica e técnica. Em síntese, a relação dos membros de uma nação subdesenvolvida com o entorno é de uma amannualidade menos sofisticada em relação à dos países desenvolvidos, industrializados. Segundo o autor, isso já era claro empiricamente, mas ninguém havia ainda compreendido a “fundamentação filosófica” (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 78) que explica a raiz das situações distintas: de um lado, elaboração da amannualidade, no sentido de sofisticação e relação com um entorno já resultante de trabalho acumulado, e trabalho este de qualidade, não apenas referente à quantidade. De outro lado, o subdesenvolvimento como uma relação com o entorno não com produtos fabricados pela indústria, mas com entes em muitos casos sequer objeto de um primeiro grau de amannualidade, ou seja, quando o amannual é em grande monta a circunstância “puramente física” (2020a, p. 78). Esta distinção entre fase primária do desenvolvimento e fase mais sofisticada traz consequências não apenas ao modo de vida dos membros da nação, mas às suas consciências acerca do entorno (2020a, p. 78).

Se a consciência gerada nos indivíduos da nação subdesenvolvida é diversa em qualidade em face daquela gerada nos membros da nação desenvolvida, há uma característica que pode ser encontrada nos membros da nação subdesenvolvida que poderá ser a catapulta para a mudança de qualidade. Uma vez constatado o aspecto histórico da amannualidade e a diferença entre as nações com mais e menos sofisticação na relação com o mundo, pode surgir a procura dos meios de eliminar tal discrepância (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 78).

A busca do esclarecimento da questão, sob o ponto de vista da história, levará à constatação de que o desenvolvimento “[...] é resultado do processo de acumulação de trabalho” (2020a, p. 79). É preciso, pois, afirma Vieira Pinto, que os países subdesenvolvidos “[...] desencadeiem no seu interior um movimento de acumulação de trabalho [...]” (2020a, p. 79). Há, entretanto, uma sutileza aqui. Trata-se de qualquer trabalho? De modo algum. Não se trata de acumulação quantitativa de trabalho, mas de acumulação qualitativa. Apenas esta é uma modalidade útil de acumulação de trabalho, sendo a quantitativa inócua para o desenvolvimento (2020a, p. 79).

É preciso sair da situação de produzir “um mais” para a de produzir “um novo”. Nesse momento, se estabelece entre as duas formas de trabalho uma “relação dialética de meio e fim” (2020a, p. 79), que torna a sucessão do trabalho “[...] não apenas cronológica, mas histórica” (p. 79). Ou seja, o trabalho normal, sem inovação, passa a ser meio para o trabalho novo, o que é capaz de refundar, momento a momento, a história de dada nação. O maior desenvolvimento de uma nação em face da outra está exatamente na capacidade de produzir, o quanto mais, trabalho novo acumulado. O salto qualitativo é, neste caso, o desenvolvimento da nação que é capaz de praticar tal tipo de trabalho.

Não se trata, portanto, de simples intensificação do trabalho e aumento de produtividade, pois é precisamente o “`novo` do trabalho” que produz o desenvolvimento (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 80). O salto histórico da nação se faz apenas e tão somente com este tipo de trabalho acumulado, não com a intensificação do trabalho “velho” e sua acumulação. As camadas de amannualidade sofisticada que se acumulam é que possibilitam à nação seus saltos históricos. Ou seja, seu desenvolvimento. Outra face da mesma moeda, a acumulação da intensificação da amannualidade simplória faz que a nação, ao invés, se

mantenha subdesenvolvida. O autor conclui: “[...] o que define em qualidade um modo de fazer é o que se chama a técnica. Eis-nos assim em face da questão filosófica da técnica” (2020a, p. 80).

Por sua vez, Vieira Pinto define a essência da técnica com as seguintes palavras: “[...] a essência da técnica, o que lhe confere a natureza de processo, é a acumulação qualitativa do trabalho” (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 80). Ela tem dois aspectos. De um lado, é conhecimento acumulado do melhor meio para se atingir determinado fim útil. É um fazer bem. Este o aspecto conservador da técnica (2020a, p. 79). Porém, ressalta Vieira Pinto, a essência da técnica “[...] não está no ‘fazer bem’, e sim no ‘fazer novo’ [...] é por natureza invenção” (2020a, p. 81). Procura realizar algo melhor por meio melhor, sendo o “meio melhor” o que, segundo Vieira, “[...] desvenda o íntimo da técnica” (2020a, p. 81).

O que aparece como velho é o modo estabilizado de trabalho, ou seja, o que a sociedade em determinado momento conhece de melhor para se chegar a um resultado desejado (2020a, p. 82). A técnica como essência entra exatamente aí, ou seja, “[...] vai afetar o modo de trabalho existente e sobre ele depositar o modo novo e mais perfeito” (2020a, p. 82). Trata-se de acumulação de trabalho, porém não como repetição do velho, mas invenção de procedimentos originais. O processo de desenvolvimento técnico é esta sobreposição de camadas de maneiras de trabalho distintas qualitativamente (2020a, p. 82).

As reflexões acima apontam para uma conclusão cheia de repercussões. De fato, o autor traz como corolário dos argumentos que a técnica não pode ser concebida como algo abstrato, como a técnica em geral. Em vez disso, ele constata que, por ser processo de acumulação qualitativa de trabalho, feito em dada nação e em dado momento, nunca pode prescindir de seu aspecto histórico: “A técnica é fundamentalmente um processo histórico” (2020a, p. 83). Ela demanda

um contexto histórico e um dado regime de produção. Não se apresenta ou se modifica no vazio.

Por fim, uma passagem-chave retirada das reflexões de Vieira Pinto sobre a técnica, realizadas na obra originalmente publicada em 1960 (VIEIRA PINTO, 2020a e 2020b), liga este conceito ao de desenvolvimento e, portanto, ao ensaio-projeto de 1956, “Ideologia e Desenvolvimento Nacional”. Se a técnica é a criação do novo a partir do antigo, a saber, desenvolvimento (2020a, p. 84), conclui: “Constatamos, assim, este fato, pelo qual nos é dada, em síntese, a teoria do desenvolvimento, e que exprimimos nesta proposição: o processo histórico do desenvolvimento nacional consiste no desenvolvimento dos processos técnicos de produção” (2020a, p. 84). E arremata em seguida: “Eis a razão pela qual o desenvolvimento nacional está forçosamente na dependência do avanço técnico” (2020a, p. 84).

Vieira Pinto transmuta o conceito abstrato de amannualidade em conceito útil ao incorporar em seu bojo a história. Não a história em geral, mas a de cada nação em específico. De nada adianta falar do caráter amannual do mundo, “mas não dizer de que mundo histórico se trata” (2020a, p. 85). O mundo histórico de que se está a falar sempre é um país, uma nação, situado na história, com determinada conformação social e em certa etapa de desenvolvimento dos processos produtivos e da sua cultura (2020a, p. 85).

2. O nó geopolítico

Para que o leitor tenha uma imagem panorâmica de uma das consequências do que tais conceitos apontam, basta um exercício simples. Uma passada d`olhos no site Flightradar24², que mostra o

² Disponível em: <https://www.flightradar24.com/51.50,-0.12/6> Acesso em: 29 MAI 2024.

movimento de aeronaves no mundo inteiro ao vivo, explicita, como num grande painel, a resultante da história geopolítica de longa duração. Com efeito, pelo site é possível ver a quantidade de aviões (um índice da sofisticação tecnológica e do desenvolvimento) que sobrevoa os eixos desenvolvidos do mundo em contraste com aqueles que não tiveram acesso a este direito até os dias atuais. Causa estupefação a comparação entre a quantidade de voos presentes na Europa e na América do Norte em relação àqueles presentes na África e América do Sul.



Qual, portanto, o nó geopolítico desatado por Vieira Pinto? Trata-se de inocular no conceito de amaneiridade e de trabalho os conceitos de nação e de história. Eis um aspecto da antropofagia vieiriana. Ora, como acima brevemente analisado, isso implica constatar que os saltos no desenvolvimento são dados pelas nações em função da quantidade de trabalho novo que conseguem introjetar no aspecto quantitativo do trabalho. Por que esta tarefa não se cumpre nos países subdesenvolvidos? Estariam estes, já há algumas décadas, paralisados por astúcias geopolíticas com vistas ao congelamento do poder mundial

(CASTRO, 1971)? Apontar com clareza, com as lentes vieirianas, as estratégias das nações imperialistas para impedir o acesso das nações subdesenvolvidas aos saltos históricos possibilitados pelo trabalho novo: eis uma tarefa da consciência crítica. Eis uma tarefa de uma nova pedagogia. Eis uma tarefa, sobretudo, da filosofia política da tecnologia.

Referências

ANDRADE, Oswald de. *Manifesto Antropófago*. In: ANDRADE, Oswald. *Obras Completas* (Vol. VI). Rio de Janeiro: ed. Globo, 1970, p. 11-19.

CASTRO, João Augusto de Araújo. O congelamento do poder mundial. *Revista de informação legislativa*, v. 8, n. 31, p. 37-52, jul./set. 1971. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/180480>. Acesso em: 30 MAI 2024.

FLIGHTRADAR. Disponível em: <https://www.flightradar24.com/14.51,2.17/2> Acesso em: 30 MAI 2024.

MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. Álvaro Vieira Pinto e a filosofia política da técnica. *Revista Tecnologia e Sociedade*, v. 19, n. 57, p. 488-508, jul./set. 2023. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/15755> Acesso em: 30 MAI 2024.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*. 4ª edição. Rio de Janeiro: ed. do ISEB, 1960.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e realidade nacional: a consciência ingênua* (Vol.1). Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2020a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e realidade nacional: a consciência crítica* (Vol.2). Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2020b.

5

FILOSOFIA, ALIENAÇÃO, DOMINAÇÃO: ÁLVARO VIEIRA PINTO E O CONCEITO DE TECNOLOGIA ¹

E logo a seguir declara Aristóteles aquilo que nos parece o essencial: nesse movimento, ou seja, no ato humano, reside o princípio da técnica. Álvaro Vieira Pinto. *O Conceito de Tecnologia I*, p. 138.

A reflexão filosófica tem neste assunto um significado de primordial importância. [...] Evidentemente, a discussão do problema da essência da tecnologia tem de revelar a faceta política que lhe é inerente, sob pena de mostrar-se lacunar ou falsa. Álvaro Vieira Pinto. *O Conceito de Tecnologia I*, p. 267.

1. O ponto de vista do infinito e o tabelião de ideias

Vieira Pinto afirma em *Ideologia e Desenvolvimento Nacional* (IDN) que faltou ao passado intelectual do Brasil a presença da filosofia (1960, pp. 11-12). Não se trata, segundo o autor, da presença ou ausência de uma *filosofia brasileira*. Este adjetivo, que daria peso a uma filosofia de confecção nacional, é rechaçado: “propósito cujo ridículo nos parece desnecessário salientar” (1960, p. 45). Tal resistência à ideia e ao uso do termo se explica pela concepção vieiriana de filosofia, que não pode ter como traço definidor algo que a limite. Ao invés. O aspecto que caracteriza a “filosofia” no Brasil é a inexistência de uma concepção universalizadora (1960, p. 12). Teria faltado ao Brasil o ponto de vista do infinito (1960, p. 13). A consequência seria uma visão opaca que os brasileiros teriam de si mesmos. Opaca em dois sentidos. Num primeiro, refletida na incapacidade de percepção do desenvolvimento em sua acepção verdadeira. Num segundo, por não se poder dar ao

¹ Publicado como capítulo de livro em: MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. Filosofia, alienação, dominação: Álvaro Vieira Pinto e o conceito de tecnologia. CARVALHO, H.B.A; ABRAHÃO, L.H.de L. (orgs). *Perspectivas da Filosofia da Tecnologia no Brasil*. Teresina: EDUFPI, 2024, p. 99-119.

desenvolvimento o incentivo e a significação adequados. O papel do filósofo em terras nacionais deveria ser o de possibilitar uma visão universal dos problemas, em lugar de visões parciais, dadas por outras áreas do saber – ainda que não necessariamente incorretas. O que Vieira Pinto propõe no opúsculo é uma filosofia do desenvolvimento, cujo termo sinônimo ele intitula ideologia nacional (1960, p. 45). Do ponto de vista psíquico, isso implica cada indivíduo da nação como detentor de uma ideia clara e distinta acerca da situação do país: “O que era instintivo clamor de revolta, transforma-se em iluminante compreensão” (1960, p. 18). Esse aspecto psíquico, essa ideia na mente de um indivíduo, ao se tornar coletiva, passa a significar um esclarecimento das massas quanto ao projeto de desenvolvimento. Por isso Vieira Pinto em alguns momentos afirma que a ideologia do desenvolvimento passa pelas massas e é função da consciência das massas (pp. 30-31). Com efeito, “a ideologia é apenas o aspecto social daquilo que, no indivíduo, é a consciência de uma ideia” (1960, p. 30). O papel agregador e universal da filosofia do desenvolvimento fica claro na seguinte passagem da preleção²:

[...] só concebemos a ideologia do nosso desenvolvimento como estrutura de ideias formalmente constituída à luz das categorias gerais que a análise filosófica descobre, mas dependendo em tudo das contribuições objetivas e concretas da ciência sociológica, da economia política e da geoantropologia, para materializar-se como referência à comunidade nacional. [...] Fica, portanto, bem compreendido o que representa como concepção fecunda o plano geral de estudo da realidade brasileira, realizado no particular por disciplinas diferentes, mas orientado por uma interpretação de ordem filosófica. (grifos não presentes no original, 1960, pp. 36-38)

² IDN foi, originalmente, a aula inaugural do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), ministrada por Vieira Pinto, em 14 de maio de 1956, no auditório do MEC. Ver: Rede Álvaro Vieira Pinto. Disponível em: <http://alvarovieirapinto.org/ideologia-e-desenvolvimento-nacional/>. Acesso: 31 OUT 2023.

Já se esboça no breve ensaio de 1956, portanto, o conceito de filosofia que propõe Vieira Pinto. Trata-se, como já indicado, de uma filosofia do desenvolvimento ou ideologia nacional. Por desenvolvimento, no mesmo opúsculo, o autor entende um processo, uma “transiência inteligível” (p. 21), ou seja, o avesso do aleatório e do não intencional. É uma dinâmica que requer finalidade, unidade, especificidade e ideia diretriz (p. 22). O fim deve ser definido pelos dirigentes na nação, politicamente escolhidos pelo povo. A unidade é dinâmica, isto é, trata-se da “concatenação de fatos segundo uma ideia unificadora, multiplicidade de situações interiormente relacionadas” (p. 23). A consciência da situação nacional dada com vistas à finalidade deve ser, num primeiro momento, ideia em uma consciência, representação mental adequada. Para se tornar coletiva, deve vir a ser ideologia, ou seja, ideia presente, coletivamente, nas consciências dos constituintes da massa esclarecida. Essa é a transformação da consciência de alienada (um ser-em-si) em autêntica (um ser-para-si). Este rol de conceitos esboçados em IDN foi objeto de longos desdobramentos nos dois volumes de *Consciência e Realidade Nacional*, um dedicado à consciência ingênua (I), o outro à consciência crítica (II) (1960a, 1960b).

De volta ao conceito de filosofia vieiriano. Intenta ser um campo de estudos em tudo diverso de uma filosofia focada em análise ou comentário de textos clássicos, *modus operandi* que veio a se tornar predominante em terras brasileiras. Igualmente, configura-se como uma perspectiva de pensar a filosofia atrelada à práxis e à história de dada nação, o que explica a crítica mordaz que o autor faz, em sua obra magna, *O Conceito de Tecnologia I* (2005, p. 45), à filosofia compreendida como comentário de textos clássicos de autores estrangeiros.

Há uma distância intransponível entre a ideia de uma filosofia do desenvolvimento, tarefa por excelência de uma filosofia a ser concebida

em um país subdesenvolvido, e aquela que o autor constata como sendo a “filosofia” de fato praticada nesses países.

O autor propõe, em *O Conceito de Tecnologia I*, o papel do filósofo no país subdesenvolvido, que se distancia do papel do filósofo do país desenvolvido. Sobre este ponto, escreve: “A consciência filosófica só será legítima se explicar o estado do seu meio, não por um reflexo passivo exterior, mesmo verídico, mas pela apreensão da essência do ser social do qual o pensador é parte” (2005, p. 45).

Acerca do que os filósofos do país subdesenvolvido tinham produzido até então – e certamente a principal fonte de Vieira Pinto é o Brasil –, o autor é cirúrgico e direto:

Tal como têm sido redigidos até hoje os poucos, confusos e irrelevantes ensaios designados no país atrasado pelo nome de “filosofia”, são uma modalidade de alienação cultural em forma praticamente pura. O filósofo, não tendo nada de próprio a pensar, satisfaz-se em respirar os zéfiros divinos provenientes das regiões ocidentais cultas, [...]. Algumas consequências bizarras [...] derivam desta situação. No país subdesenvolvido, o filósofo, como só registra o que foi pensado e dito nos centros metropolitanos, pode ser chamado de tabelião de ideias. A cultura, em conjunto, constitui o cartório dos conhecimentos alheios. Obrigado a colecionar e registrar os produtos do pensamento de origem externa, o filósofo na verdade nunca chega a ser escritor; não passa de escrevente. [...] Apenas lavra uma escritura do que os outros, os sábios estrangeiros, declaram perante ele. No país subdesenvolvido é impossível o surgimento de verdadeiros livros de filosofia. A verdade não consiste na descoberta de algum novo aspecto de ser, mas na fidedignidade das cópias e traslados dos documentos recebidos. A cultura é o conjunto dos registros dos bens intelectuais fielmente reproduzidos, fabricados por pensadores de fora e apenas adquiridos por nativos com especial inclinação e suficiente tempo vago para se dedicarem a este gênero de dissipação espiritual. (2005, pp. 45-46)

Em suma, um paradigmático caso de consciência alienada e ingênua, presente nas mentes filosóficas supostamente mais preparadas do país subdesenvolvido.

Em contraponto ao estado de coisas acima diagnosticado, Vieira Pinto propõe uma filosofia do desenvolvimento, cujos traços gerais foram acima pincelados. Um dos aspectos mais relevantes da ideologia nacional ou filosofia do desenvolvimento é a tese vieiriana desdobrada nos dois volumes de *O Conceito de Tecnologia*.

Nessa obra, Vieira Pinto realiza, a seu modo, a tarefa histórica da filosofia, a saber, estiolar o senso comum – a consciência ingênua – com a finalidade, por meio do exercício da consciência crítica, de buscar a essência do objeto estudado.

2. Os fora-de-si e a epistemologia da técnica

A questão da alienação, da consciência autêntica *versus* consciência alienada, tem íntima relação com o problema da tecnologia. É tema, entretanto, que vai além do recorte da tecnologia, como atestam os textos de Vieira Pinto. De fato, já em IDN, quando o termo tecnologia sequer aparece e o termo técnica poucas vezes entra em cena, o autor, para propor sua filosofia do desenvolvimento, toca na questão da consciência autêntica e da sua ausência, ou seja, a consciência alienada ou inautêntica. A consciência alienada é uma consciência-em-si. Ou seja, aquela que não tem uma concepção adequada de sua situação, de seu lugar, daquilo que é – de sua *quididade*, para usar a expressão tomista. Por outro ângulo, é coisa, sem saber que coisa é. A consciência autêntica é aquela capaz de ter uma adequada representação do seu lugar no mundo histórico. É uma consciência-para-si. A consciência autêntica será chamada de consciência crítica nos ensaios de Vieira Pinto posteriores a IDN, a saber, *Consciência e Realidade Nacional I e II* (CRN), publicados em 1960. Com efeito, anota Vieira Pinto, “a consciência autêntica, que a seguir chamaremos de crítica [...]” (1960a,

p. 16). Por seu turno, ainda que não o afirme explicitamente, a consciência inautêntica ou alienada será aquela que o autor conceituará e desdobrará como consciência ingênua em CRN.

Uma, a consciência autêntica ou crítica, é capaz de ser-para-si, compreender o lugar histórico a partir do qual se expressa e levar aquele que a detém a agir adequadamente. A outra, consciência alienada ou inautêntica, posteriormente conceituada como ingênua, é aquela incapaz de ser-para-si, sendo em-si, e, portanto, tendo concepções inadequadas de seu lugar e levando o indivíduo que a possui a ações equivocadas na história. De fato, para Vieira Pinto, “A metamorfose da consciência sensitiva [alienada, inautêntica, ingênua] em consciência representativa [autêntica, crítica], não é apenas fato de ordem psicológica [...] é seguramente fato de decisiva significação histórica e social” (1960, p. 18). Ora, qual a causa disso? Afirma: “Porque [...] o homem que possui uma ideia é ao mesmo tempo um homem possuído por essa ideia” (p. 18). Isto é, as ideias não são meras consciências das coisas, adequadas (críticas) ou inadequadas (ingênuas). As ideias geram ações naqueles que as possuem. E nesse sentido a ideia possui o homem tanto quanto o homem possui a ideia. Ideia equívoca é sinônimo de ação equívoca. Ideia adequada é sinônimo de ação correta. O salto do aspecto meramente psíquico do existencialismo vieiriano ao aspecto social, coletivo, ideológico, para usar os termos do autor, é a compreensão da relação dialética entre o psíquico e o social. Daí o fundamento existencial da aposta vieiriana nas consciências adequadas das massas gerando o salto qualitativo das ações adequadas dessas mesmas massas na história.

Qual a importância desses conceitos vieirianos, acima pincelados, quanto à questão da tecnologia?

Vieira Pinto explicita a tese da polissemia do conceito de tecnologia, do uso confuso que dela é feito comumente. Impõe como

tarefa do ensaio precisamente ir à essência do conceito, livrando-o da garga que o torna uma gelatina de vários sabores e consistências.

Ver-se-á, pelos argumentos a seguir, a ligação deste conceito a uma série de outros que a ele se agregam, a saber, história, amaterialidade, trabalho qualitativo e quantitativo, alienação, consciência ingênua e crítica, política e, por consequência, como subtema da política, dominação.

Segundo a consciência ingênua, técnica e tecnologia são uma e a mesma coisa. Ademais, a tecnologia teria um caráter de algo externo ao homem, desligada de sua história recente, bem como da história de longa duração (o processo de hominização). Seria dominada pelos países desenvolvidos, de quem os países subdesenvolvidos a deveriam importar, acriticamente, pagando o preço (alto) da aquisição e dependendo da boa vontade e conveniência (política) daqueles. A tecnologia teria um ar de neutralidade e características de absoluto, como algo fora da práxis. Contra esse pseudo “estado da arte” da tecnologia, Vieira Pinto, escorado nos conceitos já assinalados acima, de filosofia do desenvolvimento e consciência crítica, propõe teses completamente diversas.

Segundo o autor, a tecnologia corretamente compreendida, em um de seus possíveis conceitos, seria uma epistemologia (teoria do conhecimento) da técnica. Sendo a técnica um conjunto de meios para determinados fins, desde que compreendidos como atos humanos realizados e inseridos na história, um aspecto da práxis, trata-se de algo coetâneo ao homem: é fruto simultâneo do processo de hominização (2005, p. 239). Portanto, tem uma história de longa duração, que coincide com a história do homem desde o seu surgimento. Sendo assim, não pode ser desligada nem da história recente, nem da história de longa duração. Como corolário da historicidade intrínseca da técnica, toda e

qualquer sociedade possui técnica (2005, p. 267). O que muda entre as sociedades e os tempos históricos é o grau de sofisticação da técnica, ou seja, os graus de amaneiramento – manuseio – do homem com a natureza, com o entorno, de acordo com as forças produtivas do momento considerado. Esses temas serão analisados nas linhas a seguir, mostrando como a concepção veiriana da tecnologia e da técnica representa um estiolamento completo daquilo que vários autores da tecnologia, inclusive contemporâneos a Vieira Pinto, propunham³. Tanto quanto o senso comum acerca do tema, tais autores apresentavam pseudo conceitos, que passavam ao largo da essência do objeto, explicitando graus variados de consciência ingênua.

Ao menos quatro sentidos são atribuídos ao termo tecnologia por Vieira Pinto. No primeiro sentido, trata-se de uma teoria, ciência ou estudo da técnica, uma epistemologia ou *logos* da técnica (2005, p. 219). Num segundo sentido, tecnologia equivale a técnica ou *know how*. Em um terceiro sentido, equivale a todas as técnicas que determinada sociedade possuiu ao longo de sua história (2005, p. 220). Por fim, o autor se refere à ideologização da técnica, problema ao qual, afirma, dedicará mais linhas do ensaio (2005, p. 220). De fato, como pretende ir à essência do conceito, muitos movimentos do ensaio magno do autor representam um esforço de separação do que é fruto das elaborações ingênuas em relação aos frutos do exercício da consciência crítica.

A tecnologia como epistemologia da técnica se liga à apresentação da tecnologia ou técnica como ideologia, compreendido o termo aqui no sentido marxiano de falseamento. De fato, a chegada ao conceito adequado, à quididade da tecnologia, exige o movimento de retirada das

³ Heidegger é um exemplo de filósofo da técnica cujas teses são objeto da pena implacável de Vieira Pinto. Ver, por exemplo, 2005, pp. 150-157.

impurezas que se acumulam no conceito, os raciocínios (sic) derivados dos movimentos da consciência ingênua.

Um retorno a CRN I dará as melhores bases para a compreensão da tecnologia como teoria do conhecimento da técnica, pois é lá que Vieira Pinto primeiro conceitua técnica de modo aprofundado, bem como a situa na gama conceitual mais profunda presente no entorno do conceito.

Dois conceitos que compõem a “cama de ideias” na qual se deita a técnica são amaturalidade e trabalho. De fato, como afirmado acima, a técnica é coetânea à hominização. E desde que o homem surge, ele lida com o que está em seu entorno. Lidar com “o que está à mão”, preender (agarrar com a mão), no “espaço de ações possíveis mediante objetos dispostos ao seu redor” (1960a, p. 68), eis a tese que Vieira Pinto toma emprestada dos existencialistas (1960a, p. 68). Porém, inocula no conceito, abstratamente tomado, a história. De modo que o conceito de amaturalidade é visto como um manuseio do entorno que pode ganhar graus de sofisticação. Assim, objetos já fabricados, portanto já derivados de algum grau de manuseio realizado no meio, ganham inovações e se sofisticam cada vez mais. Ao longo do tempo, camadas e graus de amaturalidade vão se somando aos objetos fabricados. E o que está por traz dos graus de amaturalidade, dos ganhos em sofisticação? O trabalho (1960a, p. 69). O exemplo dado por Vieira Pinto aclara o ponto. Um grau de amaturalidade se apresenta quando o homem mexe em um pouco de barro. Outro se apresenta quando o homem segura uma vasilha para beber algo. Ainda outro grau está presente quando o homem toma a vasilha para nela apreciar os desenhos da arte cerâmica (1960a, p. 69). Afirma Vieira Pinto: “Nos três casos [...] temos a mesma matéria, mas três graus distintos de manuseio, representando três modalidades de ser [...]” (1960a, p. 69). A elevação do grau de sofisticação é o resultado

do trabalho empregado na confecção da coisa (1960a, p. 69). O trabalho que se realiza sobre o mundo à mão “é que o transforma eficazmente” (1960a, p. 69). Assim, a realidade do artefato é a acumulação de trabalho nele impresso pelo homem. Isso significa que a amannualidade existente no mundo é uma prática, é histórica e é fruto do trabalho do homem sobre a natureza, bem como sobre os artefatos já produzidos.

Há uma dinâmica a longo prazo na amannualidade que é bem sintetizada na seguinte passagem de CRN I: “Cada indivíduo encontra o mundo povoado pelos objetos da época na qual nasceu pôde produzir, na fase em que se acha o processo econômico e cultural da sua comunidade” (1960a, p. 71). A posição do homem na história e no espaço social é o resultado do trabalho das gerações anteriores. É preciso compreender o conceito de amannualidade como inserido na história. De fato, sem a compreensão do conceito como o acúmulo de trabalho individual, coletivo e ao longo de gerações, se está no campo da consciência ingênua. Outro importante movimento do raciocínio vieiriano consiste em conceber a prática, a ação, constitutiva da amannualidade, como resultado do trabalho, entendido em duplo sentido, a saber, individual e trabalho histórico acumulado (1960a, p. 72).

Feitas essas considerações, vê-se em panorama histórico os conceitos de amannualidade e o fundamento de seu incremento qualitativo, o trabalho. O que diferencia, ao longo da história universal, as sociedades – na fase de alguns séculos para cá, os países e nações –, é o trabalho acumulado. O “[...] desenvolvimento é resultado do processo de acumulação de trabalho” (1960a, p. 74). Não se trata, entretanto, de trabalho de qualquer natureza. É preciso que seja trabalho que leve aos saltos históricos, ou seja, trabalho útil. Em que consiste a acumulação útil de trabalho? Vieira Pinto resume a questão:

[...] a mera reiteração do trabalho gera somente acumulação quantitativa. [...] A repetição milenar de idêntico modo de lavar o solo [...] não constitui a modalidade útil da acumulação do trabalho, porque se limita a repetir os mesmos atos formadores sobre as mesmas matérias-primas, produzindo [...] apenas a multiplicação quantitativa dos produtos, mas não a sua ascensão qualitativa. (1960a, p. 74)

O processo de desenvolvimento se dará apenas quando o trabalho levar a que se produza não “um mais”, fruto do trabalho quantitativo, mas “um novo”, fruto do trabalho que leva aos saltos históricos no tempo. Este um conceito de desenvolvimento na concepção vieiriana, a saber, processo resultante do trabalho qualitativo. A síntese que Vieira Pinto faz da relação entre as duas naturezas de trabalho é exemplar. Escreve:

Neste segundo sentido [trabalho qualitativo], a acumulação consiste no aproveitamento de determinado resultado de trabalho como meio para a obtenção, graças ao esforço inventivo [...], de um resultado novo [...], de algo que é qualitativamente distinto do produto anterior. Quando isto se dá, as duas formas de trabalho em questão, a antiga e a nova, deixam de ser repetição uma da outra, estabelecendo-se entre elas a relação dialética de meio e fim, o que torna a sua sucessão não apenas cronológica, mas histórica. (1960a, pp. 74-75)

O maior desenvolvimento de uma comunidade em face de outra, o que faz que esta se insira no tempo e o experiencie como história, e não apenas como cronologia de eventos reeditados, consiste em sua capacidade de realizar a dialética entre as duas naturezas de trabalho. De modo que o trabalho qualitativo revolucione tantas vezes quanto possível o trabalho quantitativo e dê à comunidade/nação que seja capaz de assim o fazer os saltos históricos do processo de desenvolvimento.

Onde se encaixa, pois, o conceito de técnica e em que consiste a compreensão da técnica em sua essência, a epistemologia da técnica (tecnologia)?

Vieira Pinto conclui: “[...] o que define em qualidade um modo de fazer é o que se chama técnica. [...] Parece-nos que a essência da técnica, o que lhe confere a natureza de processo, é a acumulação qualitativa do trabalho.” (1960a, p. 75).

Até aqui, foram repassados alguns aspectos do conceito vieiriano de filosofia e sua visão acerca da alienação, vinculando esta última ao conceito de consciência crítica como aquela adequada à verdadeira compreensão do processo de desenvolvimento. Igualmente o tema do trabalho como fundamento da amaterialidade foi visitado. Viu-se que existe uma dialética entre o trabalho qualitativo e o quantitativo, mostrando-se que os avanços históricos das comunidades, e posteriormente das nações fixadas em territórios (Estados ou países), fundam-se em larga medida em suas capacidades de inocular a técnica, que é acumulação qualitativa do trabalho, no trabalho quantitativo. Essa dialética, com a presença da técnica como trabalho qualitativo essencialmente, é que possibilita às nações a preponderância histórica em face das demais, e isso por meio dos saltos históricos fundados no trabalho qualitativo. Em suma, deixam de experimentar o tempo como cronologia, com predominância de técnicas rudimentares, repetição por longo período do mesmo modo de trabalho, das mesmas técnicas, vinculadas ao subdesenvolvimento, para experienciar o tempo como história.

Viu-se também que para Vieira Pinto, entre os conceitos possíveis de tecnologia, está o de teoria do conhecimento da técnica. Em boa medida o ensaio *O Conceito de Tecnologia* se esforça por elaborar uma teoria do conhecimento da técnica ao mesmo tempo em que explicita o

que a tecnologia seria aos olhos alienados da consciência ingênua, tecnologia neste caso compreendida como ideologia, e ideologia aqui entendida como falseamento da realidade. Separar a essência do conceito de tecnologia em relação à ganga que nele se acumulou em razão das várias teorias propostas no decorrer do tempo – eis um propósito fundamental do ensaio. Alguns aspectos de uma teoria do conhecimento sobre a técnica foram acima esboçados, explicitando o vínculo estreito entre a filosofia do desenvolvimento vieiriana e o conceito de tecnologia como epistemologia da técnica. Resta, para fechar este ensaio, abordar as linhas de força em torno do tema da dominação e de como ele se vincula à questão da tecnologia.

3. Tecnologia e dominação

Vieira Pinto afirma que o desnível no avanço técnico das sociedades, quando comparadas entre si ao longo da história, é notório e de longuíssima data (2005, p. 258). Segundo o autor, a causa dessa diferença está muito menos centrada na diversidade das condições naturais entre as sociedades e muito mais localizada em fatores sociais (2005, p. 258). Afirma que nada [...] “há de transcendental, de fatal, de ‘destino’, nem muito menos de ‘anímico’, na força que impulsionou as primeiras tribos conquistadoras, e ainda hoje move as potências às quais se dá o adjetivo correlato de ‘imperialistas’” (2005, p. 258). Trata-se de história. Por ser fato histórico, constata-se a ascensão e a queda de impérios ao longo do tempo (2005, p. 259). Para a manutenção do *status quo*, a “nação arvorada em cabeça de uma formação imperial tem necessidade de melhorar constantemente sua tecnologia de exploração da natureza e do trabalho dos povos vencidos, sob pena de declinar e sucumbir” (2005, p. 259).

Ao mesmo tempo em que Vieira Pinto constata o poderio da nação imperialista, verifica sua fraqueza. Isso decorre da sua observação da história por meio da lógica dialética, que tem como um dos traços a negação da negação⁴. Assim, a tecnologia pode frutificar em solo vencido e fazer as reviravoltas de dominação cujos exemplos povoam a história humana. O que muda nos períodos de maior sofisticação da técnica, que Vieira Pinto chama de modernos, em face dos longos períodos da história anterior, com predomínio do trabalho quantitativo, é uma maior predominância dos saltos qualitativos da técnica e a relação do domínio desses saltos com o domínio de uma sociedade em face de outra. E, após a formação dos Estados modernos, o domínio de uma nação ou país em face de outro.

Um exemplo que explicita esta relação desigual entre nações é o da exportação de matéria-prima pelo país subdesenvolvido ao país desenvolvido (VIEIRA PINTO, 1960b, pp. 434-444). Sendo o desenvolvimento, como já visto, um processo que envolve trabalho acumulado pela nação desenvolvida, é de interesse desta que o trabalho qualitativo (a essência da técnica) possa e deva ser realizado em seu território, pela sua indústria e pelos seus trabalhadores. Portanto, a matéria-prima exportada pelo país subdesenvolvido traz ao menos duas graves consequências.

Primeira, o trabalho a ser feito no montante de matéria-prima exportado não será realizado pela nação exportadora, pelo país subdesenvolvido, mas pela nação desenvolvida, detentora das técnicas que serão aplicadas na matéria-prima. Portanto, a nação subdesenvolvida, ao exportar matéria-prima, exporta trabalho que

⁴ Para os conceitos de lógica formal e lógica dialética em Vieira Pinto, ver: VIEIRA PINTO, 1963; VIEIRA PINTO, 1960b; MONTANS BRAGA, 2021.

poderia ser feito pela sua massa de trabalhadores e pela sua indústria (2005, p. 384; 1960b, pp. 434-444).

A segunda consequência é que a agregação de valor decorrente da aplicação da técnica introjetada na matéria-prima não ficará nas mãos do país subdesenvolvido, mas será apropriada pela nação desenvolvida. O proletariado externo (2005, p. 310), que foi explorado pela nação metropolitana, perderá novamente ao ser privado de exercer trabalho e agregar valor sobre a matéria-prima extraída do território de sua nação (1960b, pp. 439-444). A rigor, levando o raciocínio ao limite, a principal questão não é a exportação de matéria-prima, mas do trabalho. Assim sintetiza o autor:

Como a exportação só paga, além do valor venal da substância, o trabalho primário de extração, transporte e venda da mercadoria, o país sai sempre perdendo, pois nunca lhe será pago o trabalho potencial que exporta, sob forma de renúncia ao aproveitamento interno. Por isso, a rigor cabe dizer que não existe o problema da exportação de matéria-prima; o problema real é a exportação do trabalho. (1960b, p. 441)

Sob este ângulo da questão da disparidade na distribuição da tecnologia entre sociedades – e especialmente nos períodos mais recentes, na disparidade desta distribuição entre Estados-nação ou países –, vê-se com clareza de sol do meio-dia o viés político da tecnologia. O esforço do país dominador da tecnologia mais sofisticada – do altíssimo grau de sofisticação da amaturalidade – será então o de repassar a conta gotas, de acordo com seus interesses de dominação, a tecnologia que domina ao país subdesenvolvido (2005, p. 263).

No período do colonialismo mais explícito, vigente por exemplo no século XIX e em partes do século XX, a manutenção da disparidade entre países colonizados e metrópoles se dava de modo mais direto. Afirma Vieira Pinto que “Significava esta concepção, característica da ética do

apogeu do colonialismo clássico, a condenação da imensa maioria da humanidade à condição de presa natural das nações civilizadas imperiais” (2005, p. 263). Umas, a grande maioria das nações, com baixos graus de domínio da técnica, faziam o papel de fornecedoras de matéria-prima a ser trabalhada pelas técnicas avançadas das demais, poucas e dominadoras, as metrópoles. Nações subdesenvolvidas coloniais *versus* nações desenvolvidas ou metrópoles.

O outro momento que Vieira Pinto verifica nesta relação desigual é aquele em que se constata a necessidade de certa transferência de tecnologia da metrópole ao país explorado, para os fins da continuidade da própria exploração. Por exemplo, com a vinda das linhas de ferro e do maquinário adjacente à tecnologia de transporte de matérias-primas. O autor vislumbrava aí o momento de virada dialética, em que o mínimo de tecnologia e o mínimo de consciência autêntica das massas quanto à situação de diferença de poder entre nações se viraria contra a metrópole.

O autor tinha em grande conta esses momentos de mudança, fazendo suas apostas em um giro na gangorra de poder para um sentido favorável aos países subdesenvolvidos. Apostava, igualmente, nas consciências das massas das nações exploradas, em sua saída do estado de consciência ingênua para o de consciência esclarecida ou crítica, com a conseqüente transmutação da ideologia como consciência coletiva em projeto de poder político com vistas ao desenvolvimento.

O contraponto realizado pelas nações desenvolvidas, por outro lado, não passou em branco a Vieira Pinto. De fato, afirma: “Daí o projeto da metrópole visando a tomar urgentes medidas para fabricar e regular a consciência resultante da posse da tecnologia pelas nações espoliadas” (2005, p. 264). Para isso, há modos sutis de controle, vindo das nações desenvolvidas, em face das elites do país subdesenvolvido, como atesta Vieira Pinto:

Toda técnica exige um modo social de produção, e inversamente cada sistema de trabalho produtivo dá origem a tipos determinados de técnicas. Eis o motivo pelo qual o abalo causado pela evolução tecnológica no país dependente tem de ser controlado pelo dominador, por intermédio das elites pensantes, dos sociólogos, economistas e dos próprios técnicos da área atrasada, a fim de processar-se com a maior suavidade e lentidão, dentro dos limites prescritos pelo sistema de interesses sociais das partes mancomunadas. (2005, p. 290)

A dominação de uma nação por outra, seja com o colonialismo explícito, seja com o colonialismo sutil de décadas recentes, é tema que esteve presente no radar filosófico de Vieira Pinto, tendo sido objeto de análise detida. Uma das conclusões vieirianas decorrentes da sua epistemologia da técnica é a existência de nações proletárias em face de outras. De fato, o domínio da técnica sofisticada por algumas nações desenvolvidas e o congelamento do acesso de outras nações a estes domínios da natureza implica um desequilíbrio na balança de poder que é estimulado pelas nações detentoras deste grau tecnológico, dessas amaturalidades fundadas em trabalho qualitativo incessantemente inoculado no trabalho quantitativo. O controle se torna ainda mais sutil quando Vieira Pinto constata o domínio cultural das nações desenvolvidas em relação às subdesenvolvidas, com o intuito de impedir o surgimento de qualquer consciência crítica nas massas e nas elites dessas nações. Em face do otimismo vieiriano quanto ao término desse estado de coisas (2005, p. 170), a história parece apontar exatamente para o sentido oposto – ao menos por enquanto.

Por fim, pode-se constatar a partir dos textos que a *alétheia* ou desvelamento vieiriano da questão da técnica se distancia do viés de fúria em face da técnica, presente em Heidegger (2005, pp. 150-154). Exatamente por a enxergar como aspecto da práxis, em linha direta a partir de Aristóteles (2005, p. 138), com várias modificações conceituais, é certo, bem

como coetânea à hominização, Vieira Pinto é capaz de se distanciar das concepções farsescas acerca do conceito de técnica e de tecnologia. Sua epistemologia da técnica leva ao limite a tarefa da filosofia, ou seja, elevar aquele que pensa a partir da filosofia do desenvolvimento à compreensão da essência do objeto de investigação. Como corolário, permite a separação do que é essência daquilo que é ideologia, aqui no sentido de consciência ingênua, acerca do conceito de técnica.

O esforço veiriano para pensar filosoficamente a tecnologia certamente o coloca entre os grandes pensadores do século XX. Não deixa de ser uma ironia histórica à parte o fato de não ser reconhecido como tal nem no seu próprio país, exatamente pelo desequilíbrio tecnológico-político, historicamente constituído, da balança em que são pesadas as contribuições filosóficas dos pensadores das várias nações. Desequilíbrio esse, aliás, que o pensador tão sofisticadamente denunciou.

4. Conclusão em forma de excursão: o congelamento do poder mundial

O diplomata e embaixador brasileiro João Augusto de Araújo Castro, em palestra proferida na embaixada do Brasil em Washington e publicada em julho de 1971 (CASTRO, 1971), já alertava para aspectos sutis de colonialismo que Vieira Pinto viria a conceituar e analisar em detalhes em *O Conceito de Tecnologia I*. No referido texto, o então embaixador brasileiro escrevera: “Em várias oportunidades, no cenário das Nações Unidas [...] o Brasil tem procurado caracterizar o que agora se delinea claramente como firme e indisfarçada tendência no sentido do *Congelamento do Poder Mundial*” (CASTRO, 1971, p. 40). Em que consistiria tal conceito? Diz o autor: [...] “quando falamos de Poder, não falamos apenas de Poder Militar, mas também de Poder Político, Poder Econômico, Poder Científico e Tecnológico” (CASTRO, 1971, p. 40). À

frente, o autor vai ao cerne de um dos aspectos do conceito. Ele se refere a fatores mais sutis que seriam manifestações do mesmo intento de congelamento do poder mundial. Um dos itens seria a questão dos “problemas de população e preservação do meio ambiente” (p. 44). A “population bomb” (p. 44) seria, afirma Araújo Castro, “mais fatal e mais nefanda que a própria bomba nuclear” (p. 44). Daí se desenharia, na análise do embaixador, a tendência a tratar o problema de forma universal, como se não dependesse de interesses de cada Estado-nação e suas peculiaridades e conjunturas, bem como se passasse ao largo do conceito de soberania. O embaixador denuncia:

[...] tenta-se converter o grave problema do subdesenvolvimento em um mero problema de estabilização, com o esquecimento do fato de que se fôssemos estabilizar muitos países no nível econômico atual, procederíamos a uma estabilização em nível extremamente baixo. (CASTRO, 1971, p. 44)

Por outra, o embaixador aponta aqui a matemática de dominação dos países metropolitanos em face dos subdesenvolvidos: manter o dividendo (a riqueza produzida) e diminuir o divisor (a população) para aumentar a renda *per capita*. Critica igualmente a tomada do índice de Produto Nacional Bruto de modo simplista e ingênuo ao se tentar justificar o raciocínio acima, como se tais argumentos pudessem ser de interesse dos países subdesenvolvidos. Vieira Pinto denunciaria, na mesma linha, em *O Conceito de Tecnologia*, a tentativa de diminuição da população dos países subdesenvolvidos por parte de intenções vindas de fora, por meio de uma série de políticas de controle de natalidade propostas pelos países metropolitanos e que passaram a ganhar peso e verniz científico (2005, pp. 503-504). Trata do tema em um item intitulado “O ‘complexo de Herodes’” (2005, pp. 497-516), título que faz referência ao episódio bíblico de eliminação em massa de recém-

nascidos meninos na cidade de Belém, por ordem do rei Herodes, com o intento de ceifar a vida do anunciado “rei dos judeus”, cujo nascimento havia sido então revelado aos reis magos, que foram em busca do menino, seguindo a estrela-guia⁵. O autor enxergava nestas manobras uma tentativa de controle das massas dos países subdesenvolvidos por parte dos países metropolitanos, em clara tentativa de frenagem do desenvolvimento daqueles. Com efeito, Vieira Pinto correlaciona a expansão da razão à expansão da população (2005, p. 517 e seguintes), além de não enxergar senão presença da consciência ingênua no conceito de “explosão populacional” (2005, pp. 497-498).

Outro ponto que demandou a atenção de Araújo Castro e que o embaixador correlacionava ao tema mais amplo do congelamento do poder mundial foi o *environment* ou o problema atinente à preservação do meio ambiente⁶. Na análise de Castro, a ênfase colocada nos perigos da rápida industrialização chamava a atenção, pois ocultava um problema muitíssimo mais grave: “Acentuam-se os perigos da poluição, certamente graves para os países altamente industrializados, quando a maior parcela do planeta ainda vive num estágio de pré-contaminação [...]” (CASTRO, 1971, p. 44). E conclui: “Duas terças partes da humanidade estão muito mais ameaçadas pela fome e pela penúria do que pelos

⁵ O episódio é narrado em São Mateus, 2. Em São Mateus, 2,16, é narrada a ordem de Herodes para matar os meninos com menos de 2 anos de Belém e arredores. Vieira Pinto tem posição crítica aos métodos de controle de natalidade impostos pelos países metropolitanos aos países subdesenvolvidos. Afirma-se tratar de posição neomalthusiana (VIEIRA PINTO, 2005, pp. 497-516).

⁶ A conferência de Araújo Castro foi publicada na década de 70. Entretanto, suas teses acerca do uso do tema do meio ambiente como estratégia neocolonial de congelamento do poder mundial continuam presentes nas discussões desde então. Há, contudo, variados modos de cancelamento do debate, mesmo existindo vasta bibliografia e nomes de peso defendendo teses opostas àquelas massivamente presentes nas mídias *mainstream*. Ao se observar esta tendência com o uso das lentes vieirianas, vê-se que tal desequilíbrio no debate não é casual, mas provocado pelos interessados em manter o *status quo*. Com teses na mesma linha do embaixador Araújo Castro, ver, por exemplo: CAMELY, 2018; CARRASCO, 2020; DEWAR, 2007; Executive Intelligence Review (EIR), 2015; GODEFRIDI, 2021; LINO, 2009; LINDZEN, 2022; PRESTININZI, 2023; SCHILLER INSTITUTE, 2021, 2021a.

males da poluição” (CASTRO, 1971, p. 44). E por fim diz serem causa de apreensão as declarações do “Senhor McNamara” de que o Banco Mundial não deveria autorizar qualquer projeto de desenvolvimento econômico sem avaliações minuciosas aos efeitos no meio ambiente. Araújo Castro via nessas teses muito mais uma cortina de fumaça para impedir ou congelar o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos do que uma verdadeira preocupação com o meio ambiente. Com efeito, para o embaixador, “o subdesenvolvimento representa, por si só, uma das piores formas de poluição do ‘environment’” (CASTRO, 1971, p. 45). Vieira Pinto parece ter a mesma tese, ainda que não a tenha desdobrado, tocando no tema em item intitulado “O conceito ideológico de ‘poluição’”, constituinte do ensaio *A sociologia dos países subdesenvolvidos* (VIEIRA PINTO, 2008, pp. 99-101).

Como ponto final a esta conclusão, fica uma questão, a seguir formulada e não respondida – ao modo aporético, na linhagem de alguns diálogos platônicos. A preocupação ambiental dos países desenvolvidos, alardeada desde a década de 70 do século passado, seria na realidade uma cortina de fumaça para travestir a tese do congelamento do poder mundial com roupagens rousseauianas e vinculadas ao “bem comum da humanidade”, seja lá o que o termo signifique precisamente? Seria mais uma manifestação da consciência ingênua, um artefato literário dos “fabricantes de impressionismos filosóficos” (VIEIRA PINTO, 2005, p. 49), a ser absorvido como ótima filosofia pelos “pensadores” dos países subdesenvolvidos?

Referências

- CAMELY, Nazira. **Imperialismo, Ambientalismo e ONGs na Amazônia**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.
- CARRASCO, Lorenzo e outros. **Máfia Verde**. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2020.

CASTRO, João Augusto de Araújo. O congelamento do poder mundial. In: **Revista de informação legislativa**, v. 8, n. 31, p. 37-52, jul./set. 1971. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/180480>. Acesso em: 06 NOV 2023 [1971].

DEWAR, Elaine. **Uma Demão de Verde: os laços entre grupos ambientais, governos e grandes negócios**. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2007.

EXECUTIVE INTELLIGENCE REVIEW (EIR). **‘Global Warming’ Scare Is Population Reduction, Not Science**. EIR Special Report, September 2015. Disponível em: https://larouchepub.com/eiw/public/greenfascismpromo/globalwarming_index.html. Acesso em 13 NOV 2023 [2015].

GODEFRIDI, Drieu. **O Reich Verde: do aquecimento global à tirania verde**. Santo André: Armada, 2021.

LINDZEN, Richard. **An Assessment of the Conventional Global Warming Narrative. Technical Paper 5, The Global Warming Policy Foundation, 2022**. Disponível em: <https://www.thegwpf.org/content/uploads/2022/09/Lindzen-global-warming-narrative.pdf>. Acesso em 13 NOV 2023 [2022].

LINO, Geraldo Luís. A fraude do aquecimento global. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2009.

MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. Lógica dialética e lógica formal: Álvaro Vieira Pinto e a natureza da luz. **Revista Iniciação & Formação Docente**, Vol. 8, N. 3, 2021, pp. 643-667 [2021].

PRESTININZI, Alberto. Climate: Between Emergency and Knowledge. In: **Executive Intelligence Review (EIR)**, Volume 50, Number 31, August 11, 2023. Disponível em: https://larouchepub.com/other/2023/5031-climate_between_emergency_and.html. Acesso: 13 NOV 2023 [2023].

REDE ÁLVARO VIEIRA PINTO. Disponível em: <https://alvarovieirapinto.org/>. Acesso: 31 OUT 2023.

SCHILLER INSTITUTE. **There is no climate emergency - Schiller Institute Conference, July 24, 2021** [Parte 1]. YouTube, 24 JUL 2021. Disponível em: <https://youtu.be/l2D4uMM13Jo>. Acesso: 13 NOV 2023 [2021].

SCHILLER INSTITUTE. **There is no climate emergency - Schiller Institute Conference, July 24, 2021a** [Parte 2]. YouTube, 24 JUL 2021. Disponível em: <https://youtu.be/HmcTqdodXmQ>. Acesso: 13 NOV 2023 [2021a].

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ideologia e Desenvolvimento Nacional**. 4ª edição. Rio de Janeiro: ed. ISEB, 1960.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional (Vol. I - A consciência ingênua)**
Rio de Janeiro: ISEB, 1960a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional (Vol. II- A consciência crítica)**
Rio de Janeiro: ISEB, 1960b.

VIEIRA PINTO, Álvaro Vieira. Indicações metodológicas para a definição do subdesenvolvimento. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol III, n. 2, jul-1963, pp. 252-279 [1963].

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia (Vol. I)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos**. José Ernesto de Fávéri (org.). Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2008.

6

METAMORFOSES DA FILOSOFIA MAINSTREAM: O CURSO REGULAR DE FILOSOFIA DE ÁLVARO VIEIRA PINTO ¹

Perguntei a um homem o que era o Direito. Ele me respondeu que era a garantia do exercício da possibilidade. Esse homem chamava-se Galli Mathias. Comi-o. *Manifesto Antropófago*. Oswald de Andrade².

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. *Manifesto Antropófago*. Oswald de Andrade³.

1. Breve contexto

Ideologia e Desenvolvimento Nacional (IDN) foi, originalmente, a aula inaugural do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), proferida por Álvaro Vieira Pinto em 14 de maio de 1956 no auditório do MEC⁴ (VIEIRA PINTO, 1960). Nesta obra estão as bases e as teses que depois seriam desdobradas em suas obras posteriores, principalmente em *Consciência e Realidade Nacional I e II* (VIEIRA PINTO, 1960a, 1960b – doravante CRN) e no póstumo *O Conceito de Tecnologia I e II* (VIEIRA PINTO, 2005, 2005a).

O termo técnica, por exemplo, que aparece poucas vezes em IDN (VIEIRA PINTO, 1960, p. 15, p. 44), terá protagonismo em CRN e, principalmente, em *O Conceito de Tecnologia*, ensaios em que a expressão e seus desdobramentos e significados ocupam várias páginas de reflexão. Igualmente, nessas obras, a expressão técnica é entrelaçada a

¹ Capítulo originalmente publicado como artigo na *Revista Ideação*, vol. 1, n. 51, janeiro-junho, 2025.

² ANDRADE, 1970, p. 16. Galimatias: 1. Discurso ou fala confusa, obscura, ininteligível. 2. Babel de palavras cujo sentido mal se pode entender (GALIMATIAS, 2025).

³ ANDRADE, 1970, p. 13.

⁴ Rede Álvaro Vieira Pinto. Disponível em: <https://alvarovieirapinto.org/ideologia-e-desenvolvimento-nacional>. Acesso: 03 ABR 2025.

conceitos políticos, tais como desenvolvimento, soberania, massa, alienação, consciência ingênua, consciência crítica, dominação e imperialismo.

O Curso Regular de Filosofia de Álvaro Vieira Pinto⁵ (VIEIRA PINTO, 1958) já faz parte do período isebiano do autor, que se iniciou em 1955⁶. No Programa do curso, ministrado no ano de 1958 no ISEB, e que analisarei neste ensaio, aparece, como num grande mapa ou esquema, a virada de Vieira Pinto de um professor de história da filosofia para um formulador de um sistema filosófico à brasileira. Sistema filosófico e, portanto, tendente ao universal, é certo, como demanda a filosofia. Com efeito, os temas filosóficos têm a “perspectiva do infinito”. Encontram-se na filosofia as questões metafísicas – Deus, alma, liberdade –, bem como os temas do conhecimento e seus limites, da melhor ação, da ética, da política, da justiça, do direito, do belo, da ciência etc. Essas são questões filosóficas em qualquer tempo e lugar. Dizer universal não quer dizer, entretanto, abstrato, pois, para o autor, a filosofia é resultado de dada sociedade e de certa cultura. Além disso, Vieira Pinto apontara em IDN a falta da “perspectiva do infinito” ao Brasil para entender a si mesmo, utilizando expressão de Leibniz (VIEIRA PINTO, 1960, p. 13) e, ao mesmo tempo, na mesma obra, refuta a ideia de uma filosofia brasileira: “propósito cujo ridículo nos parece desnecessário salientar” (1960, p. 45). É importante ressaltar, ademais, que tal sistema filosófico vieiriano já aparecera em linhas gerais em IDN, mas não mesclado ao Vieira Pinto historiador da filosofia.

⁵ Doravante CRF.

⁶ Álvaro Vieira Pinto ingressou no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) em 1955, a convite de Roland Corbisier, para chefiar o Departamento de Filosofia. O decreto de criação do ISEB foi publicado no Diário Oficial da União em 15 de julho de 1955. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1950-1959/decreto-37608-14-julho-1955-336008-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 04 ABR 2025.

Possuir a perspectiva do infinito, sem ser filosofia brasileira: afinal, do que se trata? A filosofia que Vieira Pinto aponta no Programa e que desenvolverá nas obras posteriores tem em vista reformulações tanto de conteúdo quanto de método. Um dos corolários é uma nova divisão da filosofia, também objeto do Programa do CRF.

2. O Curso Regular de Filosofia: retrato do engatinhar da metamorfose

O que se apresenta no Programa do CRF não foi espelhado em totalidade nas aulas do autor. Provavelmente, como costuma acontecer em disciplinas de filosofia, a realidade temporal se impôs à ambição do professor. Provavelmente Vieira Pinto não teve tempo de concluir seu programa. Ou, outra hipótese, as aulas faltantes não foram taquigrafadas. Porém, tanto o Programa quanto as aulas que foram ministradas e taquigrafadas, constituindo precisamente o datiloscrito do CRF, dão um panorama do que viria a ser objeto das reflexões posteriores do autor, tanto em CRN, obra de 1960, quanto em *O Conceito de Tecnologia*, obra escrita em 1973/74 e publicada postumamente, em 2005. O CRF explicita também, especialmente no Programa minucioso, temas e teses já apontadas em IDN. Assim, IDN e o CRF podem ser compreendidos como um verdadeiro laboratório de ideias do autor, as quais resultaram na volumosa produção posterior, especialmente CRN e *O Conceito de Tecnologia*, mas não sem que se mencione ao menos dois outros ensaios de fôlego decorrentes dessas reformulações: *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica* (1979) e *A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos: introdução metodológica ou prática metodicamente desenvolvida da ocultação dos fundamentos sociais do “vale de lágrimas”* (2008).

E como se apresenta, no Programa do CRF, essa mistura entre temas tradicionais da filosofia, especialmente da filosofia como história da filosofia, de um lado, e a tentativa de proposição de um novo olhar *para e a partir da* filosofia, de outro? Uma análise de partes do Programa dará uma visão dessa virada que é, para usar uma analogia, uma espécie de encontro de rios, no qual há a separação visível entre o que é uma coisa e o que é outra ao mesmo tempo em que se vê intersecções borradas entre as partes, com maior ou menor espessura.

É bom salientar, antes da análise do Programa, em que consiste o arquivo do CRF. Não se trata de um ensaio publicado, mas de notas de aula, não revistas pelo autor, taquigrafadas e atualmente arquivadas na Unicamp, nos arquivos Michel Debrun. Diz o documento:

Os originais deste programa do Curso Regular de Filosofia, ministrado pelo Prof. Álvaro Vieira Pinto em 1958, com 16 aulas previstas, e 13 transcrições das aulas iniciais, não "revista[s] pelo professor", e "para uso exclusivo dos estagiários do ISEB", conforme anotado em cada aula, foram encontrados pelo Prof. Rodrigo Marcos Jesus (UFMT) em suas atividades de pesquisa junto aos arquivo pessoal do Prof. Michel Maurice Debrun, doados ao Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência da UNICAMP, em Campinas, SP, Brasil (VIEIRA PINTO, 1958, p. 01)⁷.

Este ponto funciona como anteparo metodológico, pois não se trata de elaboração ensaística, mas de “mero” Programa de curso e quatorze aulas taquigrafadas. Feitas as ressalvas, passo à análise do Programa. As aulas taquigrafadas, que ocupam a maior parte do datiloscrito, não serão analisadas em minúcia. O motivo é simples: as partes mais inovadoras presentes no Programa foram desenvolvidas de modo tímido nas aulas, ao passo que a parte mais tradicional, *mainstream*, da filosofia, ganhou largo espaço nas exposições do autor.

⁷ O datiloscrito possui, na verdade, o Programa e a transcrição de 14 aulas, não de 13.

O Programa ocupa 12 páginas do datiloscrito. As demais páginas, em total de 138 no arquivo do datiloscrito, constituem-se das aulas taquigrafadas, em número de quatorze. As grandes linhas do Programa, indicadas nos temas por numerais romanos, vão de I a XVI (VIEIRA PINTO, 1958, p. 1-12). Elas dão uma visão de conjunto do espaço que os temas deveriam ocupar no curso, o que, como indicado acima, não aconteceu. São as seguintes as linhas de força do Programa: I - *Aproximação ao problema da natureza da filosofia*; II - *A filosofia enquanto: a) conhecimento das coisas; b) fundação de valores e norma de vida; c) caminho de salvação; conhecimento, prática, revelação*; III - *Conteúdo e divisão da filosofia*; IV - *Filosofia e História da Filosofia*; V - *Filosofia e história*; VI - *História da Filosofia e realidade social*; VII - *Filosofia e sociedade*; VIII - *Filosofia, ciência e religião*; IX - *Os tipos do pensar filosófico*; X - *As origens do pensamento filosófico*; XI - *Os determinantes humanos da filosofia*; XII - *A evolução histórica da filosofia*; XIII - *Divisões da História da Filosofia*; XIV - *A filosofia do ponto de vista do filósofo do país subdesenvolvido*; XV - *Filosofia e desenvolvimento* e XVI - *O sentido humanista da filosofia do desenvolvimento*.

Algumas dessas seções são bem pouco desdobradas em subitens. Outras, bastante desdobradas. Da parte XIII, *Divisões da História da Filosofia*, até a XVI, *O sentido humanista da filosofia do desenvolvimento* (VIEIRA PINTO, p. 9-12), há um desdobrar bem minucioso dos temas. Exatamente essas seções apareceram como parte bastante breve do conteúdo das aulas taquigrafadas. Porém, formam o índice do que seria propriamente a originalidade de Vieira Pinto nas obras subsequentes, já citadas, a saber, CRN e *O Conceito de Tecnologia*. E dão, por outro lado, um caráter de esquema a teses já expostas na aula inaugural do ISEB, transformado em livro, IDN, cuja primeira edição é de 1956. A seguir

anoto e analiso o que há de relevante e original no Programa a partir dos desdobramentos existentes no interior dele.

Tomemos o tópico I, *Aproximação ao problema da natureza da filosofia*. O tópico é seguido de uma pergunta: como chegar a saber o que é a filosofia? E apresenta em seguida duas linhas de investigação. A filosofia enquanto já produzida, o que constituiria a história da filosofia. E a filosofia enquanto esforço original, que constituiria o que o autor denomina de reflexão interpretativa atual.

Em torno dessas duas perspectivas do tópico I se estrutura o Programa do CRF. Muitas de suas linhas de força, indicadas pelos numerais romanos e acima explicitadas, dão a face do Vieira Pinto historiador da filosofia. Mesmo nas aulas taquigrafadas, a predominância da história da filosofia é clara. Porém, sempre entremeada pelos tópicos em que a linha de força da reflexão original de Vieira Pinto se apresenta. Parece que o autor estava ao mesmo tempo mostrando sua faceta erudita, de profundo conhecedor da história da filosofia, orientação que predominou nas aulas, e fissurando essa erudição com apresentações pontuais de suas teses originais. Vou tentar deixar mais claro este ponto no correr do ensaio.

Os itens II a IV do Programa têm um viés bem marcado pela filosofia como tradição filosófica (VIEIRA PINTO, 1958, p. 1-3). Neles, a filosofia se apresenta como problema a si mesma, de definição etc., e com seus temas mais tradicionais: psicologia, lógica, epistemologia, ética, metafísica, cosmologia, arrematada pelo item “outros”, em que ela aparece como estudo da arte, da religião, do direito, da sociedade, da história, da ciência.

No item V, *Filosofia e história*, se esboça uma virada na bússola filosófica do autor (VIEIRA PINTO, 1958, p. 3-4). Os subitens 1 e 2 deste item V colocam a filosofia como decorrência da cultura de um povo. E o

subitem 3 se intitula sintomaticamente *Filosofia e centro histórico dominante*, um dos temas centrais das teses posteriores do autor, presentes principalmente em CRN e em *O Conceito de Tecnologia*. Nesse subitem, aparecem os seguintes temas: a filosofia como produto da consciência individual, enquanto participante de uma situação histórica de dominação. Nesse tópico, há ainda a divisão centro histórico - periferia e a filosofia como fenômeno de ressonância de ideias da metrópole para o espaço colonial. Fala igualmente da criação e absorção do produto cultural (lembrando que, para o autor, como indicado acima, a filosofia é um produto cultural).

O item VI desdobra teses presentes no item acima. Seu título é: *História da filosofia e realidade social*. O principal ponto que se subdivide nos subitens é o da filosofia como realidade social, como inserida e produto de uma dada realidade social. O item VII, *Filosofia e sociedade*, delinea o pensar filosófico como “atividade social” (VIEIRA PINTO, 1958, p. 4). E daí explora as várias facetas do filósofo na sociedade, desde o desajustado social até o burocrata, professor universitário. Ao final, aponta a necessidade da “completa transformação do ensino da filosofia no Brasil” (VIEIRA PINTO, 1958, p. 4-6).

Os itens IX e X novamente voltam a temas tradicionais da história da filosofia: *Os tipos do pensar filosófico* e *As origens do pensamento filosófico*, respectivamente (VIEIRA PINTO, 1958, p. 6-8). Nesses movimentos novamente o autor trabalha a partir do *mainstream* filosófico. O item XI, *Os determinantes humanos da filosofia*, se subdivide em três subitens, cada qual igualmente subdividido. Chama a atenção o subitem 3.b, que cito a seguir:

Caráter nacional de escolas e tendências filosóficas - b. Casos históricos comprovadores: a sofística ateniense; a filosofia romana; o pensamento judaico; o platonismo italiano do renascimento; o empirismo inglês; o

racionalismo continental; o idealismo alemão; o pragmatismo americano; o marxismo soviético; a “filosofia do desenvolvimento” dos países atrasados. (1958, p. 8).

Aqui fica claro o salto dialético de Vieira Pinto. Ou seja, de dentro da divisão erudita da história temática da filosofia, vista pela lupa do “caráter nacional” das escolas e tendências filosóficas, ele extrai “a ‘filosofia do desenvolvimento’ dos países atrasados” (1958, p. 8). Ora, esse é precisamente um dos temas centrais de IDN, bem como, posteriormente, de CRN e de *O Conceito de Tecnologia*.

Veja-se, igualmente, que este item, inusual, é colocado ao lado de outras criações nacionais, desde o pragmatismo americano, passando pelo marxismo soviético e o empirismo inglês ou mesmo o racionalismo continental. O que aponta para a questão da filosofia inserida na sociedade e na cultura, que por sua vez não podem ser desvinculadas das nacionalidades. Há aqui uma metafilosofia em forma de lente filosófico-socio-cultural.

O item XII do Programa traz uma questão cuja atenção será demandada por Vieira Pinto em algumas das aulas (VIEIRA PINTO, 1958, p. 8). O seu título é *A evolução histórica da filosofia*. No subitem 1, o cerne da questão é posto: a pretensão de validade eterna *versus* sua localização no tempo. Como poderá a filosofia trazer em sua imanência a pretensão à verdade como imutabilidade, de um lado, e a constituição mundana, geográfica, histórica dos sistemas? A questão é trabalhada no Programa em vários subitens, mas dentro de uma perspectiva ainda *mainstream* da questão, passando pelas soluções aristotélica, cartesiana, hegeliana etc.

O item XIII, *Divisões da História da Filosofia*, poderia parecer mais um momento de erudição e de presença da história da filosofia no Programa (VIEIRA PINTO, 1958, p. 9). Entretanto, os quatro itens desta seção se mostram uma tentativa filosófica de problematizar as divisões ao mesmo

tempo em que apresenta uma tentativa de divisão que se acopla a posições já expostas no Programa. Inicialmente Vieira Pinto indica a dificuldade, filosófica em certo sentido, a toda tentativa de divisão da história do pensamento. Com efeito, o item XIII.2 indica a classificação convencional e, ao mesmo tempo, a rechaça. A divisão filosofia antiga, medieval, moderna e contemporânea é apontada pelo autor como “válida apenas do ponto de vista ocidental europeu” (VIEIRA PINTO, 1958, p. 9).

O item XIII.4 vem, exatamente, com a nova proposta: “Nova tentativa de divisão da história filosófica: a divisão em metropolitana e periférica” (1958, p. 9). Essa proposta é desdobrada nos itens “a” e “b”. No “a”, o autor propõe o tema da filosofia como produto cultural dos centros dominantes: “como força de conquista, justificação de domínio, e instrumento de subordinação” (1958, p. 9). Em seguida, no item “b”, trata das possibilidades filosóficas do país colonial, subitem que ainda se divide em cinco partes.

Vê-se o inusitado completo desta classificação, até onde conheço, nunca proposta antes de Vieira Pinto nos termos em que ele o faz. Em primeiro lugar, destaca o autor o caráter dialético da situação colonial em geral e explicita a dependência filosófica como traço particular. Em seguida, propõe a alienação filosófica como decorrência da tese da universalidade das ideias – com efeito, há uma heteronomia filosófica nos países periféricos, trazendo como problema próprio o que é problema alheio e tratando de problema alheio como se próprio fosse (VIEIRA PINTO, 1958, p. 10).

A seguir, trata do tópico das condições históricas do surgimento da reflexão autônoma, tendo nesse caso a filosofia como um assumir perspectiva original, ruptura do complexo colonial como condição para ver o mundo e o homem de um ponto de vista independente (VIEIRA PINTO, 1958, p. 10). Por fim, nos subitens iv e v, o autor propõe tratar da

filosofia “como causa e como expressão da emergência da personalidade histórica coletiva”, analisando a situação dos países latino-americanos e, em seguida, o caso brasileiro (1958, p. 10). Ora, nada mais inusitado como tema da filosofia, mas eis em germe as teses presentes em CRN e em *O Conceito de Tecnologia*. O tema não aparece, entretanto, desenvolvido nas aulas do CRF, mas em forma de esboço nas primeiras aulas.

O item XIV do Programa dá o salto que, infelizmente, não tem o seu desenvolvimento pleno nas aulas ministradas (VIEIRA PINTO, 1958, p. 10-11). De fato, o tema é *A filosofia do ponto de vista do filósofo do país subdesenvolvido* e se subdivide em vários subitens que desdobram a questão. Verifica-se uma perspectiva existencialista nos itens. Não se pode esquecer que Vieira Pinto era estudioso do existencialismo como movimento, mas de modo crítico. Veja-se por exemplo sua *Nota Introdutória* ao livro de Karl Jaspers, *Razão e anti-razão em nosso tempo*, por ele traduzido para compor a coleção *Textos de Filosofia Contemporânea*, editada e publicada pelo ISEB (VIEIRA PINTO, 1958a, p. 21)⁸. Porém, trata-se de uma perspectiva existencialista recheada de inovações, como, por exemplo, o tema da filosofia do desenvolvimento. Este tema será tratado em seção a seguir do Programa, de número XV, intitulada exatamente *Filosofia e desenvolvimento* (VIEIRA PINTO, 1958, p. 11).

O que apresenta, pois, Vieira Pinto, como desdobramento do tópico XIV, *A filosofia do ponto de vista do filósofo do país subdesenvolvido*? O item 1 apresenta os temas do mundo e do ser-do-homem. Temas existencialistas. Mas o autor os propõe não como abstrações, mas sob “a perspectiva de posição histórica” (1958, p. 10). O item 1 se divide em três subtópicos. No “a”, o autor propõe que se veja o mundo do ponto de vista do centro dominante e da periferia. Isso leva à “aspiração à

⁸ Para a influência do existencialismo em Vieira Pinto, ver também: CÔRTEZ, 2003.

transformação do mundo” (1958, p. 10). Em seguida, no item “b”, trata do homem como sujeito e objeto e então indica como tema a consciência daquele que é objeto. Ora, o tema da consciência será desdobrado abundantemente em CRN I, ao tratar da consciência ingênua, e em CRN II, dedicado ao esmiuçar das características da consciência crítica (VIEIRA PINTO, 1960a e 1960b). Por fim, o item “c” tratará das espécies de liberdade que cabem ao dominado e ao dominante: liberdade de dominar *versus* liberdade de libertar-se. Essa dualidade é posta como parte constitutiva inicial do tópico “c”, “Intuição de destino para o dominante e para o dominado” (1958, p. 10).

O item XIV.2 continua no desdobrar do papel do filósofo do país subdesenvolvido e propõe como tema “A contribuição da filosofia à formação de um projeto de existência para os países subdesenvolvidos” (1958, p. 10). Já não se estudará o real como questão epistemológica, mas o “real concreto”, real no qual se deve incluir a dimensão nacional e a possibilidade de se conceber uma teoria filosófica do processo nacional. No mesmo item 2, propõe tratar, ainda, do conceito de desenvolvimento, que abrange a consciência do desenvolvimento nacional e a necessidade da conversão dessa consciência em ideologia. Importa aqui frisar que Vieira Pinto usa o termo ideologia no sentido de conjunto de ideias, não no sentido marxiano, de falseamento do real. Eventualmente Vieira Pinto usará, em CRN e em *O Conceito de Tecnologia*, o termo tanto no sentido aqui dado quanto no sentido marxiano.

No item “e” de XIV.2, a filosofia será posta como totalmente alijada de abstrações. De fato, será compreendida como “consciência da situação histórica” (1958, p. 10). E o que vem a ser tal compreensão? Ainda nos subtópico deste item do Programa Vieira Pinto analisa o termo. Ele significa três coisas. Primeiro, o subdesenvolvimento nacional é uma condição existencial, pois é uma “modalidade do ‘ser’

do mundo” (p. 10). Tal “ser do mundo” teria duplo sentido, a saber, como essência do mundo e como pertencer a um mundo. E a consciência pertencente a um mundo pobre teria sua própria intencionalidade. Aqui se vê a influência husserliana, em específico, e a existencialista, em chave mais geral, no uso do termo *intencionalidade* para se referir à consciência. No penúltimo subitem da seção XIV, o autor fala das reações da consciência periférica, em misto de sentimentos e pensamentos: ressentimento, humilhação, rancor, inveja, de um lado, e admiração e vontade de autoafirmação, de outro (1958, p. 11). Tudo isso para, por fim, concluir indicando a dupla tarefa do filósofo do país subdesenvolvido: tarefa crítica e tarefa construtiva. Aquela significa “denunciar a falácia do pensar abstrato, o dualismo da posição histórica, o caráter privilegiado da produção metropolitana e praticar a redução sociológica das ideias do centro dominante” (VIEIRA PINTO, 1958, p. 11). Por sua vez, a tarefa construtiva, o viés ético-político da proposta, se afirma da seguinte maneira: “produzir a ideologia do desenvolvimento [...]; construir uma visão universal da realidade; trazer a contribuição da filosofia à luta pela formação da consciência nacional mediante a emancipação econômica, a ascensão cultural das massas e a conquista de um destino histórico autônomo.” (1958, p. 11).

Assim, a tarefa crítica é uma tarefa que insere a filosofia no campo da sociedade e da cultura. De fato, denunciar a filosofia como abstração, como desvinculada da causa, a qual é a cultura em dada sociedade. Também, a existência da dual posição metrópole-periferia, na qual a produção da metrópole tem ares de superioridade e fica como a única a ser reproduzida no país subdesenvolvido, como se sua filosofia fosse, e não a do centro metropolitano. Caberia ao filósofo da periferia o papel de tabelião de ideias, como analisa o autor, com fina ironia, em *O Conceito de Tecnologia*. Afirma Vieira Pinto:

Tal como têm sido redigidos até hoje os poucos, confusos e irrelevantes ensaios designados no país atrasado pelo nome de “filosofia”, são uma modalidade de alienação cultural em forma praticamente pura. O filósofo, não tendo nada de próprio a pensar, satisfaz-se em respirar os zéfiros divinos provenientes das regiões ocidentais cultas, [...]. Algumas consequências bizarras [...] derivam desta situação. No país subdesenvolvido, o filósofo, como só registra o que foi pensado e dito nos centros metropolitanos, pode ser chamado de tabelião de ideias. A cultura, em conjunto, constitui o cartório dos conhecimentos alheios. Obrigado a colecionar e registrar os produtos do pensamento de origem externa, o filósofo na verdade nunca chega a ser escritor; não passa de escrevente. [...] Apenas lavra uma escritura do que os outros, os sábios estrangeiros, declaram perante ele. No país subdesenvolvido é impossível o surgimento de verdadeiros livros de filosofia. A verdade não consiste na descoberta de algum novo aspecto de ser, mas na fidedignidade das cópias e traslados dos documentos recebidos. A cultura é o conjunto dos registros dos bens intelectuais fielmente reproduzidos, fabricados por pensadores de fora e apenas adquiridos por nativos com especial inclinação e suficiente tempo vago para se dedicarem a este gênero de dissipação espiritual. (VIEIRA PINTO, 2005, pp. 45-46)⁹

Por sua vez, praticar a redução sociológica remete ao conceito de outro isebiano, Guerreiro Ramos, significando a descolonização crítica do pensamento sociológico da metrópole. Ou seja, reduzir (no sentido fenomenológico do termo, inspirado por Husserl) os conceitos, categorias e teorias importadas de outros contextos sociais e históricos à sua dimensão concreta, ou seja, ao contexto brasileiro e latino-americano (RAMOS, 1996). A tarefa construtiva é um corolário da tarefa crítica e mostra os objetivos práticos decorrentes do trabalho da tarefa crítica. Nessa seara está a “ideologia do desenvolvimento” produzindo a consciência nacional por meio da emancipação econômica, da ascensão cultural das massas e da conquista de um destino histórico autônomo.

⁹ Sobre o tema, ver também: MONTANS BRAGA, 2024, p. 99-119.

Os itens finais do Programa, XV e XVI, decorrem do anterior. Com efeito, intitulam-se *Filosofia e desenvolvimento* e *O sentido humanista da filosofia do desenvolvimento*, respectivamente. Analiso-os a seguir.

O item XV, *Filosofia e desenvolvimento*, se conecta a ao menos três outros do Programa. Imediatamente, ao XIV, *A filosofia do ponto de vista do filósofo do país subdesenvolvido*. As razões estão desdobradas acima, na análise do tópico XIV. Porém, há ainda dois outros momentos em que a ligação entre filosofia e desenvolvimento se apresenta. No item XI, *Os determinantes humanos da filosofia*, Vieira Pinto apontara para o caráter nacional das escolas e tendências filosóficas. E, no item XI.3.b, cita casos históricos comprobatório da tese, como o marxismo soviético, o pragmatismo americano, a sofística ateniense, a filosofia romana, o pensamento judaico, o empirismo inglês, o idealismo alemão, o racionalismo continental. Entre esses, introduz exatamente a “filosofia do desenvolvimento dos países atrasados” (1958, p. 8). O outro momento a que se liga o item XV do Programa vem a seguir, quando, ao tratar das *Divisões da História da Filosofia* (item XIII), propõe em XIII.4 “Nova tentativa na divisão da história filosófica: a divisão em metropolitana e periférica” (1958, p. 9). Como se expande, pois, no Programa, a relação filosofia-desenvolvimento?

Como condição dos demais desdobramentos, o autor entende o desenvolvimento nacional como processo de caráter existencial, ou seja, projeto de uma comunidade (1958, p. 11). Mas não apenas. Nos sete subitens do item XV, está em esquema o que derivaria nas obras vindouras, já citadas. Há, em primeiro lugar, o papel do indivíduo no projeto existencial comunitário, nacional. A condição para esta participação deriva de uma das teses do existencialismo vieiriano, a saber, que o indivíduo tenha consciência da realidade. Quais as modalidades dessa consciência e qual se presta ao projeto? É o que se

apresenta nos tópicos “a” e “b” do subitem 4. A consciência ingênua e a consciência crítica. Para aquela, propõe uma fenomenologia dos comportamentos desta modalidade de consciência. Certamente o autor trataria em aula daquilo que esmiuçou em CRN I (1960a, p. 159-391). Por exemplo, o caráter sensitivo, o caráter impressionista, a absolutização de sua posição, a incoerência lógica, a irascibilidade, a incapacidade de dialogar, o pedantismo, o moralismo, o apelo à violência, o desprezo pela massa, o culto ao herói salvador, a crença na imutabilidade dos padrões de valor, o desprezo pela liberdade, a ignorância do potencial político na atuação internacional, o pessimismo, o ufanismo, o saudosismo etc. Para a consciência crítica, indica o caráter racional e a eficácia de sua ação na aceleração do processo de desenvolvimento nacional. Propõe como problema neste mesmo tópico uma teoria da razão na história (1958, p. 11). A consciência crítica, cuja fenomenologia Vieira Pinto desenvolve em CRN II (VIEIRA PINTO, 1960b, p. 13-413), teria o papel de ser o fundamento da constituição de uma ideologia do desenvolvimento nacional. No mesmo tópico, aparece o tema do “pensador em ‘situação de autenticidade’” (1958, p. 11). As massas aparecem a seguir, com a conversão dessa ideologia em consciência nacional do desenvolvimento, a ideologia como “estado de espírito das massas”, seguida de uma “Marcha da difusão ideológica” (1958, p. 11). Por fim, o demiurgo da política nacional de desenvolvimento, esta constituída pelo caráter derivado do trabalho da consciência crítica, seria o político. Mas não qualquer político, e sim o que for “expressão da consciência das massas” (1958, p. 11).

O último item do Programa, de número XVI, se intitula *O sentido humanista da filosofia do desenvolvimento*. Em IDN, o autor já desenvolvera algumas ideias acerca do tema. Afirma, por exemplo, que

Certamente a reforma a fazer terá de ser profunda. Consistirá [...] em substituir os quadros educacionais inspirados por um humanismo hoje sem sentido, por outros que [...] não serão anti-humanistas, e muito menos anti-humanos, mas simplesmente representativos de nova concepção do humanismo. Deverá ser abandonada a preocupação de formar doutores e exegetas de coisas mortas, para que se constitua o humanismo do nosso tempo, que prezará fundamentalmente o conhecimento das ciências da cultura e da natureza, a posse das técnicas de exploração fecunda da realidade material e as artes que expressem o sentido original do homem brasileiro. Apresenta-se, assim, a educação como aspecto capital da teoria do desenvolvimento. (VIEIRA PINTO, 1960, p. 44)

Esta citação vai ao encontro do item XVI.2, que busca uma definição de humanismo “do ponto de vista do país subdesenvolvido” (1958, p. 11). Ademais, a expressão assim compreendida terá como corolário um humanismo próprio à teoria do desenvolvimento, que terá o “homem como objetivo supremo do empenho de transformação da realidade” (1958, p. 12). Essa tese implica três pontos que estão presentes no final do Programa, a saber, “a subordinação das condições de fato aos interesses humanos”; a “defesa dos valores humanos na teoria do desenvolvimento” e o objetivo de evitar a “interpretação errônea”, ou seja, aquela em que o desenvolvimento é finalidade em si mesmo, com o “risco de supressão de liberdade” (1958, p. 12).

3. Notas finais

O datiloscrito do CRF pode ser compreendido como uma fotografia de um dos aspectos do laboratório de ideias que foi o ISEB. No caso, o aspecto filosófico. O papel da filosofia nessa instituição foi decisivo. Com efeito, teve como protagonistas dois grandes filósofos brasileiros. Um, Roland Corbisier, autor de importantes ensaios filosóficos e sobre o Brasil, bem como de uma excelente *Introdução à Filosofia*, em vários tomos, infelizmente esgotada no mercado editorial. O outro, Álvaro

Vieira Pinto, pensador brasileiro responsável pela confecção de um sistema filosófico extremamente sofisticado, como atesta sua produção posterior ao CRF, parte publicada anos antes do golpe de 1964, ainda no período isebiano, parte confeccionada no exílio no Chile, parte desenvolvida quando do retorno ao país na condição de “exilado” em sua própria pátria. Isso porque Vieira Pinto não podia nem publicar, nem ministrar aulas, nem proferir palestras. Essa a condição de seu retorno em 1968, acordada com os militares. São frutos da produção no “exílio pátrio” os dois volumes de *O Conceito de Tecnologia* (2005a, 2005b), bem como *A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos* (2008), ambos publicados postumamente. O CRF é um esquema, uma fotografia do engatinhar das teses de Vieira Pinto, tanto de algumas já esboçadas em IDN, antes do CRF, quanto daquelas abundantemente presentes e expandidas nas obras posteriores.

Qual seria, assim, a importância e a peculiaridade do CRF? A peculiaridade consiste em poder ver um aspecto, o filosófico, do laboratório de ideias originais que foi o ISEB. A importância consiste em mostrar um Vieira Pinto que dominava com precisão a história da filosofia, o que fica claríssimo especialmente nas aulas taquigrafadas, e que não a desprezava, o que é digno de nota. Não foi necessário a Vieira Pinto matar os clássicos para se tornar um clássico. Em vez disso, fez um uso oswaldiano, antropofágico, do repertório filosófico que dominava para exatamente fissurar a bolha da filosofia “bem-comportada” com propostas inusuais, como a da construção de uma filosofia do desenvolvimento, de um novo humanismo, de uma nova divisão da filosofia entre periférica e metropolitana, entre outras inovações que o CRF traz.

Vieira Pinto fez uso do arsenal filosófico *mainstream* para dele extrair um sistema filosófico altamente sofisticado e adequado aos

países subdesenvolvidos. Resta aos nossos historiadores da filosofia fazer bom uso da obra de Vieira Pinto, o que significa, em primeiro lugar, compreendê-la a fundo. E, em segundo lugar, pensar a partir dela. Os frutos certamente serão abundantes e inovadores. Nada mais instigante. Nada mais filosófico.

Referências

ANDRADE, Oswald. Manifesto Antropófago. In: ANDRADE, Oswald. *Obras Completas* (Vol. VI). Rio de Janeiro: ed. Globo, 1970, pp. 11-19. [1970].

CÔRTEZ, Norma. *Esperança e Democracia: As ideias de Álvaro Vieira Pinto*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: ed. UFMG e IUPERJ, 2003.

GALIMATIAS. In: *Dicionário Online Caldas Aulete*. Disponível em <https://aulete.com.br/galimatias>. Acesso em 07 ABR 2025.

MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. Filosofia, Alienação, Dominação: Álvaro Vieira Pinto e o Conceito de Tecnologia. In: CARVALHO, H. B. A e ABRAHÃO, L. H. de L. *Perspectivas da Filosofia da Tecnologia no Brasil*. Teresina: EDUFPI, 2024.

RAMOS, Alberto Guerreiro. *A redução sociológica*. Rio de Janeiro: ed. da UFRJ, 1996.

VIEIRA PINTO, Álvaro. Entrevista [Documentário Civilização & Cultura]. In: *Revista de Cultura Vozes*, n. 6, ano 64, vol. 64, 1970, pp. 05-20 [1970].

VIEIRA PINTO, Álvaro **Curso Regular de Filosofia** - Programa e Transcrição de Aulas Taquigrafadas (não revistas pelo autor). Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Cópia Fac Símile de exemplar mimeografado do acervo do Prof. Michel Debrun (Acervo do CLEHC, UNICAMP). Disponível em: file:///C:/Users/Luiz%20Carlos/Downloads/Alvaro_Vieira_Pinto_Curso_Regular_de_Fil-1.pdf. Acesso em: 26 MAR 2025 [1958].

VIEIRA PINTO, Álvaro. Nota Introdutória. In: JASPERS, Karl. *Razão e anti-razão em nosso tempo*. Tradução de Álvaro Vieira Pinto. Rio de Janeiro: edição do Ministério da Educação e Cultura / Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1958a.

- VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ideologia e Desenvolvimento Nacional*. 4ª edição. Rio de Janeiro: ed. ISEB, 1960.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e realidade nacional (Vol. I - A consciência ingênua)* Rio de Janeiro: ed. do ISEB, 1960a.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e realidade nacional (Vol. II- A consciência crítica)* Rio de Janeiro: ed. do ISEB, 1960b.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. *O Conceito de Tecnologia (Vol. I)*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. *O Conceito de Tecnologia (Vol. II)*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. *A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos: introdução metodológica ou prática metodicamente desenvolvida da ocultação dos fundamentos sociais do "vale de lágrimas"*. José Ernesto de Fáveri (org.). Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2008.
- PINTO, Álvaro Vieira. *Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2020.

SOBRE O AUTOR

Luiz Carlos Montans Braga

Foi professor efetivo de Filosofia do DCHF da UEFS (2018-2025). Realizou pós-doutorado em Filosofia na PUCSP sob supervisão de Antonio Valverde, é doutor em Filosofia pela PUC-SP, mestre em Direito pela FDUSP e graduado em Direito (PUCSP) e Filosofia (FFLCHUSP).

É autor de capítulos e artigos acadêmicos, destacando-se *Filosofia, alienação, dominação: Álvaro Vieira Pinto e o conceito de tecnologia* (EDUFPI, 2024), além de publicações na *Revista Direito e Práxis* (UERJ) e nos *Cadernos Espinosanos* (USP).

Suas pesquisas focam, há cinco anos, em pensadores brasileiros, especialmente Álvaro Vieira Pinto e Gustavo Corção.



A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de produção e pesquisa científica/acadêmica das ciências humanas, distribuída exclusivamente sob acesso aberto, com parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil e exterior, assim como monografias, dissertações, teses, tal como coletâneas de grupos de pesquisa e anais de eventos.

Conheça nosso catálogo e siga as nossas páginas nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org

UM FILÓSOFO DO BRASIL?

OS CAPÍTULOS A SEGUIR SÃO O RESULTADO DE PESQUISAS QUE SE INICIARAM EM MEADOS DE 2019.

DEPOIS DE ANOS NA ACADEMIA PESQUISANDO AUTORES DO CÂNONE FILOSÓFICO, VOLTEI À VELHA QUESTÃO DA FILOSOFIA DO BRASIL. E ELA ME LEVOU A ÁLVARO VIEIRA PINTO. QUE HÁ FILOSOFIA NO BRASIL, É CONSENSO. O PROBLEMA É A EXISTÊNCIA DE UMA FILOSOFIA DO BRASIL. APÓS LER E OUVIR PAULO MARGUTTI, ENTRE OUTROS DEFENSORES DA TESE DA EXISTÊNCIA DE UMA FILOSOFIA "DO" BRASIL, BEM COMO IVAN DOMINGUES E COLEGAS QUE GRAVITAM EM TORNO DE SUAS IDEIAS, DEFENSORES DA POSIÇÃO DO "NO", A QUESTÃO ME PARECEU RESOLVIDA QUANDO DA LEITURA DAS PRIMEIRAS PÁGINAS DE O CONCEITO DE TECNOLOGIA. TRATA-SE DA OBRA PÓSTUMA DE ÁLVARO VIEIRA PINTO ACERCA DO TEMA, PUBLICADA EM DOIS VOLUMES, EM 2005, PELA CONTRAPONTO, A PRIMEIRA DO AUTOR QUE ME CAIU EM MÃOS.

VIEIRA PINTO É UM FILÓSOFO DO BRASIL, NÃO RESTA DÚVIDA. E, DE UM PONTO PERIFÉRICO DO PLANETA, DÁ ÀS QUESTÕES A PERSPECTIVA DO INFINITO. ESPERO QUE OS ENSAIOS A SEGUIR, PUBLICADOS EM REVISTAS ACADÊMICAS AO LONGO DESSES ANOS DE PESQUISA, E ORA REUNIDOS, POSSAM SER SUFICIENTES COMO RESPOSTA À QUESTÃO DA EXISTÊNCIA, OU NÃO, DE UMA FILOSOFIA DO BRASIL. OS ENSAIOS NÃO TRATAM DIRETAMENTE DA QUESTÃO. MAS, AO ANALISAR O PENSAMENTO DE VIEIRA PINTO, SUAS TESES SOFISTICADAS E ORIGINAIS, TRAZEM COMO COROLÁRIO A RESPOSTA.



editora *fi*.org

